



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo

Leonardo Antônio de Carvalho Teixeira

Congregar, Congraçar e Unir: a atuação da Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (1981-1989)

Rio de Janeiro
2014

Leonardo Antônio de Carvalho Teixeira

“Congregar, Congraçar e Unir: a atuação da Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (1981-1989)”

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em História Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Social do Território.

Orientador: Prof. Dr. Sydenham Lourenço Neto

Rio de Janeiro
2014

Leonardo Antônio de Carvalho Teixeira

**“Congregar, Congraçar e Unir: a atuação da Associação das Torcidas Organizadas do
Rio de Janeiro (1981-1989)”**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em História Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História Social do Território.

Aprovada em 26 de março de 2014.

Orientador: Prof. Dr. Sydenham Lourenço Neto
Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo - UERJ

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Martin Curi
Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo - UERJ

Samantha Viz Quadrat
Universidade Federal Fluminense

AGRADECIMENTOS

Sem dúvida, chegar aos agradecimentos após o fim de uma etapa tão importante nos deixa com uma enorme sensação de alívio e de dever cumprido. O caminho é longo, a trajetória tem enormes dificuldades, mas devemos ser gratos a inúmeras pessoas por estarem presentes em nossas vidas nesse e em todos os outros momentos.

A CAPES, pela concessão de uma bolsa de pesquisa, sem a qual dificilmente poderia ter concluído o Mestrado.

Ao professor Sydenham Lourenço, tricolor querido, que se revelou mais que um amigo, um mestre que esteve sempre comigo, me auxiliando com conselhos, palavras de incentivo e com toda sua erudição, apesar de torcer pro time das Laranjeiras.

Aos membros da minha banca, tanto na qualificação quanto na defesa, professora Samantha Viz Quadrat e os professores Martin Curi e Gelsom Rozentino de Almeida, por terem contribuído para que eu buscasse novas leituras e por terem dedicado uma parte do seu tempo a estarem junto comigo.

Aos amigos e professores da FFP, por terem se tornado importante apoio nessa busca pelo sonhado diploma de mestre.

À Flora, por todo companheirismo, amor, amizade, força, e outros tantos adjetivos que a tornam a mulher das minhas vidas. Seu sorriso ilumina minhas manhãs, todos os dias.

Aos meus pais, que através de muito esforço e empenho me fizeram chegar aonde cheguei, através de lições diárias de amor, responsabilidade, sendo importantes para minha integridade enquanto pessoa e homem.

Aos amigos, partes essenciais do que eu sou e do que sempre serei. Pelas risadas compartilhadas, pelo ombro sempre disposto a me receber e ouvir.

Ao Flamengo pois, sem ele, dificilmente saberia entender a dor e a delícia de ser um torcedor apaixonado ? organizado, ou não.

Aos meus protetores espirituais, que me protegem todos os dias, em todos os momentos, não me fazendo desistir jamais.

O futebol é a maior invenção da humanidade.

Mauro Cezar Pereira

RESUMO

TEIXEIRA, Leonardo Antônio de Carvalho. “*Congregar, Congraçar e Unir: a atuação da Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (1981-1989)*”. 2014. 116 f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Formação de Professores de São Gonçalo, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2014.

O presente trabalho busca compreender a atuação das Torcidas Organizadas e, torantes especificamente, da Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro, no contexto da anistia política vivenciada no Brasil. Esse também é um período onde se nota o esgotamento do Milagre econômico, com enorme inflação, que acarretou diretamente no aumento do custo de vida e, para os torcedores, na majoração do preço dos ingressos para os jogos de futebol. A alternativa encontrada é uma série de boicotes e greves das torcidas no afã de reduzir o valor das entradas, contando com ampla cobertura da mídia, especializada, Jornal dos Sports, Revista Placar, ou a mais geral, Jornal do Brasil. Nosso objetivo é compreender as diversas iniciativas tomadas pela ASTORJ para alcançar suas vitórias, o discurso presente em suas lideranças, e a maneira como foi construída essa relação dialética entre torcidas e órgãos da imprensa e, para tal, analisaremos reportagens de jornais, revistas e de colunas como A Voz da Galera, presente no Jornal dos Sports, que se somam a entrevistas realizadas por nós junto a figuras-chave da Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: ASTORJ. Imprensa. Anistia. Torcidas Organizadas. Futebol.

ABSTRACT

This paper seeks to understand the role of association of football fans and torantes specifically, the Association of organized fans of Rio de Janeiro, in the context of political amnesty experienced in Brazil. This is also a period where we note the exhaustion of the “economic miracle”, with massive inflation, which led directly to the rising cost of living and, for fans, increase in the price of tickets to the football games. The alternative is found a series of boycotts and strikes twisted in his eagerness to reduce the value of the entries, with extensive media coverage, Specialty - Journal of Sports, Score Magazine - or more generally - Jornal do Brazil. Our goal is to understand the various initiatives taken by ASTORJ to achieve their victories, the present leaders in their speech, and the way it was constructed this dialectical relationship between supporters and media outlets, and for this, we will analyze reports from newspapers, magazines and columns - as “the Voice of Galera”, present in the Journal of Sports - that add up to interviews conducted by us with the key figures of the Association of organized fans of Rio de Janeiro.

Keywords: Soccer. ASTORJ. Amnesty. Press. Soccer fans.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 UMA DISCUSSÃO HISTORIOGRÁFICA SOBRE O FUTEBOL E AS TORCIDAS	13
1.1 Obras referentes ao esporte mais popular do mundo	13
1.2 Dos <i>Hooligans</i> aos <i>Hinchas</i>: diferentes interpretações sobre o ato de torcer	24
1.3 O contexto histórico em que se insere a ASTORJ	34
2 “A VOZ DA GALERA”: RELAÇÕES ENTRE IMPRENSA E ASTORJ (1979-1985)	39
2.1 Um breve histórico sobre os veículos de imprensa a serem analisados	40
2.2 Da ARTORJ à “Tancretada”: Torcidas, Inflação e Imprensa no decurso da década de 1980	48
2.3 A construção da sociabilidade pela “Voz da Galera”	70
2.4 Pierre Bourdieu e a Imprensa	79
3 DE SEU ARMANDO GIESTA A CLÁUDIO CRUZ: TORCIDA E TESTEMUNHO	84
3.1 O uso da história oral na busca pelo que está “sufocado”	84
3.2 De trajetória a trajetória: Na raça de Cláudio Cruz e na Young de “Seu” Armando Giesta	89
3.3 Amizades, Rivalidades e a Imprensa: breves relatos	97
3.4 ASTORJ, Política e polícia: algumas considerações.	100
3.5 Do Maracanazzo ao Novo Maracanã: Experiências conflitantes.	105
3.6 Torcer = ato de amor?	108
CONCLUSÃO	110
REFERÊNCIAS	112

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa visa contribuir para crescente número de estudos sobre novos atores da História Social. Nossos focos são, mais notadamente, o futebol e seus torcedores, organizados ou não, que vêm sendo fruto de diversos trabalhos na Academia, especialmente desde os anos de 1990.

Destaca-se, aliás, o *boom* de obras publicadas sobre o esporte mais popular do país no contexto da realização da Copa do Mundo de 2014 no Brasil, 64 anos depois do primeiro mundial, para o qual foi construído especialmente o Estádio Mário Filho, conhecido popularmente como “Maracanã”, desde então, principal estádio da cidade do Rio de Janeiro, utilizado nos clássicos entre os clubes mais importantes do Estado e, com ainda maior frequência, por Flamengo e Fluminense.

Para receber a competição organizada pela FIFA foi preciso construir novos estádios – denominados como “Arenas” – e a reformulação de outros, como o próprio Mário Filho, o que acabou gerando uma mudança no perfil socioeconômico daqueles que frequentam os jogos, uma vez que o preço dos ingressos cresceu de maneira substantiva por conta do aumento do custo operacional das praças esportivas, muito mais modernas e caras do que as existentes até então.

Na esteira dessa questão, há também uma mudança cada vez mais notável relativa aos hábitos dos torcedores, tais como, por exemplo, a proibição do consumo de bebidas alcoólicas em muitos estados – para a Copa será permitida -, e a dificuldade para as torcidas organizadas se estabelecerem em estádios equipados por assentos em toda sua extensão, indo de encontro às suas tradições de assistirem ao jogo todo em pé.

Outro ponto importante é relativo aos programas de sócio-torcedor, como o estabelecido pelo Flamengo, por exemplo, que no afã de garantir um número maior de filiados, acabam se coadunando às maiores taxas cobradas pelas administradoras para utilização dos estádios, gerando um processo cruel de elitização do futebol.

Essa problemática não é, contudo, inédita na história do esporte mais importante do país. E é justamente nesse ponto que nossa pesquisa se escora. Retornando à década de 1980, houve um crescimento desordenado no preço das entradas, embora com uma motivação diferente: naquela altura, houve um aumento desordenado na inflação no país, fruto do esgotamento do dito “Milagre Econômico”, acarretando numa enorme crise financeira.

Por conta disso, no decurso dessa década, os ingressos sofreram reajustes de até 100%, muitas vezes em um intervalo de tempo relativamente curto, tornando essa espécie de lazer praticamente impeditivo para as pessoas de menor poder aquisitivo. Diversas manobras foram orquestradas pelos torcedores para solucionar essa questão e comover as autoridades responsáveis: greves, boicotes, enterros simbólicos. Somada a isso e a um âmbito de anistia política e surgimento de novos movimentos sociais, é criada a ASTORJ – Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro – que visava reunir grupos de torcedores dos times do Rio de Janeiro para lutar, principalmente, contra o reajuste dos ingressos, mas também pelo direito de participar das decisões das entidades responsáveis pelo futebol no estado e por melhores condições de segurança nos estádios.

Nossa pesquisa visa elucidar as diversas maneiras pelas quais a ASTORJ se transformou em um instrumento de luta para os torcedores, e de como foi feito o diálogo entre a Associação dos Torcedores do Rio de Janeiro e a imprensa carioca, responsável por cobrir os protestos e reivindicações e levá-los ao grande público, por assim dizer. Também buscamos utilizar a Revista Placar, importante meio de comunicação cujo público-alvo é o futebol e seus apaixonados expectadores, para compreender de que forma a luta no Rio de Janeiro era vista em outros estados do país. Além disso, recuperamos uma coluna criada no Jornal dos Sports, chamada “A voz a galera”, que servirá para a comunicação entre os torcedores, contendo reclamações sobre o desempenho de seus respectivos times, provocação contra adversários e informes sobre a ASTORJ.

Como se trata de um trabalho de História é necessário que haja um recorte cronológico. E, como já foi dito de forma superficial em parágrafos anteriores, a década de 1980 foi marcada pelo processo de anistia e, principalmente, de transição democrática do Regime Militar para a democratização. Buscamos, por conta disso, trabalhos que nos ajudassem a compreender esse panorama, dedicando o primeiro capítulo de nosso estudo para a bibliografia relativa a esse assunto e ao futebol e seus torcedores, na tentativa de construir nosso objeto de maneira satisfatória.

Nosso estudo conta, ainda, com um capítulo onde utilizamos o arcabouço teórico proposto pela História Oral, na análise de dois importantes membros da Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro. Através da trajetória de vida de ambos, suas experiências e vivências, podemos reconstruir os fatores que levaram ao fracasso da associação, como a divisão presente dentro do próprio grupo vinda, principalmente, das torcidas de Botafogo e Vasco. Ademais, resgatar a história da ASTORJ, de seus membros e suas lutas, pode auxiliar atualmente, em virtude do contexto de modernização do futebol e

seus diversos efeitos sobre as classes populares, que têm tido uma dificuldade cada vez maior de frequentar o Maracanã, principalmente.

1 UMA DISCUSSÃO HISTORIOGRÁFICA SOBRE O FUTEBOL E AS TORCIDAS

O futebol é síntese da História.

Hilário Franco Jr.

1.1 Obras referentes ao esporte mais popular do mundo

O futebol tem sido alvo de pesquisas cada vez mais frequentes, dentro do ambiente acadêmico ou não, sobretudo desde o início da década de 1990 do século passado. Antropólogos, sociólogos, jornalistas e, mais recentemente, historiadores, vem se debruçando sobre essa temática, contribuindo para o crescimento do debate em torno do esporte, que até então, ficava restrito apenas às conversas de botequim, ou às chamadas “mesas redondas” que podem ser assistidas pela televisão ou rádio.

Parte dessas pesquisas se desenvolveu em virtude do fim do preconceito que existia nas universidades, que atribuía pouca ou nenhuma importância às questões de caráter social, valorizando sobremaneira os trabalhos ligados ao econômico ou político.

Um dos motivos dessa valorização do futebol como elemento de pesquisa e que reforçou a necessidade do debate mais amplo sobre o assunto é a realização da Copa do Mundo de Futebol da Fifa, no ano de 2014, tendo o Brasil novamente como país-sede, 64 anos depois de receber uma edição. Naquele momento, em 1950, a seleção brasileira acabou sendo derrotada pelo Uruguai, pelo placar de 2x1, provocando um trauma profundo na população do país, justificando algumas teorias que apontavam para o “complexo de viralata” que seria condição essencial do nosso povo.

Vale frisar, aliás, que naquela copa, o Brasil teria sido campeão até com um empate, e o Maracanã – Estádio Mário Filho, construído especialmente para o evento – recebeu um público enorme, de quase 200.000 pessoas, cerca de 10% do total da população do Rio de Janeiro.

Partamos agora para a discussão historiográfica com ênfase em obras que de alguma maneira contribuíram para a nossa pesquisa, uma vez que em termos quantitativos seria

impossível fazer uma análise que englobe o todo já desenvolvido desde que o futebol passou do campo de jogo para a Academia.

Procuraremos seguir uma ordem cronológica e, portanto, iniciamos com um dos maiores responsáveis pela popularização desse esporte, dando nome oficial ao principal estádio do Rio de Janeiro: Mário Filho. Esse jornalista e escritor, ainda na década de 1940 – portanto, muito antes até dos primeiros trabalhos sobre o tema – publicou “O negro no futebol brasileiro”¹, leitura obrigatória para todos aqueles que são aficionados por essa prática esportiva. Através de uma escrita de fácil entendimento e bastante dinâmica, Mário Filho nos mostra a trajetória de um personagem que, em um primeiro momento foi excluído do futebol – o negro – por conta do caráter elitista que esse esporte tinha em seus primeiros anos no país, até a sua presença em todos os principais clubes nacionais.

Escrevendo antes dos primeiros títulos mundiais da seleção brasileira – o primeiro ocorreu apenas em 1958 – Mário Filho faz uma espécie de “história” do futebol até aquele momento e mostra as diversas maneiras utilizadas pelos negros para se inserirem nesse contexto de qual eram excluídos, como o caso do jogador negro que, para jogar no Fluminense, do Rio de Janeiro, teve de cobrir o rosto com pó de arroz. Curiosamente, esse fato acabou por dar aquele que talvez seja o apelido mais famoso utilizado para chamar o clube das Laranjeiras. Vale citar também como curiosidade, as belas festas da torcida tricolor utilizando justamente esse elemento característico.

Para muitos, esta obra de Mário Filho é tão importante que acaba por se constituir em uma espécie de “Mito Fundador” para as pesquisas sobre futebol. O autor também merece destaque em virtude da sua participação no “Jornal dos Sports”, sendo por muitos anos dono do mesmo, tornando este veículo de imprensa um fenômeno nacional. Apesar de sofrer inúmeras críticas *a posteriori* - como a ideia defendida por Mário de que o negro foi o inventor do gingado, e até mesmo do “estilo de jogar brasileiro”, sendo por muitos visto como um romântico – o livro é leitura essencial para todos aqueles que estudam o esporte.

A seguir, temos o pioneiro no que se refere ao uso da “tabelinha” entre futebol e a antropologia, no Brasil: Roberto da Matta, no já clássico “O Universo do Futebol”, escrito em 1982. Através do uso de conceitos chaves para a compreensão antropológica, como “ritual” e “drama” o autor faz uma análise comparativa entre os casos de Brasil, Inglaterra e Estados Unidos e seus respectivos estilos de jogo e de como o esporte se desenvolveu em cada um

¹ FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.

desses países, para mostrar as diversas tensões que o futebol traz, com a sua gama de significados sociais e políticos.

Além da antropologia, a sociologia se mostra bastante profícua para nosso trabalho e, sendo assim, é fundamental que citeamos Norbert Elias e Eric Dunning com sua pesquisa sobre o futebol, em fins dos anos 80 e início dos 90. Grosso modo, o autor enquadra os esportes como parte do chamado “processo civilizador” pelo qual a Europa passou. Desse modo, analisando a trajetória do futebol na Inglaterra, a sua criação pela elite, a apropriação e integração das classes populares e o fenômeno do *hooliganismo*, os autores nos mostram a dificuldade de ser mantido o “processo civilizador” nos jogos de futebol, em virtude da sua densa carga de emoções.

Além do já citado Mário Filho, da contribuição da sociologia e antropologia, destaquemos outros jornalistas que foram importantes para a construção de nossas hipóteses de trabalho. Temos, por exemplo, o livro escrito por Cláudia Mattos, “Cem anos de futebol”, com um panorama sobre a história do Campeonato Carioca de futebol, escrito em 1997. Nesta obra, analisa-se cada um dos principais clubes do estado, chamados de “grandes” – Flamengo, Fluminense, Vasco e Botafogo – sob a luz de suas torcidas, e de como foram construídos os “mitos fundadores” de cada uma delas: a ideia do torcedor do Fluminense como aristocrata, ligado à elite, do flamenguista ligado às classes populares, o Botafoguense como supersticioso, etc.

Como não poderia deixar de ser, nossa obra se inspira profundamente em trabalhos feitos por historiadores, como o de Leonardo Affonso de Miranda Pereira², *Footballmania*, fruto de sua tese de doutorado na UNICAMP, onde o autor busca fazer uma história social do esporte no Rio de Janeiro, nos primeiros anos da República. Destaca-se, especialmente, a trajetória de incorporação das classes mais pobres no futebol, esporte inserido no país pela elite, já nos primeiros anos de prática. Segundo Pereira,

já no fim da década de 1910 o entusiasmo que ele (o futebol) causava na cidade não permitiria mais aos contemporâneos caracterizá-lo como uma prática restrita ao grupo dos esportistas filiados aos clubes elegantes da cidade. Tornando-se cada vez mais evidente a participação no jogo dos negros e dos operários que se tentava excluir.

Curioso notar também que muitos importantes letrados, como Lima Barreto e Graciliano Ramos, consideravam improvável que o futebol fosse efetivamente ser bem

² PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

sucedido por aqui. Graciliano Ramos defendia, aliás, que esse esporte era por aqui apenas um modismo estrangeiro de curta duração.

O livro também acompanha as disputas em torno do esporte e, a utilização do ideal de saúde atribuído a prática do futebol como forma de legitimá-lo, em um contexto de diversas disputas sobre o jogo.

Para finalizar a obra, o autor busca mostrar a evolução do “foot Ball” para o futebol, ou seja, a construção de uma prática esportiva que criou o pensamento de que o Brasil é o país do futebol. Destaca-se também a utilização do esporte para fins políticos a partir da percepção de Getúlio Vargas, no âmbito do Estado Novo, das amplas movimentações populares em torno da Copa do Mundo de 1938, das emoções que causava e de como isso poderia ser utilizado por esse governante para a construção do ideal de brasilidade, por assim dizer.

Nosso estudo prossegue com outra obra de referência para os estudiosos do futebol, feita pelo historiador Hilário Franco Júnior, professor da Universidade de São Paulo. Falamos do livro “A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura”³. Este ensaio vem com o objetivo de pensar esse esporte, uma vez que nas palavras do próprio autor “o futebol é bastante jogado e insuficientemente pensado”.⁴

Nesse sentido, o livro pode ser dividido em duas partes, sendo a primeira com o intuito de corroborar a ideia principal do autor de que o futebol pode ser visto como uma espécie de micro-história do mundo contemporâneo. Assim sendo, Hilário busca as raízes do esporte – a exemplo de outros trabalhos – com o diferencial de relacioná-lo a história da própria civilização.

Desse modo, o futebol tem seu início na forma contemporânea, por assim dizer, em meados de 1850, em uma trajetória que acompanha o período do Imperialismo e da chamada Segunda Revolução Industrial – especialmente da Inglaterra, levando o jogo para outros locais do mundo. Temos, nas palavras de Hilário, que:

o imperialismo inglês evidentemente exportava não apenas uma longa série de produtos industriais e de serviços, mas também fenômenos sociais e culturais que os acompanhavam, mesmo sem premeditação, e cuja origem inglesa por si só atraía, conferindo-lhes ares de modernidade.⁵

³ FRANCO Jr., Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁴ Idem.

⁵ FRANCO Jr., Hilário. *op.cit*, nota 3.

As mudanças que o futebol vivencia, como o estabelecimento de suas principais regras, por exemplo, acabam sendo reflexo do próprio meio em que foi criado, “A popularização do jogo e o aceleração das transformações sociais levaram a uma série de novas mudanças nas regras do futebol”⁶. Outro ponto sensível é a luta entre aqueles que defendiam o amadorismo e o profissionalismo: “como seria de se esperar em sociedades crescentemente mercantilizadas, o futebol de jogo estudantil foi se tornando atividade profissional”.⁷

Hilário também faz um paralelo bastante interessante entre o desenvolvimento do esporte mesmo que o mundo caminhasse para a guerra. Citemos, por exemplo, o desenvolvimento do futebol feminino no período do primeiro grande conflito mundial “com a guerra, moças de família operárias foram trabalhar nas fábricas de munição e, no bojo do processo geral de emancipação das mulheres, apropriaram-se também do futebol”⁸. Ou o estímulo feito por oficiais aos seus soldados para a prática do futebol, uma vez que mantinha a forma física e contribuía para a amizade das tropas.

No período prévio à Segunda Guerra Mundial, no contexto de ascensão do nazifascismo, a obra nos mostra de maneira bastante consistente os esforços feitos especialmente por Benito Mussolini na utilização do esporte para coesão social e nacional. Nesse sentido, a construção de estádios pela Itália e do esforço feito pelo país para sediar a segunda Copa do Mundo da História, em 1934, é exemplar. A já célebre carta enviada por Mussolini para o capitão do time italiano também é abordada:

na partida final a Itália enfrentou a Hungria, cujo primeiro-ministro, nomeado no mês anterior, apesar de homem de direita, buscava naquele momento aproximar-se da Inglaterra e da França, o que instigou o famoso telegrama que Mussolini mandou a seus jogadores na véspera da decisão: “Vencer ou morrer”⁹.

Como era de se esperar, no percurso histórico feito pelo futebol nas páginas escritas por Hilário Franco Júnior, o período vivenciado durante a Guerra Fria é abordado de maneira

⁶ FRANCO Jr., Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

⁷ *Ibidem*. p. 43.

⁸ FRANCO Jr., Hilário. *op.cit*, nota 6. p. 45.

⁹ FRANCO Jr., Hilário. *op.cit*, nota 6. p. 52.

bastante pertinente. Temos, por exemplo, que “É no plano tático que mais se percebe a influência da Guerra Fria sobre o futebol”¹⁰.

As disputas de clubes dos diferentes modelos de mundo, por assim dizer, socialismo e capitalismo, se refletiam de enorme importância, sendo cada vitória bastante comemorada, com destaque efetivo para o mágico time húngaro, comandado pelo craque Puskas, e a primeira derrota sofrida pela Inglaterra em 90 anos, dentro do seu próprio território.

A seguir, o autor passa a analisar o futebol brasileiro em um recorte histórico. Todas as questões já citadas aqui, debatidas por outros pesquisadores, estão presentes, como o embate entre setores da elite e populares pela prática do jogo, a disputa em torno da presença do negro no esporte, as disputas entre a corrente que defendia o amadorismo e a passagem ao profissionalismo.

Hilário passa, então, para o momento em que o futebol passa a ser definitivamente um esporte de massas, com a análise do surgimento das primeiras torcidas organizadas de cada clube, além do fracasso da seleção brasileira na copa realizada no país.

Adiante, Hilário volta a sua atenção para a Europa, no período liberal, aproximadamente de 1974 até 1995, destacando a chegada do futebol aos EUA, a criação da liga profissional estadunidense – MLS – com a atração de grandes jogadores para ela, como Pelé, entre outros. Nesse subcapítulo, o autor destaca o crescimento mercadológico do futebol, até mesmo com o crescimento da audiência. Temos que “a Copa do Mundo revelava-se negócio extraordinário, com audiência que dava saltos constantes: 5 bilhões acumulados de telespectadores em 1982, 8 bilhões em 1986, 32 bilhões em 1990”¹¹.

Retornando a análise que recaia sobre a Europa, o autor aborda a questão da globalização – também já citada – e seus efeitos naquele que é o esporte mais popular do mundo. Com dados retirados de inúmeras estatísticas, a saber – números de estrangeiros participantes da Liga dos Campeões da Europa, de gastos de cada clube europeu, de atletas saídos do Brasil, etc. Importantíssima também a valorização feita pelo autor em torno do papel da televisão. Segundo Hilário, “a melhor expressão econômica e esportiva do futebol a

¹⁰ FRANCO Jr., Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 56.

¹¹ *Ibidem*. p. 117.

partir de fins do século XX”¹². Ainda segundo ele, “a receita de direitos televisivos dos maiores clubes da Europa cresceu entre 1984 e 1999 em 1220 vezes”¹³.

A ótica que opõe a globalização a atos de reafirmação de nacionalidades, feita especialmente por setores de extrema-direita também é abordada, com a questão do aumento das manifestações racistas nos estádios europeus.

Finalizando a primeira parte de seu livro, Hilário volta a analisar o caso brasileiro, reafirmando as relações entre política e outros aspectos sociais ao futebol. Destacam-se os primeiros títulos relativos à Copa do Mundo pelo selecionado do Brasil e, conseqüentemente, o protagonismo de Garrincha e Pelé. Outros pontos importantes têm a ver com o início da ditadura militar brasileira, no ano de 1964. O autor chama atenção para a propaganda feita pelo regime do título do selecionado no Mundial do México e a posterior eliminação do time “canarinho” na copa seguinte. Temos que:

sinônimo do regime por obra da propaganda, o time foi duramente criticado e a casa do técnico Zagallo cercada e apedrejada por populares. Devido à simbiose entre ditadura militar e seleção, as manifestações de desagrado não se restringiram aos insucessos do escrete canarinho. O descontentamento contra o regime ressurgia com força.¹⁴

Acompanhando a transição do regime militar para o democrático, Hilário nos mostra – e isso é especialmente importante para nossa pesquisa – as primeiras manifestações contrárias ao regime no âmbito futebolístico. Segundo ele, corroborando com uma de nossas hipóteses de trabalho:

o mundo do futebol não se manteve isento do clima de contestação, que ali estava presente desde fins dos anos 1960. Tostão concedeu entrevistas defendendo a reforma agrária e confessando ter sido na época da república populista eleitor do agora exilado Leonel Brizola.¹⁵

Outros pontos importantes citados são as atitudes do jogador Afonsinho, que incorporava críticas aos militares tanto em sua aparência – barba e cabelo grande – quanto nas suas atitudes – conseguiu passe livre na justiça – e a criação da Democracia Corinthiana, grupo formado por jogadores desse clube paulista, capitaneado pelo jogador Sócrates, ligado

¹² FRANCO Jr., Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 123.

¹³ *Ibidem*. p. 124.

¹⁴ FRANCO Jr., Hilário. *op.cit*, nota 12. p. 146.

¹⁵ FRANCO Jr., Hilário. *op.cit*, nota 12. p. 147.

tradicionalmente à esquerda, que questionavam uma série de questões em relação ao clube e, em seu próprio nome, estampava a sua preferência política.

Dando prosseguimento à nossa análise da obra “A dança dos deuses”, chegamos à segunda parte do livro, intitulada “Futebol, metáfora do Mundo Contemporâneo”. O autor busca mostrar o futebol como metáfora sociológica – e aqui se incluem aspectos ligados ao nacionalismo, autoritarismo, mercantilização, globalização, violência, solidariedades e rivalidades -, metáfora antropológica – mostrando a ideia de clã, do esporte como uma espécie de “dança sagrada”, guerra simbólica, festa, ou seja, termos que são caros à Antropologia -, metáfora religiosa – e aqui se incluem itens como ídolos individuais, divindade coletiva, rito, templo, símbolos, dogmas, fieis, etc. Esses pontos se mostram importantíssimos para a nossa pesquisa, na medida em que nos fazem compreender pontos-chaves do que é a essência de “ser torcedor”.

Outro trabalho bastante interessante, produzido no século XXI, foi feito pelo jornalista estadunidense Franklin Foer, no livro “Como o futebol explica o Mundo – um olhar inesperado sobre a globalização”. Através de uma viagem por dez países – Inglaterra, Brasil, Irã, Sérvia, EUA, dentre outros -, o autor nos apresenta uma variada gama de personagens e situações, no afã de demonstrar as diversas influências que o esporte é capaz de provocar, em lugares totalmente diferentes do planeta. O autor defende que o futebol é mais um reflexo da globalização, com a presença de atletas multinacionais levando para lugares distantes suas culturas, estilos de jogo e, simultaneamente, sofrendo a influência dos locais visitados, num processo de mão dupla. Sobre esse processo – globalização – o autor nos diz que “Apesar de todas as suas muitas falhas, ela fez com que o futebol chegasse aos recantos mais distantes do planeta.”¹⁶

Foer nos é muito útil, e se utiliza de entrevistas com diferentes personagens - dirigentes, *hooligans*, economistas – para demonstrar que o futebol é muito mais que um mero jogo, sendo por isso o esporte mais praticado no mundo todo. Prova disso, segundo o autor, é que “frequentemente o futebol provoca um sentimento mais profundo que a religião”¹⁷

A seguir e a despeito da área literária não ter a tradição de publicar obras em relação ao esporte mais popular do nosso país, o livro publicado em 2008 por José Miguel Wisnik,

¹⁶ FOER, Franklin. *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. São Paulo: Zahar, 2009.

¹⁷ Idem.

intitulado “Veneno Remédio, O futebol e o Brasil”¹⁸ se mostrou uma leitura bastante importante para nossa trajetória. A explicação para o título do livro nos vem pelas palavras do próprio autor:

o futebol brasileiro é, por sua vez, o saldo ambivalente desse déficit, seu veneno e seu remédio prodigioso. Seria mais um mecanismo de fuga entre outros se não fosse, ao mesmo tempo, o campo em que a experiência brasileira encontrou uma das vias privilegiadas para atravessar o seu avesso e tocar as fraturas traumáticas que nos constituem e permanecem em nós como um atoleiro. (...) Por isso mesmo ele (o futebol) figura como a redenção e falha irresolvida, como o remédio irremediável em que pendulamos, na incapacidade de estender os seus dons vitoriosos e potentes às outras áreas da vida nacional.¹⁹

Na referida obra, Wisnik faz uma análise bastante interessante sobre a trajetória histórica do futebol ao redor do mundo, desde os seus ancestrais mais distantes até o esporte que é jogado atualmente. Nesse sentido, Wisnik tem o mérito de nos apresentar diferenças marcantes de como o jogo de bola é percebido em outros países, como nos Estados Unidos e Inglaterra, a exemplo do que fez Da Matta, já citado anteriormente. Porém, em *Veneno Remédio*, temos a possibilidade de perceber algumas características inerentes ao futebol, que o tornam uma paixão mundial, praticada em todos os lugares do globo.

O arcabouço teórico encontrado nesta obra é extremamente rico e diverso: temos apropriações de sociólogos, antropólogos, historiadores e, como era esperado em virtude da experiência do próprio autor, de escritores fundamentais na literatura brasileira, como Machado de Assis. Até mesmo músicos são citados, como Chico Buarque e sua diferenciação entre “os donos do campo”²⁰ – referência aos europeus, principalmente – e “os donos da bola” – os sul-americanos, especialmente brasileiros – com sua facilidade para inventar e reinventar com dribles, fintas, entre outros pontos, o próprio futebol.

Para além das características já citadas, Wisnik traz sua contribuição em outros dois capítulos de sua obra, diretamente ligados ao Brasil: um deles intitulado “A elipse”, onde estuda diversos aspectos do nosso futebol, desde o trauma – já abordado por nós – da Copa de 1950, até os caminhos tomados por Garrincha e Pelé e a forma como os “Ronaldos” – o “Fenômeno” e o “Gaúcho” – contribuíram para a “futebolização do mundo”, segundo o autor, marcada pela:

¹⁸ FOER, Franklin. *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. São Paulo: Zahar, 2009.

¹⁹ WISNIK, José Miguel. *O Veneno Remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 15.

²⁰ Idem.

concorrência cerrada, que diminui consideravelmente a margem de liberdade e de gratuidade que o futebol incorporou em sua formação, se manifesta, assim, de fora para dentro e de dentro pra fora do campo. Exigido dentro do campo pelo princípio do rendimento intensivo, o futebol se aproxima do espírito dos esportes exaustivamente contabilizados, isso resultado numa espécie de autonegação, com a redução da margem de gols ou da diversidade narrativa dos acontecimentos²¹.

Outro capítulo que aborda o futebol brasileiro tem a denominação de “Bola ao alto”, onde se faz interpretações do nosso país sob a luz do próprio futebol, como a já citada ideia de que esse esporte é, ao mesmo tempo, veneno e remédio para o futuro do Brasil.

Em nossa tentativa de compreender os diversos leques oriundos do futebol, não podemos esquecer os diversos trabalhos produzidos por Simoni Lahud Gomes, referentes ao esporte mais popular do Brasil. Nos parece interessante citar, entre uma gama bastante variada de trabalhos, seu artigo intitulado “Futebol e identidade nacional: reflexões sobre o Brasil”²², no qual podemos perceber o futebol como “principal veículo de brasilidade”²³. Através de um diálogo bastante profícuo com antropólogos, cientistas sociais e historiadores, a autora nos faz compreender questões fundamentais para o nosso trabalho.

Simoni mostra, por exemplo, que todo acontecimento registrado nos campos de futebol pelo país acaba ultrapassando esses limites, servindo para a construção de um debate sobre o próprio povo brasileiro, especialmente a partir da década de 1930, sobretudo de quatro em quatro anos, quando são realizadas as Copas do Mundo da Fifa. Segundo a autora, “é nas Copas do Mundo de Futebol que, até aqui, neste início do século XXI, o sentimento de pertencimento comum é vigorosamente praticado, reiventado, renovado, recriado”²⁴.

Ainda nesse sentido, temos que durante o torneio, “as imensas diferenças sociais e distinções culturais que, nos períodos “normais”, estruturam a sociedade, são secundarizadas e abstraídas, com o foco no sentimento de pertencimento comum mais e mais presente”²⁵. De certa forma, cremos que tal fato também está presente durante os noventa minutos em que cada partida clubística é disputada, ao menos entre aqueles que estão na arquibancada.

Por conta disso, a autora salienta que por muitas vezes o futebol foi taxado como “ópio do povo”, produtor de alienação. Contudo, dois aspectos são ressaltados por Simoni com o afã

²¹ WISNIK, José Miguel. *O Veneno Remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 15

²² GUEDES, Simoni Lahud. Futebol e identidade nacional. In: PRIORE, Mary del; MELO, Victor Andrade de (orgs). *História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Unesp, 2009.

²³ Idem.

²⁴ GUEDES, Simoni Lahud. op.cit, nota 22. p. 462.

²⁵ GUEDES, Simoni Lahud. op.cit, nota 22. p. 463.

de quebrar essa visão tradicional, mais esquemática: “O primeiro é que se trata de um período claramente delimitado, com tempo para começar e terminar, logo, sendo vivenciado, assim como o carnaval, como uma experimentação oposta à “realidade” da vida cotidiana”²⁶ e o segundo “é que este tempo, se não começa de modo abrupto, pode terminar de modo abrupto, através de uma derrota do selecionado, circunstância que reinstaura a diferenciação, a desigualdade, a fragmentação e reintroduz os temas que dominam a estrutura social”²⁷. Ainda seguindo essa lógica, temos que:

as derrotas do selecionado brasileiro nas Copas do Mundo interrompem abruptamente o estado de *communitas*, reintroduzindo subitamente tudo o que estava secundarizado, fazendo com que a História, com seu H maiúsculo, forneça as lentes para a interpretação dos eventos esportivos.²⁸

Mais adiante, a autora traz à baila alguns pontos já abordados por outras obras e citados aqui como a internacionalização cada vez maior do futebol e seus reflexos. Para este fim, Simoni se apropria de uma imagem bastante simbólica, feita após a vitória do Brasil na Copa do Mundo de 2002, quando o capitão do time “canarinho”, Cafu, ao receber a taça de campeão, mostrou para o mundo inteiro uma camisa com a inscrição “100% Jardim Irene”, numa referência clara às suas origens. Tal fato, segundo o artigo, serve para “nos lembrar que, de modo algum, a mundialização, a transnacionalização e a internacionalização, obscurecem o local e o específico. Ao contrário, pode ocorrer a iluminação do local, revalorizado e reinventado.”²⁹

Ademais, em um contexto em que é cada vez maior o número de transferências de atletas brasileiros que se destacam em âmbito nacional para o exterior, e que a própria seleção brasileira é questionada por conta disso – afinal, os jogadores que moram na Europa não teriam a mesma “gana” para representar o selecionado:

a frase pode ser interpretada como uma manifestação coletiva, como uma resposta dos “heróis nacionais estrangeiros” às acusações de que foram objeto. Afirmar, em tão importante momento, sob os olhos de todo mundo, que é 100% Jardim Irene, significa que, apesar de ser contratado por um time europeu e por uma empresa

²⁶ GUEDES, Simoni Lahud. Futebol e identidade nacional. In: PRIORE, Mary del; MELO, Victor Andrade de (orgs). *História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Unesp, 2009. p. 464.

²⁷ Ibidem. p. 464

²⁸ GUEDES, Simoni Lahud. op.cit, nota 26. p. 465.

²⁹ GUEDES, Simoni Lahud. op.cit, nota 26. p. 468.

transnacional (a Nike), apesar de ser muito rico e morar no exterior, sua emoção e sua ligação primeva estão em seu lugar de origem, estão no Brasil.³⁰

Nesse sentido, a autora nos mostra ainda que muitos jogadores passam a investir em projetos sociais, uma “etapa necessária da sua carreira”, normalmente nos lugares onde nasceram e cresceram, numa “tentativa de religar estes jogadores e seu povo, refazendo os laços ameaçados por sua mercadorização”, além de servirem como uma espécie de “compartilhamento de riquezas”.³¹

Passemos agora à análise de outras pesquisas que vieram se somar à nossa e, para tal, devemos analisar obras ligadas a um personagem fundamental para o futebol: o torcedor e, mais notadamente, as torcidas organizadas e suas diversas experiências não apenas no Brasil, mas também em outros locais, para que possamos ter uma dimensão em escala macro dos significados imbricados no ato de torcer.

1.2 Dos *Hooligans* aos *Hinchas*: diferentes interpretações sobre o ato de torcer

Nesse tópico, a ideia é discutir a bibliografia utilizando como critério não mais a cronologia e sim a formação acadêmica escolhida pelos autores. É fundamental frisar que não há qualquer hierarquização relativa à importância dos estudos para nossa pesquisa, sendo a ordem de escolha meramente para facilitar o entendimento dos leitores. Assim, primeiro teremos os jornalistas, depois historiadores e, por fim, sociólogos e antropólogos.

Começamos então nossa abordagem justamente no interior de um desses grupos de torcedores, destacando-se um dos mais violentos: os famosos *hooligans*, que atuam com frequência até hoje por todo o mundo, nas suas diversas variáveis internacionais. Para tal, utilizamos um livro já consagrado, escrito pelo jornalista Bill Bufford: “Entre os vândalos”³², no qual o jornalista inglês faz uma incursão ao longo de 4 anos dentro da torcida do Manchester United, para compreender a atuação desse coletivo, porque são capazes de atos violentos, dentre outras inúmeras perguntas.

³⁰ GUEDES, Simoni Lahud. Futebol e identidade nacional. In: PRIORE, Mary del; MELO, Victor Andrade de (orgs). *História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Unesp, 2009. p. 470.

³¹ Ibidem. p. 479.

³² BUFFORD, Bill. *Entre os vândalos*. Rio de Janeiro: Companhia de Bolso, 2010. p. 15.

O livro é dividido em capítulos intitulados pelos nomes das cidades que os torcedores dos *Red Devils* – como são conhecidos os adeptos do Manchester United – visitaram e, conseqüentemente, provocaram algum tipo de arruaça e violência. Temos, por exemplo, visitas a Turim, Dusseldorf, Sardenha, Cambridge, entre outras. A descrição dos atos de violência é bastante densa e podemos perceber a transformação no autor, na medida em que nunca havia sido fã de futebol, à medida em que se viu em um grande turbilhão de acontecimentos. Um exemplo claro está aqui:

ocorreu, então, algo que eu jamais poderia ter imaginado. Ouvi o trotar dos cavalos, o som penetrante de vidro se estilhaçando e vozes berrando insultos. Vinha descendo pela Broadway uma escolta formada por dez cavalos e uma corrente de policiais cercando um grupo compacto, porém numeroso, de talvez mil pessoas: eram os visitantes. Parece curioso, agora, que eu tenha me surpreendido, já que de lá pra cá presenciei essa mesma procissão um número tão grande de vezes, mas me surpreendi”.³³

Posteriormente, já inserido no seio da torcida, em um jogo no próprio estádio do time, contra o West Ham, Bufford nos dá uma pequena dimensão do que era estar no meio de um conflito de torcidas:

até que, subitamente, algo deu errado. Fui de encontro ao sujeito que estava à minha frente com força, batendo meu nariz. Ele havia parado, voltando-se numa velocidade de desenho animado, as pernas girando como hélices, ao mesmo tempo em que o impulso da corrida carregava o restante de seu corpo para frente. Ele exibia um olhar de pânico intenso no rosto, as mãos agitando-se no ar, agarrando-se a coisa nenhuma, a tudo, a mim, à pessoa ao meu lado, ao corrimão. (...) Não sei o que aconteceu, mal podia pensar nisso, dada a grande velocidade com que corríamos. Alguém emitiu um grito penetrante: “Cachorro! Cachorro! Cachorro!” Não compreendi o que significava aquilo. No momento anterior eles tinham gritado “Morte! Morte! Morte!”³⁴

Outro ponto da obra de Bufford que consideramos importante é referente à análise do autor sobre o conceito de “multidão”. Se apropriando de outros estudiosos como Platão, Alexander Hamilton, Gabriel Tarde, Freud, Burke, etc, o autor nos diz o seguinte: “A teoria das multidões, contudo, raramente nos revela em que consiste essa experiência: o que acontece quando explode a violência; como é o terror; qual a sensação de participar dele, de ser seu criador.”³⁵ E, para nós, a pesquisa desse jornalista inglês é interessante justamente por mostrar esses conflitos do lado de dentro, de que forma se processam, o que acontece durante eles, o pânico, etc.

³³ BUFFORD, Bill. *Entre os vândalos*. Rio de Janeiro: Companhia de Bolso, 2010. p. 15.

³⁴ *Ibidem*. p. 123.

³⁵ BUFFORD, Bill. *op.cit*, nota 33. p. 184.

Analisemos agora a obra de outro jornalista, este argentino, Gustavo Grabia, intitulada “La doce, a explosiva história da torcida organizada mais temida do Mundo.”³⁶ Nela, podemos visualizar o surgimento desse agrupamento na Argentina – as “*barras*” - e, sem sombra de dúvidas, passamos a entender que o fenômeno das Torcidas Organizadas é muito amplo, não podendo ser analisado de maneira simplista ou maniqueísta.

Gabria percorre a torcida pelo seu interior e vai além, mostrando as diversas ligações feitas pela “La Doce”, maior torcida organizada do clube mais popular da Argentina, o Clube Atlético Boca Juniors, com diferentes grupos da sociedade, incluindo políticos e até mesmo a polícia, curiosamente a instituição que deveria controlá-la.

O autor busca fazer uma história da “La Doce” – cujo nome demonstra sua própria devoção, uma vez que os jogadores se consideram o décimo segundo jogador da equipe – escolhendo para tal momentos-chave, como sua fundação e todo o percurso que levou a torcida a ser extremamente poderosa. Esse recorte histórico destaca os principais líderes desse grupo, com foco em suas atuações, chegadas ao topo e, claro, as sucessões. Segundo Grabia, a escolha dessa torcida se dá porque:

a história da Barra Brava do Boca é, vista em perspectiva, a história da violência no futebol. Porque eles são os torcedores que começaram com as mortes e os que institucionalizaram a ideia de que se pode viver dessa violência, deste terror, aplicando-os com as cores de um clube.³⁷

O autor nos mostra que uma combinação perigosa de impunidade e violência, desde meados dos anos de 1930, acaba se refletindo até hoje, no futebol do mundo todo, em diversos episódios de violência entre torcedores. Mas, afinal, o que seria uma “*barra brava*”? Gustavo responde: “a ideia de uma organização forte que, copiando o modelo das unidades básicas, tivesse estrutura piramidal, capaz de obter benefícios a partir do seu trabalho por e para quem governasse os destinos da instituição”³⁸.

Grabia nos mostra o início da cobertura midiática na Argentina em torno das brigas de torcidas, destacando um confronto entre torcedores do Boca Juniors e do Huracán. Lá, nos anos 60, já era possível perceber que a briga envolveu dois grupos bem organizados e não apenas multidões espontâneas.

³⁶ GABRIA, Gustavo. *La Doce: a Explosiva História da Torcida Organizada Mais Temida do Mundo*. Buenos Aires: Panda Books, 2012. p. 17.

³⁷ Idem.

³⁸ GABRIA, Gustavo. *op.cit*, nota 36. p. 19.

A escalada no número de mortes de integrantes de torcida – 12 nos primeiros anos para mais de duzentos em 2012 – é atribuída a associação entre dirigentes, partidos políticos e torcidas, contexto no qual aparece a La Doce. Prova disso, segundo Grabia, é o presidente do Boca Juniors que ficou no poder no clube por incríveis 23 anos, sendo que 21 consecutivos, muito pelo apoio da maior organizada do time.

O autor nos mostra, inclusive, que a violência da torcida era importante no sentido de gerar negócios, como a revenda de ingressos, almoço de graça nos dias de jogo para os membros mais importantes, a renda do estacionamento em torno do estádio, chamado carinhosamente de “La Bombonera”, por conta do seu formato semelhante a uma caixa de bombons. Outra fonte de dinheiro vinha de uma espécie de “pedágio”, cobrado aos ambulantes que quisessem vender refrigerantes e comida durante os jogos sem serem importunados pela torcida.

Tempos depois, esses benefícios aumentam: além dos já citados, a cúpula da La Doce passa a ter direito a viagens de avião para os jogos do Boca Juniors pela América do Sul, na disputa do torneio mais importante do continente, chamado de Libertadores. O autor demonstra que o total arrecadado era tanto que beneficiava até a vida pessoal daqueles que ocupavam cargos importantes, como “Narigón Herrera” e “Cabeza de Poronga”, que conseguiram comprar táxis particulares para trabalhar durante a semana.

Já na década de 1980, há um progressivo aumento do uso de armas de fogo nos confrontos e do prestígio do chefe de La Doce, conhecido como “Abuelo”, que chega a ocupar um cargo junto a Federação Argentina de Futebol, podendo com isso participar de viagens para a Copa do Mundo de 1986, realizada no México e a de 1990, realizada na Itália. No México, aliás, Grabia nos mostra os violentos conflitos que opuseram “barra bravas” e “hooligans”, na véspera da partida válida pelas quartas de final, entre Argentina e Inglaterra. Essa briga foi turbinada por um episódio que deixa marcas profundas na Argentina até os dias de hoje, a Guerra das Malvinas. Ao final da luta corporal, os torcedores do país sul-americano passaram a ostentar de forma orgulhosa, bandeiras tomadas dos ingleses. Esses estandartes foram mostrados durante muito tempo nos jogos do Boca, sendo queimados posteriormente.

Mas até que ponto era possível fugir da alçada da torcida mais famosa do Boca Juniors? Grabia descreve o que acontecia se algum jogador tentasse ir de encontro a La Doce:

Jorge Rinaldi, apelidado de Chancha, havia chegado ao Boca como ídolo, mas a sua recusa de pagar o dízimo provocou ameaças, assobios e insultos da La Doce a cada vez que tocava na bola. Depois, um jantar para arrecadar fundos foi organizado, com

cara jogador tendo que comprar dois ingressos. Rinaldi se recusou e a relação se tornou ainda mais caótica.³⁹

Até mesmo relação com políticos locais são destacadas no livro, notadamente as eleições de Antonio Cafieiro para governador de Buenos Aires e de Carlos Menem para a presidência. O apoio a estes vinha em troca de dinheiro e era demonstrado com faixas enormes nas arquibancadas.

Para que possamos compreender o quão profunda era a rede de influência da La Doce durante os anos 80 e 90, é preciso que expliquemos de que forma a torcida se tornou uma Fundação para lavagem de dinheiro ilegal que recebia através de coações e subornos. Maquiada por objetivos humanitários como “ajuda beneficente e gratuita a pessoas doentes, lesionadas ou deficientes físicos, de baixo ou sem nenhum recurso econômico, e a instituições hospitalares, educacionais e de bem público, sem fins lucrativos”⁴⁰.

A importância do livro de Gustavo Gabria se dá na medida que todas essas ligações, até então, eram apenas supostas – mesmo em clubes brasileiros – mas são comprovadas de maneira cabal, como, por exemplo, em:

o sistema era simples: ele (Rafael Di Zeo, presidente) organizava com os grupos um jantar com preço fixo, levaria os famosos e ficaria com o dinheiro. Geralmente o jantar era realizado em um lugar fechado com capacidade para umas 500 pessoas. Em agosto de 2006 eram pagos quarenta pesos para jantar perto do seu jogador favorito. Também poderiam tirar fotos com ele a um custo de dez pesos, e comprar rifas por cinco pesos para participar de sorteios de camisas, shorts e bolas de futebol com a assinatura de todos os jogadores do time. Tirando as despesas, a La Doce levantava por noite entre 30 e 50 mil pesos, dependendo do local da festa⁴¹.

Passemos agora para outra contribuição importante para o universo dos torcedores e, conseqüentemente, da nossa pesquisa, do escritor inglês Nick Hornby, no livro “Febre de Bola⁴².” Demonstrando sua paixão e fidelidade ao clube pelo qual torce – Arsenal, de Londres – Hornby nos leva em uma viagem com início no ano de 1968 e final em 1992. Na obra, assistimos à trajetória do autor em jogos importantes da História do clube e, mais do que isso, destaca-se a relação feita entre as partidas do time e a vida do próprio escritor, com eventos-

³⁹ GABRIA, Gustavo. *La Doce: a Explosiva História da Torcida Organizada Mais Temida do Mundo*. Buenos Aires: Panda Books, 2012. p. 45.

⁴⁰ Ibidem, pp 55.

⁴¹ GABRIA, Gustavo. op.cit, nota 39. p. 123.

⁴² HORNBY, Nick. *Febre de Bola*. Rocco: Rio de Janeiro, 2008.

chave como títulos, grandes jogos, etc, sendo sempre vistos como coincidindo com seus momentos pessoais.

Á exemplo de muitas pessoas, o autor revela que deixou de realizar inúmeros compromissos – ir em casamentos, aniversários, etc - porque ocorreram justamente em horários dos jogos do Arsenal, que ele sempre assistir no estádio. Exemplo:

Quando sai mancando da quadra de futebol de salão, só sabia que meu tornozelo doía para diabo. E estava inchado pra cacete na frente dos meus olhos. Mas depois, sentado no carro do meu colega de quarto e voltando para casa, comecei a entrar em pânico: eram 12h45, eu não conseguia andar, e tinha de estar em Highbury – estádio do Arsenal – às três. Em casa fiquei sentado com um saco de ervilhas congeladas equilibrado na ponta da perna enquanto examinava as alternativas. Meu colega, a namorada dele, e a minha namorada, sugeriram que eu devia ficar em casa, escutando rádio, já que estava completamente imobilizado e obviamente com dor, mas era claro que isso não era possível; e depois que tomei a consciência que iria ao jogo de qualquer maneira, que existiam táxis, cadeiras na Arquibancada Inferior Oeste e ombro de amigos nos quais poderia me apoiar se necessário, o pânico diminuiu e a coisa tornou-se apenas uma questão de logística⁴³.

As observações de Hornby também nos contemplam na questão da violência dos *hooligans* e, em menor escala, na questão da segurança dos estádios, uma vez que o autor foi testemunha de dois eventos trágicos, considerados divisores de águas, para a presença dos torcedores em estádios. Primeiro, a tragédia de Heysel, em uma partida entre Liverpool da Inglaterra e Juventus da Itália, ocorrida na Bélgica por ocasião da final da Liga dos Campeões Europeus. O autor nos mostra que mesmo antes do jogo na Bélgica, confrontos entre torcedores e a polícia estavam ocorrendo na Inglaterra. Porém, em Heysel, o problema ganhou uma dimensão muito maior e é o próprio Nick Hornby quem nos conta o ocorrido:

No final, a surpresa foi aquelas mortes serem causadas por algo tão inócua quanto uma correria, prática em que metade dos torcedores juvenis do país vinha incorrendo, e que tencionava apenas assustar os adversários e divertir os corredores. Os torcedores do Juventus – muitos deles homens e mulheres chiques, de classe média – não sabiam disso, no entanto, e por que deveriam saber? Não possuíam o intrincado conhecimento do comportamento das multidões inglesas que o restante de nós havia absorvido quase sem notar. Quando viram uma horda de *hooligans* ingleses correndo aos berros na sua direção, entraram em pânico e saíram correndo para a borda do seu recinto. Um muro desabou, e no caos que se seguiu as pessoas morreram esmagadas⁴⁴.

Esse acontecimento levou a mudanças na organização dos estádios no mundo. Porém, 4 anos depois, nova tragédia, dessa vez na Inglaterra, ocorrida novamente em um jogo do Liverpool, contra o Nottingham Forest. A causa foi a superlotação do estádio de Hillsborough,

⁴³ HORNBY, Nick. *Febre de Bola*. Rocco: Rio de Janeiro, 2008. p. 194-195.

⁴⁴ *Ibidem*. p. 155.

somada aos erros da polícia, que não abriram os portões do local de maneira que as pessoas pudessem sair antes de serem esmagadas.

Hornby nos mostra que tal fato levou à formulação do Relatório Taylor, que pretendia acabar com os problemas ocorridos por conta do futebol e das torcidas, prevendo, por exemplo, que os estádios fossem reformados, sendo postas cadeiras por toda a praça esportiva, além da remoção das grades que separavam os torcedores do campo de jogo, para o caso de uma nova tragédia. Posteriormente, esse modelo se espalhou por todo mundo, chegando inclusive ao Brasil, notando-se nos estádios construídos ou reformados por ocasião da Copa do Mundo de 2014.

Após essa breve incursão nas obras de jornalistas sobre os torcedores, retornemos para o campo historiográfico, com uma de nossas principais influências historiográfica tanto na formulação de um objeto – torcidas organizadas – quanto no método utilizado – relação dos torcedores com a imprensa. Falamos da tese de doutorado escrita por Bernardo Buarque de Hollanda, “O clube como vontade e representação: O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro”⁴⁵.

Como exposto no próprio título, Buarque visa fazer uma análise histórica das torcidas organizadas desde a sua fundação - nas décadas de 1930 e 1940 do século XX, quando tinham um caráter carnalizado e os seus chefes eram figuras aliadas ao poder público, no afã de controlar as multidões, como Jayme de Carvalho, da Charanga Rubro-Negra – até a criação das Torcidas Jovens, que visavam romper com o padrão estético que vigorava até aquele momento e, principalmente, reivindicar o direito de criticar os dirigentes de cada clube, vistos como culpados pela ausência de títulos ou campanhas ruins. Isso se dá em fins da década de 1960 e início de 1970, com a criação da Torcida Jovem do Flamengo, Torcida Jovem do Botafogo, Torcida Young Flu e Força Jovem do Vasco, estas sendo as últimas em ordem cronológica.

Um ponto fundamental da tese de Hollanda é que o surgimento dessas torcidas acaba por ser influenciado diretamente pelo contexto internacional: os movimentos de 1968, da própria contra cultura, etc. Prova disso, segundo esse autor e com o que concordamos, está na própria nomenclatura desses grupos: as torcidas de Flamengo e Botafogo, por exemplo, se intitulavam Poder Jovem no início, uma apropriação da ideia de Flower Power ou Black Power, vigentes no exterior.

⁴⁵ HORNBY, Nick. *Febre de Bola*. Rocco: Rio de Janeiro, 2008.

Dividido em três partes, o livro faz uma análise da figura do torcedor e, mais ainda, do próprio chefe de torcida em seu primeiro capítulo. No segundo, porém, e talvez seja o mais pertinente para nossa pesquisa, está o estudo das relações traçadas entre esses grupos de torcedores recém-formados e o *Jornal dos Sports*, principal veículo de comunicação esportiva que existiu no Brasil, e do qual falaremos com ainda mais propriedade no próximo capítulo. O autor nos mostra que as ligações entre os líderes da torcida e esse jornal eram bastante significativas, com a promoção de enterros simbólicos de dirigentes sendo amplamente divulgadas pelo “*Cor-de-Rosa*” – como era conhecido esse veículo de imprensa, por conta da cor das suas páginas. Ademais, passou a ser comum que os líderes das principais organizadas se encontrassem na sede do jornal, nas vésperas de um jogo decisivo, para que fossem promovidas as partidas, sempre em um clima amistoso.

Outro ponto que merece elogios no estudo de Bernardo Buarque é a criação da Astorj – objeto de nossa pesquisa –, o contexto em que esteve inserida e, claro, a forma como os dirigentes dessa entidade se coadunaram a uma pressão maior da sociedade contra a inflação – fruto do fim do “milagre” econômico brasileiro – que atingia diretamente os preços dos ingressos para os jogos.

No último capítulo de sua dissertação, temos a análise minuciosa do autor dos aspectos relativos à violência no seio das torcidas organizadas e dos aspectos que levam essas associações a criarem alianças e, ao mesmo tempo, rivalidades. Bernardo nos faz entender o que leva, por exemplo, a brigas de torcidas de um mesmo clube – como a Torcida Jovem do Flamengo e a Raça Rubro-Negra – e o que está por trás de ligações significativas entre torcidas de clubes e cidades diferentes – como as principais organizadas de Vasco e Palmeiras.

Vale ressaltar também o estudo feito por Bernardo referente às caravanas feitas pelas organizadas para assistir o jogo de seus clubes em outros estados, os conflitos decorrentes daí, os rituais de “batismo”, os roubos feitos nas estradas, etc. Finalizando sua obra, temos os mecanismos pelas quais os torcedores se apropriam de diversas manifestações de massas para criarem as músicas e cânticos das organizadas, que servem como instrumentos de valorização, intimidação, etc.

Outra obra importante para os pesquisadores de Torcidas Organizadas é fruto da dissertação de Rosana da Câmara Teixeira, intitulada “Os perigos da paixão: visitando jovens

torcidas cariocas.⁴⁶ Mestre em sociologia e Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, a autora nos faz compreender uma série de ritos e práticas adotadas pelas torcidas jovens do Rio de Janeiro. Utilizando-se de entrevistas com membros desses grupos, Rosana busca desconstruir o imaginário presente, especialmente na mídia, que faz uma relação direta e intrínseca entre as torcidas organizadas e violência.

Uma das grandes causas para isso, segundo a autora e, que abraçamos em nossas hipóteses, é o episódio conhecido como “A batalha do Pacaembu”, ocorrida no estádio do mesmo nome, no ano de 1995, quando as torcidas organizadas de São Paulo e Palmeiras entraram em um conflito de enormes proporções, se utilizando de tijolos e pedras que encontraram no local, que havia passado por obras recentemente. O saldo da violência foram 102 feridos e um morto. Segundo Rosana, “na televisão, a apresentação repetida das imagens do confronto, em noticiários e diferentes emissoras, acusava esses agrupamentos, caracterizando-os pela violência.”⁴⁷

A obra da autora é pautada em 5 capítulos, e temos uma mostra dos símbolos que as torcidas jovens ostentam, a história por trás de sua criação, os rituais nas quais estão inseridas e, finalmente, a paixão nutrida pelos torcedores pelas próprias torcidas, como apreendemos de:

para alguns, a torcida é como uma religião, um ideal, “pior que as drogas”, um vício. Há um certo momento em que nada mais importa, só a torcida. Família, estudos, namoradas ou noivas, tudo fica em segundo plano. A torcida é percebida como uma “irmandade” cujo afastamento provoca sofrimento e depressão.⁴⁸

Utilizando-se das entrevistas realizadas com membros das torcidas, a autora faz observações bastante pertinentes no que se refere às brigas entre elas e também as associações feitas, a exemplo do trabalho de Bernardo Buarque de Hollanda. Rosana nos mostra, por exemplo, que as brigas entre torcidas decorrem já de muito tempo “não houve uma época de ouro em que o futebol tenha sido um esporte pacífico que primasse pela harmonia”⁴⁹.

Ainda sobre as associações feitas entre elas, temos, segundo a autora que:

uma torcida amiga é aquela pela qual se tem respeito, uma relação sem conflitos, em que prevalece o entendimento, ou, pelo menos, a disposição para tal. Segundo os

⁴⁶ TEIXEIRA, Rosana da Câmara. Torcidas jovens: paixão, amizade, aventura. In: ALVIM, R; GOUVEIA, P. *Juventude anos 90: conceitos, imagens, contextos*. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2000. p. 15.

⁴⁷ Idem.

⁴⁸ TEIXEIRA, Rosana da Câmara. op.cit, nota 46. p. 120.

⁴⁹ TEIXEIRA, Rosana da Câmara. op.cit, nota 46. p. 133.

entrevistados, em geral, os acordos se devem aos contatos entre presidentes, diretores e componentes. Algumas torcidas chegam a empregar a denominação de “irmã” ou “co-irmã” para designarem algumas de suas ligações. Isso revela a existência de diferentes níveis ou modalidades de comprometimento e lealdade. Identificar-se com as cores de uma torcida, com as ideias, ter respeito por seus diretores, não entrar em confronto, não significa necessariamente torcer ao seu lado contra um oponente comum, ou no caso de torcidas de outros estados, recebê-las, acompanhá-las, ou ficar com elas durante um jogo.

Para finalizar a gama de trabalhos que muito nos auxiliaram, temos o trabalho de dissertação do antropólogo alemão, Martin Curi, sobre o Estádio Engenhão, no Rio de Janeiro, sintetizado em forma de artigo publicado em uma coletânea sobre futebol, ao lado de outros pesquisadores.

Martin é bastante profícuo na medida em que analisa, também através do recurso das entrevistas, as dicotomias entre os torcedores tradicionais e os torcedores consumidores. Essa clivagem é fruto do processo de modernização dos estádios brasileiros, por motivos já enunciados antes. Portanto, Martin se debruça sobre o Estatuto do Torcedor, conjunto de medidas criadas no ano de 2003 com o afã de garantir direitos de consumidor para todos os torcedores.

Depois de uma breve análise sobre a história da construção dos estádios do Maracanã e do Engenhão, assim como das torcidas no Rio de Janeiro, Martin passa a tentar entender os diferentes perfis dos torcedores. Segundo ele, “a arquitetura dos estádios de futebol é um instrumento forte e visível na relação(entre os torcedores tradicionais e modernos)”⁵⁰.

Temos, por exemplo, que aqueles que preferem o Maracanã ao Engenhão o fazem por conta do seu caráter histórico e tradicional – “o Maracanã é algo como um valor absoluto, um ponto de referência”⁵¹ – e também por conta da distância sobretudo para os moradores da Zona Sul. Curiosamente, essa justificativa também é a mesma usada por aqueles que saem da Zona Norte. Outros pontos favoráveis ao Engenhão, segundo Martin e suas entrevistas, são a sua modernidade – “Entre os confortos citados estão os telões, a limpeza e o atendimento”⁵² – e o fato de ser como uma “casa” para o Botafogo – o clube aluga o estádio junto à prefeitura do Rio de Janeiro.

⁵⁰ CURI, Martin. O Estádio Engenhão no Rio de Janeiro: espaço dos torcedores?. In: BISCARDI, Carlos Henrique; COSTA, Leda; CURI, Martin (orgs). *Enquanto a Copa não vem*. Rio de Janeiro: Eduff, 2013. p. 19.

⁵¹ Ibidem. p. 20.

⁵² CURI, Martin. op.cit, nota 50. p. 20.

Nas perguntas referentes às torcidas organizadas, elas são “o principal ponto de referência para os torcedores por mim entrevistados na ala leste do Engenhão.”⁵³ Muitos deles, segundo Martin, gostam de ficar próximos às torcidas organizadas – podemos caracterizá-los como parte do “povão” – por conta da festa feita por elas, contudo, não se filiam efetivamente porque “significaria assumir certas regras” e, por verem nos grupos organizados “marginais demais”.

Tal fato mostra, mais uma vez, que para muitas pessoas – talvez pelos discursos presentes na mídia – as torcidas organizadas são responsáveis por belas festas mas simultaneamente, por enorme violência, quase como um agrupamento de marginais.

No que se referem às obras sobre futebol e torcidas organizadas, poderíamos citar outros inúmeros estudos importantes ou relevantes para nossa pesquisa, contudo, optamos por selecionar apenas aqueles que foram mais representativos no universo crescente de publicações, projetos, pesquisas, sobre essas áreas.

1.3 O contexto histórico em que se insere a ASTORJ

Nosso objetivo a seguir é contextualizar historicamente o surgimento do nosso objeto – a ASTORJ (Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro) – fundado em 16 de junho de 1981, uma vez que é fundamental que entendamos a crise financeira vivida no Brasil, que trouxe o aumento da inflação e, conseqüentemente, afetou diretamente milhões de pessoas no país, entre os quais os torcedores, ao mesmo tempo em que as lutas pela redemocratização do país eram cada vez maiores. Na realidade, o caso brasileiro pode ser inserido em um ambiente mais amplo, vivenciado pelo continente como um todo.

Segundo Gelsom Rozentino de Almeida, os anos 80 marcam um período de “crise da hegemonia burguesa no Brasil”⁵⁴. Tal crise teria principalmente dois vetores: por um lado a transição política da ditadura militar para a república, com a crescente participação de

⁵³ CURI, Martin. O Estádio Engenhão no Rio de Janeiro: espaço dos torcedores?. In: BISCARDI, Carlos Henrique; COSTA, Leda; CURI, Martin (orgs). *Enquanto a Copa não vem*. Rio de Janeiro: Eduff, 2013. p. 22.

⁵⁴ ALMEIDA, Gelsom Rozentino de. *História de uma década quase perdida: PT, CUT, crise e democracia no Brasil: 1979-1989*. Rio de Janeiro, Garamond, 2012. p. 29.

trabalhadores e, por outro, a imensa crise econômica vivenciada no mundo todo, principalmente no Brasil.

No estudo feito por Gelsom, indubitavelmente bastante completo sobre esse momento histórico, temos acesso ainda à disputa no campo historiográfico em relação a essa transição, ou seja, a maneira pela qual ela foi feita e os atores envolvidos nela. Segundo o autor, existem três formas principais de interpretação para esse momento. A primeira diz que “a transição teria sido um processo iniciado pelos dirigentes do regime e mais do que uma estratégia deliberada, seu início indicaria uma crise interna do sistema de dominação”⁵⁵.

A seguir, temos a segunda corrente, que privilegia as diversas pressões feitas pela sociedade como fundamentais para a mudança política. Desse modo, “as contradições econômicas derivadas do capitalismo – ligadas ou não à crise – imporiam ao governo militar a abertura política em razão da crescente insatisfação social e da redução da sua base de apoio”⁵⁶.

A terceira, seguida por Rozentino e pelo nosso trabalho, vê esse processo como uma junção dos dois fatores anteriores, sendo iniciada pelo regime, “transição conservadora” que cresceu de maneira tão substancial que fugiu ao controle dos próprios governantes.

Essa abertura do regime foi comandada especialmente pela figura do General Médici, presidente entre os anos de 1974-1979, portanto, anterior à ASTORJ, que defendia a ideia de uma “abertura lenta, segura e gradual”. Esse projeto tinha como objetivo “superar a extrema rigidez do quadro político e os riscos de uma “degeneração fascistizante”, inerentes ao sistema de poder do governo do general Médici”⁵⁷. Ainda nesse sentido, as eleições de 1974 são apontadas por Rozentino como o primeiro marco da distensão política, com a vitória da oposição no Senado. Entretanto, Gelsom elege outro momento como fundamental para a oposição:

o verdadeiro e significativo marco é representado pelas eleições de 1982. A eleição de dez governadores com destaque para os estados mais importantes, e a perda da maioria absoluta na Câmara dos Deputados pelo governo conferiram um caráter aproximadamente diárquico ao sistema político, gerando não só dificuldades para a aprovação das propostas do governo mas para a própria sucessão presidencial.⁵⁸

⁵⁵ ALMEIDA, Gelsom Rozentino de. *História de uma década quase perdida: PT, CUT, crise e democracia no Brasil: 1979-1989*. Rio de Janeiro, Garamond, 2012.

⁵⁶ Idem.

⁵⁷ ALMEIDA, Gelsom Rozentino de. op.cit, nota 55. p. 32.

⁵⁸ ALMEIDA, Gelsom Rozentino de. op.cit, nota 55. p. 33.

Além disso, devemos citar as inúmeras vitórias da oposição ao regime entre os anos de 1974-84, como a Lei da Anistia – embora irrestrita -, fim do Ato Institucional número 5 e a volta do pluripartidarismo. Almeida, mais uma vez, nos é fundamental ao relembrar que durante esse mesmo período temos:

atores não convidados e não previstos pelo regime fizeram sua entrada na cena política – dos quebra-quebras a múltiplas formas associativas -, com destaque para as organizações de bairro e de mutuários do Sistema Financeiro de Habitação e a retomada do movimento sindical.⁵⁹

Em relação a estes personagens podemos inserir a ASTORJ, que terá em sua própria forma de atuar a inspiração clara do movimento sindical, como a realização de greves e boicotes, por exemplo.

Outro dos fatores que levou ao enfraquecimento do regime, já citado por nós anteriormente, é a crise financeira na qual o país mergulhará a partir, principalmente, de 1982, que coincidirá com uma fase de grandes protestos feitos pela Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro. É importante que citemos o chamado “milagre econômico”, período entre os anos de 1968 e 1973, aproximadamente, com o PIB atingindo um crescimento de até 14% neste último ano⁶⁰. Nesse período, “a taxa de inflação ficou entre 16 e 27%, os menores índices obtidos entre 1959 e 1994. E, para complementar o quadro milagroso, o comércio exterior mais do que triplicou.”⁶¹

Esse cenário começou a mudar pelos efeitos da continuidade da crise do petróleo durante a década de 1970 que

acabou por sangrar fortemente a economia brasileira. Muito rapidamente o país tornou-se exportador de capitais, obrigando-se a um esforço crescente de aumentar as exportações para financiar as importações de petróleo e, ao mesmo tempo, fazer face às obrigações do endividamento externo. Assim, o final da década de 1970 já assiste aos primeiros sinais de esgotamento dos modelos econômicos latino-americanos, praticados até então com sucesso.⁶²

⁵⁹ ALMEIDA, Gelsom Rozentino de. *História de uma década quase perdida: PT, CUT, crise e democracia no Brasil: 1979-1989*. Rio de Janeiro, Garamond, 2012. p. 34.

⁶⁰ PRADO, Luiz Carlos Delorme; EARP, Fábio Sá. O “milagre” brasileiro - crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967-1973). In: FERREIRA, Jorge. *O Brasil republicano: o tempo da ditadura*. 4. v. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 222.

⁶¹ Idem.

⁶² SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985. In: FERREIRA, Jorge. *O Brasil republicano: o tempo da ditadura*. 4. v. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 253.

Segundo Francisco Carlos, os problemas econômicos que viriam a seguir seriam ainda piores por que a “crise mundial, com a recessão de 1982, atingiu muito mais profundamente as economias latino-americanas, em especial a brasileira, do que a crise do petróleo”⁶³, ocorrida nove anos antes. Rozentino também menciona este acontecimento como fundamental, pois “a crise econômica, a partir de 1982, aprisionaria o regime”⁶⁴. Assim, “A crise do milagre econômico arrastava consigo a credibilidade dos militares e as bases sociais de aceitação da ditadura, tal como fora praticada durante o chamado Milagre Brasileiro”⁶⁵.

Para finalizar a discussão em relação à crise econômica, devemos frisar que ela foi sim importante para o processo de abertura, sendo a responsável por “condicionar o ritmo da abertura, levando a opinião pública a voltar-se contra o regime militar.”⁶⁶

Devemos citar agora outros atores que participaram da pressão social que acabou acarretando na abertura política. A Igreja Católica, a OAB, e diversas organizações ligadas aos direitos humanos reivindicavam o fim da censura, a liberdade dos presos políticos, por exemplo. Outro grupo seria formado pelos

grupos excluídos, composto por estudantes e operários. As suas atividades e organizações eram consideradas subversivas e encontravam hostilidade aberta (...) A reorganização da UNE e a revitalização do movimento sindical, com os conflitos operários a partir de 1977, evidenciaram a impossibilidade do governo de mantê-los afastados da cena política.⁶⁷

Esse grupos acabaram se aglutinando ao MDB – partido de oposição consentida ao regime – que passou a ter “uma atuação mais firme diante do regime militar.”⁶⁸ Logo após, essa pressão acabará incorporando a própria rua, por assim dizer, nos comícios realizados pelo retorno às eleições diretas para a presidência da República.

Apesar disso, a estratégia governista de uma “abertura controlada” ou, nas palavras de Gelsom, “tênue liberalização” foi bem sucedida. Esta, segundo o autor, tinha o objetivo de evitar a perda de controle por parte do governo. Prova disso é a indicação do general

⁶³ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985. In: FERREIRA, Jorge. *O Brasil republicano: o tempo da ditadura*. 4. v. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

⁶⁴ ALMEIDA, Gelsom Rozentino de. *História de uma década quase perdida: PT, CUT, crise e democracia no Brasil: 1979-1989*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

⁶⁵ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. op.cit, nota 63. p. 254.

⁶⁶ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. op.cit, nota 63. p. 254

⁶⁷ ALMEIDA, Gelsom Rozentino de. op.cit, nota 64. p. 38.

⁶⁸ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. op.cit, nota 63. p. 254.

Figueiredo à sucessão de Geisel – representando, entre os militares, a vitória da linha Castelista contra aqueles que defendiam a chamada “linha dura”.

Ainda em relação a esta “abertura”, temos que “o longo e sinuoso percurso dessa liberalização do regime visaria conter a oposição à esquerda, entre “subversivos, contestadores, insatisfeitos e saudosistas”, e à direita, “os eternos puros, falcões ou jacobinos, a linha dura.”⁶⁹

Destaquemos também, mais uma vez com o auxílio do texto de Gelsom Rozentino, a mudança do próprio papel da fábrica – agora como espaço político – e dos metalúrgicos, especialmente a partir de 1978, na luta por “direitos fundamentais e comuns a todos os trabalhadores”⁷⁰, transformando a “luta econômica em luta política”⁷¹.

Com a derrota da Emenda Dante de Oliveira, apesar da enorme participação popular, que pretendia tornar as eleições presidenciais diretas, a transição para a democracia seguiu os rumos que o governo militar gostaria, através da eleição indireta de Tancredo Neves, em 1985. Para Gelson, tal fato, a “assinala o conservadorismo no processo de transição política”⁷² Tancredo “conseguiu costurar a ampla aliança que encerraria o ciclo militar da vida republicana brasileira”⁷³. Lembremos, nesse sentido, de um Flamengo x Fluminense, no ano de 1984, onde a questão Maluf x Tancredo esteve bastante presente, como veremos no próximo capítulo.

Esperamos ter apresentado de maneira satisfatória parte da bibliografia que orientou nossa pesquisa, tanto do ponto de vista das obras ligadas ao futebol e aos torcedores, quanto da questão que envolveu a transição política do regime militar para a democracia, com o surgimento de novos atores sociais e os problemas decorrentes do fim do “milagre econômico”, que afetariam diretamente as torcidas, fortalecendo o discurso crítico da ASTORJ.

⁶⁹ ALMEIDA, Gelsom Rozentino de. *História de uma década quase perdida: PT, CUT, crise e democracia no Brasil: 1979-1989*. Rio de Janeiro, Garamond, 2012. p. 41

⁷⁰ Ibidem. p. 45.

⁷¹ ALMEIDA, Gelsom Rozentino de. op.cit, nota 69. p. 45.

⁷² ALMEIDA, Gelsom Rozentino de. op.cit, nota 69. p. 65.

⁷³ SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985. In: FERREIRA, Jorge. *O Brasil republicano: o tempo da ditadura*. 4. v. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 278.

2 “A VOZ DA GALERA”: RELAÇÕES ENTRE IMPRENSA E ASTORJ (1979-1985)

Futebol sem torcida é futebol sem festa.

E futebol sem festa não é futebol.

Mauro Cesar Pereira.

Em fins dos anos 1970 e início da década de 1980, o Brasil vivia a chamada “abertura lenta, gradual e segura”, proposta pelo presidente Ernesto Geisel e que teve prosseguimento com João Figueiredo. Nesse período, houve intensificação da luta de movimentos sociais, além da Lei da Anistia, promulgada em 1979. Deste modo, a própria participação do MDB – partido de oposição consentida à ditadura militar – acaba se somando a uma sociedade civil mais organizada, contando com a imprensa, os sindicatos, a Igreja Católica, diversos artistas e universidades que criticavam o regime e reivindicavam a abertura política. As torcidas organizadas não ficam inertes a esse processo, se inserindo nesse bojo mais amplo.

Do ponto de vista econômico, o Brasil passava por um período complicado refletindo o fim do “milagre”. Uma das suas mais temíveis consequências foi a inflação, atingindo níveis altíssimos, tornando a vida de milhares de trabalhadores muito mais complicada. O nosso objeto de estudos, os torcedores, também são diretamente afetados por essa crise econômica, uma vez que a desvalorização da moeda trará reflexos para o preço dos ingressos nos estádios de futebol.

É nesse contexto que é criada a ASTORJ – Associação das Torcidas Organizadas de futebol do Rio de Janeiro – no dia 16 de junho de 1981. Sob o lema “Congregar, congregar e Unir”, essa associação:

tinha como propósito e justificativa imediata para a sua criação a reivindicação de um assento e do direito a voto no Conselho Arbitral da Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (FERJ), então sob gestão de Otávio Pinto Guimarães, a fim de influenciar no processo decisório sobre uma polêmica questão e muito concreta na época: o preço dos ingressos⁷⁴

⁷⁴ HOLANDA, Bernardo Buarque de. *O clube como vontade e representação; o jornalismo esportivo e a formação das jovens torcidas cariocas*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2009.

Outra das pautas para a criação da ASTORJ era a questão dos enormes lucros obtidos pelos clubes de futebol, muito por conta do alto preço das entradas pagas pelos torcedores – organizados ou não – ao assistirem uma partida. Ademais, era responsabilidade desse grupo:

a distribuição das credenciais aos chefes de torcida, até então concedidas diretamente a cada líder, para a entrada gratuita nos jogos, e a solicitação de uma sala para a entidade nas dependências do complexo do estádio do Maracanã – além das salas já existentes, restritas a uma por clube – medidas cuja autorização competia por seu turno à Suderj e, portanto, ao governo do Estado. Enfim, tratava-se da tentativa de constituição de uma instância com espírito corporativo que reclamava e assegurava os direitos considerados legítimos pelos torcedores.⁷⁵

Deve-se destacar também que a criação da ASTORJ pode ser considerada um dos frutos de um movimento que havia se iniciado ainda na década de 1970: a criação de múltiplas torcidas organizadas.⁷⁶ Outro dos objetivos da associação surgiu já no segundo ano de sua existência: a criação de um seguro para os torcedores, em caso de invalidez ou morte, ocorridos por agressão ou assassinato. No entanto, essa medida só servia para jogos realizados no Maracanã, o que levou à ASTORJ a protestar diversas vezes para que o mesmo fosse expandido para outros estádios do Rio de Janeiro.

Retornando para a questão do preço dos ingressos, a mídia do Rio de Janeiro foi responsável por cobrir a organização da ASTORJ em relação aos aumentos anuais no valor das entradas. Nesse processo, citemos principalmente o *Jornal dos Sports* – que, posteriormente, abrirá espaço para uma coluna chamada “A Voz da Galera”, porta-voz da Associação – o *Jornal do Brasil* e, com menos destaque, o “*Última Hora*”, além da *Revista Placar*, pertencente ao grupo Abril, responsável pela cobertura futebolística a partir dos anos 70.

2.1 Um breve histórico sobre os veículos de imprensa a serem analisados

Sobre o *Jornal dos Sports*, o veículo foi criado no ano de 1931, como sendo o pioneiro no que se refere à cobertura esportiva exclusiva no Brasil. Pensado por Argemiro Bulcão e Ozéas Mota, em 1936 ele foi vendido ao jornalista Mário Filho, sem dúvida o

⁷⁵ HOLANDA, Bernardo Buarque de. *O clube como vontade e representação; o jornalismo esportivo e a formação das jovens torcidas cariocas*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2009.

⁷⁶ Ibidem.

grande responsável pelo enorme sucesso alcançado pelo JS nos anos seguintes. Após a morte de Mário, quem assumiu a direção do jornal foi sua esposa, Célia Rodrigues que, no entanto, acabou por se suicidar logo depois, passando o controle do veículo para o filho único do casal, Mário Júlio Rodrigues.

Vale destacar, porém, que a partir da década de 1970, ele não se restringirá apenas à cobertura esportiva, dando destaque também para os vestibulares e vestibulandos – com gabaritos, informações sobre as provas, coberturas e reportagens exclusivas nos locais dos exames – além de informações sobre programas televisivos. Assim sendo, temos uma prova de que “as edições cotidianas dos jornais podem e costumam ser usadas como documentos das épocas em que foram produzidas”⁷⁷. Nesse sentido, podemos complementar esta ideia com a colocação de Rousiley Maia: “tornou-se senso comum afirmar que a presença da mídia é cada vez mais central à política e à vida pública. Parece paradoxal, contudo, que grande parte dos estudos sobre a teoria democrática e a esfera pública negligencie os meios de comunicação”.⁷⁸

Cabe citar, a título de curiosidade, que durante esta mesma década, o “*Cor-de-rosa*” passou a publicar suplementos bastante específicos, como “O mundo Azul”, que se destinava a leitores que seguiam o espiritismo – doutrina de Allan Kardeck – e o “JS Turismo & transporte”, além de uma área voltada para a informação relativa a busca por empregos, intitulada de “Mercado de trabalho”.⁷⁹

Contudo, na passagem para a década seguinte, um evento é bastante emblemático, significando o fim de uma Era para o dito jornal: a morte de Nelson Rodrigues, que ainda escrevia colunas para o JS. Esse ponto é simbólico porque “encerraria o ciclo familiar de Mário Filho nas páginas do JS.”⁸⁰

Os anos 80 marcariam, ainda, por conta da grave crise econômica vivida no país, a venda do jornal para a família Velloso. Como diretor do *Jornal dos Sports* ficaria Climério Pimenta Velloso, sendo auxiliado por Waldemar Pereira Velloso e Venâncio Pereira Velloso.

⁷⁷ MATHEUS, Leticia. BARBOSA, Marialva. O Jornal do Brasil e as noções do tempo histórico no fazer jornalístico. Revista FAMECOS, n° 35, Porto Alegre, abril de 2008. p. 117.

⁷⁸ MAIA, Rousiley. “Mídia, esfera pública e identidades coletivas.”. In: MAIA, Rousiley, CASTRO, Maria Céres Pimenta Spínola (orgs). *Mídia, esfera pública e identidades coletivas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 114.

⁷⁹ HOLLANDA, Bernardo Buarque de. O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do Jornal dos Sports entre 1930 e 1980. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque, MELLO, Victor Andrade de. (orgs). *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2012.

⁸⁰ Idem.

Com o patrocínio de Arthur Sendas – famoso empresário, dono de uma rede de supermercados intitulada Casas da Banha – esse veículo de comunicação voltaria a viver uma boa fase.

No entanto, por conta das enormes dificuldades econômicas vividas na década de 1990, e pela concorrência de outros jornais, o *Jornal dos Sports* acabou indo à falência em 1997.

Sobre o *Última Hora*, ele foi fundado em 1951, por Samuel Weiner, sendo editado primeiramente no Rio de Janeiro passando no ano seguinte também ao estado de São Paulo. Dez anos depois, o jornal passou a ser nacional sendo impresso na Capital Federal e complementado com notícias dos mais variados locais.

Esse veículo de comunicação é associado à figura de Getúlio Vargas e, nas palavras do seu fundador, o objetivo do mesmo era romper com “a formação oligárquica da imprensa brasileira e dar início a um tipo de imprensa popular e independente”.⁸¹ Sendo assim, Weiner tentava colocar Vargas como aquele que enfrentava as classes dirigentes, identificado diretamente ao povo brasileiro. Assim, temos que o *Última Hora* pretendia ser “, “um jornal de oposição à classe dirigente e a favor de um governo”⁸².

Durante sua trajetória, o jornal passou por uma transformação na década de 1980 quando passou a “procurar agradar a um grande público, mas mantinha uma certa docilidade com o que preconizava o regime”⁸³, muito por ter como vice-presidente um militar aliado à chamada “linha dura”, até por ter desde a década anterior uma postura bastante governista. Porém, a despeito disso, nos parece justamente que a busca por atingir um público mais amplo de leitores levou este meio de comunicação a cobrir os protestos feitos pelos torcedores por conta da majoração do preço dos ingressos para os jogos.

Por fim, ao contrair uma dívida que chegou a atingir 450 milhões de Cr\$, o jornal teve sua falência decretada em 1991, logo após ter sido vendido ao empresário José Nunes Filho.

Dando prosseguimento ao histórico dos veículos de comunicação analisados nesse capítulo, chegamos ao *Jornal do Brasil*. Fundado em 9 de abril de 1891 por Rodolfo de

⁸¹ Verbete sobre o Jornal *Última Hora*.

Disponível: CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil)
Acesso em: 12 de agosto de 2013.

⁸² Idem.

⁸³ Verbete sobre o Jornal *Última Hora*.

Disponível: CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil)
Acesso em: 12 de agosto de 2013.

Souza Dantas e Joaquim Nabuco, no Rio de Janeiro, este jornal passou por inúmeras transformações ao longo de sua centenária história. No que diz respeito a essa pesquisa, analisaremos as décadas de 1970 e, principalmente, 1980, para que possamos entender o contexto no qual a cobertura sobre a ASTORJ está situada.

Porém, para compreendermos os rumos do jornal no período dito acima, é necessário que recuemos até a década de 1960, uma vez que, em 1961, Alberto Dines se torna o diretor do *Jornal do Brasil*, sendo feita a partir disso uma grande reformulação. Esta foi fundamental para que:

o jornal passasse a ocupar outra posição no seio da imprensa carioca, ganhando uma nova estatura na formação da opinião política do país e estimulando a reestruturação gráfica dos demais periódicos. Apesar de tudo, porém, o *Jornal do Brasil* manteve os quatro atributos que sempre nortearam sua atuação, definindo-se como um órgão “católico, liberal-conservador, constitucional e defensor da iniciativa privada”⁸⁴.

Durante a década de 1980, o *Jornal do Brasil* teve especial destaque na cobertura dada às eleições para o governo do Estado do Rio de Janeiro, ganhando inclusive um Prêmio Esso de Jornalismo por descobrir fraudes relacionadas à campanha do candidato Moreira Franco, alinhado com o partido do regime vigente.

Ainda em relação à política do período, este jornal se mostrou bastante reticente em relação à campanha das “Diretas Já”, sendo inclusive contrário a uma greve geral proposta por seguimentos mais radicais, marcada para o dia da votação da Emenda Dante de Oliveira, que tinha como objetivo reestabelecer as eleições diretas para a presidência da república mas que acabou não sendo aprovada. Porém, ainda que

sem se definir claramente a favor das Diretas Já, o *Jornal do Brasil* condenou as medidas de exceção impostas pelo governo com o objetivo de “preservar a segurança da capital federal”, que naquele momento recebia uma enorme quantidade de pessoas interessadas em acompanhar de perto os desdobramentos da votação da “emenda Dante” na Câmara. Incluindo a censura aos meios de comunicação e o cerco militar à cidade de Brasília, essas medidas desagradaram o jornal, que as considerou um retrocesso ao “período sombrio” do regime militar, que “todos supúnhamos encerrado”.⁸⁵

Por conta de sucessivas crises financeiras que acometeram o jornal a partir da década de 1990, no dia 31 de agosto de 2010 circulou a última edição impressão do *Jornal do Brasil*.

⁸⁴ Verbete sobre o Jornal *Última Hora*.

Disponível: CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil)
Acesso em: 12 de agosto de 2013.

⁸⁵ Verbete sobre o Jornal *Última Hora*.

Disponível: CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil)
Acesso em: 12 de agosto de 2013.

A partir desse momento, esse meio de comunicação passou a circular somente de forma digital, na internet, mediante o pagamento de mensalidade. Apesar de parecer um ponto negativo, essa guinada é vista pela CBM (Companhia Brasileira de Multimídia), que vem administrando as publicações online do jornal, “como um passo rumo ao futuro, um avanço em vista dos custos econômicos e ambientais do papel”⁸⁶.

Vale citar ainda que esse veículo de comunicação disponibiliza, de forma gratuita, seu acervo histórico para consulta online, o que se mostrou fundamental para o sucesso de nossa pesquisa.

A *Revista Placar*, outro dos meios de mídia que serão fundamentais para a construção de nossa ideia, é fundada no dia 3 de fevereiro de 1970, em caráter experimental, num contexto em que a seleção brasileira de futebol vivia uma crise, que se manifestava no afastamento do então treinador, o jornalista João Saldanha, por possíveis problemas com o governo militar em vigor no Brasil, já que o técnico era declaradamente de esquerda.

Vale frisar que na década de 1970 houve substantivo crescimento populacional, queda das taxas de analfabetismo, também foi o período de maior repressão por parte do governo ditatorial, inclusive com a criação de uma “Lei da Imprensa”, que visava reduzir qualquer excesso de liberdade de expressão, punindo inclusive com a cadeia o responsável por alguma transgressão⁸⁷.

Apesar dos diversos artifícios criados pela censura com o afã de evitar reportagens polêmicas, em inúmeros casos a revista acabou por se chocar com esta lei, como em reportagens elogiosas a George Best – polêmico jogador irlandês – ou sobre Afonsinho, jogador que entrou na justiça para se desvincular do seu clube, entre outros.⁸⁸ Nesse sentido, segundo João Malaia, “se não eram toleradas matérias que atentassem contra a moral e os bons costumes, ou incitassem a agitação popular ou a luta de classes, como ver a publicação dessas matérias na Placar?”⁸⁹.

Outro ponto interessante da revista eram charges do cartunista Henfil, que retratavam as diversas dificuldades vividas no âmbito do futebol brasileiro.

⁸⁶ Verbete sobre o Jornal *Última Hora*.

Disponível: CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil)
Acesso em: 12 de agosto de 2013.

⁸⁷ MALAIA, João. *Placar 1970*. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque, MELLO, Victor Andrade de. (orgs). *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2012.

⁸⁸ Idem.

⁸⁹ MALAIA, João. op.cit, nota 87. p.

É importante notar que por mais que a revista optasse por algumas reportagens “desafiadoras” ao governo, por assim dizer, também adotava pontos que convergiam de encontro as ideias governistas, como fica claro “os discursos da publicidade, no apoio à recém-criada loteria esportiva e em reportagens que revelam posturas elitistas na análise do futebol brasileiro”⁹⁰.

Nesse ponto, João Malaia encerra de forma satisfatória a questão pois “parece inegável que a linha editorial da revista se colocava contra o abuso de poder exercido pelo governo naquele período. Mas seria exagero acreditar que o discurso apontasse no sentido de uma transformação da sociedade brasileira”⁹¹.

A partir da década de 1980, a revista dá um passo significativo no que se refere à contestação social, sobretudo por conta da contratação do sociólogo Juca Kfourir. Como prova disso, além das reportagens que analisaremos a seguir, temos a cobertura significativa do movimento conhecido como “Democracia Corinthiana” – onde os jogadores, capitaneados por Sócrates, principalmente, faziam assembleias entre si para decidir os rumos do time – além da revista dar voz para jogadores apontarem seus posicionamentos políticos, como Reinaldo, do Atlético Mineiro e o próprio Sócrates, ambos identificados com a esquerda.

Outra mudança significativa da revista se dá no seu próprio slogan, quando passa a se chamar “*Placar todos os esportes*”.

Atualmente, a Revista Placar permanece em circulação, mas em caráter mensal, em oposição ao semanal que era costume nas décadas que dizem respeito a nossa pesquisa.

Nossa análise recaí, finalmente, no *Jornal O Globo*, último dos meios de imprensa a serem utilizados em nossa pesquisa. Fundado no dia 29 de julho de 1925 por Irineu Marinho, em um primeiro momento circulava apenas à tarde, passando a ser matutino posteriormente. A ideia ao criar *O Globo* era “renovar os padrões da imprensa carioca”⁹².

O discurso do seu fundador, era que o jornal serviria para “defender as causas populares”, sendo pautado, ao menos nas suas palavras, por total independência para evitar ter de se subordinar à qualquer força exógena à própria empresa. Curioso notar, ainda segundo

⁹⁰ MALAIA, João. *Placar 1970*. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque, MELLO, Victor Andrade de. (orgs). *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2012.

⁹¹ Idem.

⁹² Verbete sobre o Jornal *Última Hora*. Disponível: CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil) Acesso em: 12 de agosto de 2013.

Marinho, que o jornal se declarava desvinculado de qualquer tipo de aliança com governos e com grupos capitalistas, nacionais ou internacionais.⁹³ A dita curiosidade é fruto da tradição histórica desse veículo caminhar, em inúmeras oportunidades, de forma absolutamente contrária a esses princípios como veremos adiante.

Nos seus primeiros números:

o jornal defendia o aumento nos vencimentos do funcionalismo público, combatia a carestia, criticava o abandono em que se encontravam certas ruas da cidade e acompanhava passo a passo as ações da Central do Brasil e da Light. Segundo o próprio jornal, as “entidades que exploravam os serviços públicos viviam sob a mira fiscalizadora de *O Globo*”.⁹⁴

Contudo, com o passar do tempo, ficou cada vez mais clara a aliança do jornal a setores do capital estrangeiro, como é perceptível na campanha feita pelo mesmo à época da lei que limitava a remessa de lucros de grandes empresas estrangeiras para suas matrizes no exterior. Outro ponto importante pode ser notado na filiação, de certo modo, do *Globo* às pressões feitas pela oposição ao governo de Getúlio Vargas, com ampla cobertura inclusive do chamado “Atentado da Rua Toneleros”, quando um dos seguranças do então presidente tramou um atentado com o objetivo de assassinar aquele que foi considerado o maior inimigo de Vargas, Carlos Lacerda.⁹⁵

Por conta disso, o jornal acabou sendo alvo da população carioca quando Getúlio se suicidou, com a sede sendo apedrejada e diversos caminhões que distribuíam as edições diárias sendo queimados.

Quanto ao período que nos é mais caro, o da Ditadura Civil-Militar, não restam dúvidas atualmente da intensa participação de toda cúpula responsável pelo *O Globo* no caminho que levou à deposição do presidente João Goulart, que assumiu o cargo seguindo as normas democráticas, e possibilitou a tomada de poder pelos militares. Isso se deu por conta das reformas de base que o presidente pretendia implantar no país e que mexeriam de maneira

⁹³ Verbete sobre o Jornal *Última Hora*.

Disponível: CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil)
Acesso em: 12 de agosto de 2013.

⁹⁴ Verbete sobre o Jornal *Última Hora*.

Disponível: CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil)
Acesso em: 12 de agosto de 2013.

⁹⁵ Verbete sobre o Jornal *Última Hora*.

Disponível: CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil)
Acesso em: 12 de agosto de 2013.

bastante incômoda com os privilégios das classes médias, da burguesia, do empresariado e dos grandes latifundiários.

Nesse sentido:

durante o governo João Goulart, *O Globo* permaneceu na oposição, defendendo os interesses do capital estrangeiro e atacando as reformas de base propostas pelo presidente. O jornal declarou-se contrário à reforma agrária, mesmo se esta fosse feita com indenização, afirmando considerar o minifúndio economicamente prejudicial. Manifestou-se contra o plebiscito de janeiro de 1963, que promoveu o retorno ao regime presidencialista, alijando o parlamentarismo do cenário político. Condenou igualmente a desapropriação dos bens da American and Foreign Power Company (Amforp) em abril de 1963, permanecendo ao lado das proposições do FMI, que dera parecer desfavorável à política econômica levada a efeito por João Goulart. *O Globo* pronunciou-se também contra a Lei de Remessa de Lucros, cuja regulamentação foi emitida em janeiro de 1964.⁹⁶

Nos parece interessante citar, inclusive, a manchete do *Globo* quando do Golpe Militar. Em tom triunfante, noticiou-se que “Empossado Mazzilli na presidência”⁹⁷, seguido de um editorial em que se defendia o ressurgimento da democracia ante o perigo do Comunismo – representando na visão do jornal pelo governo de João Goulart – com destaque para o suposto “heroísmo das Forças Armadas” que levou ao retorno das tradições e vocações do país.

Durante a década de 1960, o jornal manteve-se fiel a essa postura, sempre demonstrando apoio ao governo dos militares, o que levou a ser considerado “o mais governista dos jornais”⁹⁸, mesmo durante a presidência do General Médici, responsável pela fase mais violenta do regime.

Já na década seguinte, mais precisamente em 1975, ao se ancorar sobre o “Milagre Econômico”, o jornal declarou seu apoio ao “combate à subversão”, na edição que comemorava o quinquagésimo aniversário de fundação do *Globo*. Nos anos de 1980, quando o país vivia o processo de transição para a democracia, esse veículo de imprensa elogiou inúmeras vezes a forma como foi feito esse encaminhamento, tendo se destacado inclusive na cobertura aos atentados à bomba no Rio Centro, na ocasião de um show em comemoração ao Dia do Trabalhador, realizada por grupos de extrema-direita, contrários à liberalização do

⁹⁶ Verbete sobre o Jornal *Última Hora*.

Disponível: CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil)
Acesso em: 12 de agosto de 2013.

⁹⁷ *Jornal O Globo*, 1 de abril de 1964.

⁹⁸ Verbete sobre o Jornal *Última Hora*.

Disponível: CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil)
Acesso em: 12 de agosto de 2013.

regime. Isso mostra, mais uma vez, que o jornal seguia os princípios do grupo dentre os militares conhecido como “Castelista”, responsável pela transição democrática.

Citemos também a campanha feita no afã de pressionar o Congresso para que não fosse aprovada a emenda Dante de Oliveira, que previa o reestabelecimento das eleições diretas para presidente. Segundo o jornal, era importante não seguir o “apelo das ruas”, além da cobertura um tanto quanto distorcida das diversas manifestações que pararam o país pelas “Diretas Já”.

Recentemente, após diversas manifestações da população brasileira, onde se escutava comumente o grito “A verdade é dura, a Rede Globo apoiou a Ditadura”, foi feito um editorial no *Globo*, admitindo o apoio ao golpe de 1964, tratando tal escolha como errada, ainda que acuse nesse mesmo comunicado outros meios de mídia de terem feito o mesmo. Devemos destacar, inclusive, que a palavra atribuída ao golpe: “Revolução”. A justificativa dada foi que:

naquele contexto, o golpe, chamado de “Revolução”, termo adotado pelo GLOBO durante muito tempo, era visto pelo jornal como a única alternativa para manter no Brasil uma democracia. Os militares prometiam uma intervenção passageira, cirúrgica. Na justificativa das Forças Armadas para a sua intervenção, ultrapassado o perigo de um golpe à esquerda, o poder voltaria aos civis.⁹⁹

2.2 Da ARTORJ à “Tancretada”: Torcidas, Inflação e Imprensa no decurso da década de 1980

No mês de junho de 1981, antes da criação da ASTORJ, temos a primeira menção a protestos da torcida por conta do alto preço dos ingressos. O *Jornal do Brasil* trouxe a seguinte manchete: “Torcida protesta para diminuir ingresso”¹⁰⁰. Na véspera de um jogo entre Flamengo e Bangu, os torcedores de ambos os times se mobilizaram para não ir às arquibancadas do Maracanã, por conta do aumento de 100% no preço da entrada. O único setor em que não houve reajuste foi o da antiga geral – tradicionalmente frequentado por pessoas com menor poder aquisitivo e que deixou de existir na década de 2000, por conta da modernização do estádio – que contou com um número maior de presentes do que o habitual.

⁹⁹ Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/apoio-editorial-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-9771604>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2014

¹⁰⁰ *Jornal do Brasil*. 3 de junho de 1981.

A reportagem traz ainda a opinião do então presidente da Federação de Futebol do Estado, Otávio Pinto Guimarães, que dizia ser contra o aumento, atribuindo este à responsabilidade dos clubes. Um ponto interessante trazido pelo *Jornal do Brasil* é um cálculo bastante simples, dando conta de que esse aumento poderia ser multiplicado por dois, na medida em que é comum que os pais levem ao menos um filho para o estádio.

Vale frisar, contudo, que segundo o jornal, os torcedores compreendiam em certa medida o reajuste no preço – em virtude da inflação – desde que não fosse de 100%. Uma reivindicação deles é que ao invés de Cr\$ 300 a entrada passasse a valer 200.

O debate entre o mandatário da FERJ e os dirigentes de clube chegou à mídia, mais notadamente ao *Jornal dos Sports*: o vice-presidente do Flamengo, Michel Assef, declarou que era função do governo resolver o problema do povo e dos dirigentes as questões relativas ao futebol. Isso em virtude de uma fala de Otávio Pinto Guimarães de que “era preciso pensar no povo”.¹⁰¹ A mobilização dos torcedores acabou sendo bem sucedida, como estampou a manchete do mesmo jornal no dia seguinte: “Galera venceu. Futebol mais barato”¹⁰².

No mesmo período, temos a primeira cobertura do **Globo** em relação à questão dos ingressos. Em um pequeno editorial, fala-se da crise financeira pelas quais passam os clubes, especialmente os do Rio de Janeiro, por conta do afastamento do público, e as diversas alternativas tentadas por eles para resolver o problema, como bingos ou elos com empresas privadas para o pagamento de suas estrelas, como no caso de Zico, jogador do Flamengo¹⁰³.

Destaca-se, ademais, no mesmo editorial, a iniciativa proposta pelo Botafogo no afã de reduzir o valor dos ingressos, pois já se falava até em greve geral por parte dos torcedores. O jornal traz as palavras do então presidente do clube alvinegro: “(os clubes) aceitem a realidade das primeiras rodadas e façam uma reunião urgente para colocar tudo nos devidos lugares”¹⁰⁴.

Nessa troca de ideias, os clubes grandes passaram a acusar sistematicamente os pequenos por conta do aumento dos preços, gerando revolta dos seus dirigentes, sobretudo o do América, que se pronuncia da seguinte forma: “Eles agiram de maneira covarde e injusta

¹⁰¹ *Jornal dos Sports*. 4 de junho de 1981.

¹⁰² *Jornal dos Sports*. 5 de junho de 1981.

¹⁰³ *Jornal O Globo*. 3 de junho de 1981, p. 23.

¹⁰⁴ *Idem*.

com o América, que sempre foi contra o aumento. Por isso, me recusei a assinar a nota oficial distribuída por eles”¹⁰⁵.

No dia seguinte, o jornalista Sérgio Cabral, autor de uma coluna diária no **Globo**, cujo título era “Papo de Esquina”, também se manifesta a respeito da polêmica. Destaquemos que é justamente nesse espaço que será feito de forma mais frequente o debate em torno das torcidas e da sua enorme dificuldade para comparecer aos estádios. Com o título “Pequenos puxam os grandes para baixo”, o autor parece aceitar a tese dos clubes ditos grandes, muito embora escreva que “já nem vale a pena saber de quem foi a iniciativa, se dos grandes clubes, dos médios ou dos pequenos”¹⁰⁶.

Através do uso da ironia, Cabral ataca até a Justiça Desportiva – que voltou à mídia recentemente por conta imbróglia em que se transformou o fim do Campeonato Brasileiro de 2013 – e seu sistema de punições, usando a palavra “deboche”. Toca-se ainda em um ponto bastante sensível, que será abordado inúmeras vezes pela ASTORJ: o Conselho Arbitral que, para ele, “funciona mais ou menos como a loja maçônica P-2 (não aparece muito mas tem o controle de tudo). Através desse Conselho, os pequenos clubes comandam o nosso futebol”. Na sequência, o jornalista ataca o que para ele é “uma ideia errada de democracia”, porque na Federação de Futebol do Rio de Janeiro, cada clube tem direito a um voto (o que se mantém até hoje, 2014) e, sendo assim, os “pequenos” somados teriam muito mais poder do que os clubes maiores. Desse modo:

democracia é o governo da maioria e a maioria no futebol carioca é formada por Flamengo, Vasco, Fluminense e Botafogo, que representam 96% da torcida. (...)Os votos que os grandes clubes tinham, em maior número do que os pequenos, foram conquistados em competições esportivas, o que aumenta os méritos do antigo sistema. Dotados de maior torcida e de mais títulos esportivos, as grandes decisões sobre futebol caberiam a eles e não a clubes que representam meia dúzia de pessoas. Com a “democracia” (melhor diria: com a demagogia) do voto unitário, os clubinhos adotam medidas que prejudicam o Flamengo, o Vasco, o Fluminense e o Botafogo. Eles têm o controle político e econômico dos grandes clubes, penalizando-os sempre, até quando jogam contra eles, pois as rendas que proporcionam são sempre ridículas. . Se isso é verdade, acho que é hora de decisões dramáticas, pois me cheira a premeditação, a vontade estabelecida de levar o futebol carioca à falência, igualando todo mundo na pobreza. Para começar, sugiro à Câmara dos Deputados que acabe com o voto unitário.¹⁰⁷

¹⁰⁵ *Jornal O Globo*. 3 de junho de 1981.

¹⁰⁶ *Jornal O Globo*. 4 de junho de 1981, p. 27.

¹⁰⁷ *Idem*.

Com a pressão das torcidas e a redução dos preços, *O Globo* destacou em sua próxima edição que “A torcida também vence: ingressos vão custar mais barato.”¹⁰⁸ O jornal dá destaque para o público diminuto presente nos jogos, sobretudo nas arquibancadas, em número inferiores em relação à “geral”. Cabral escreve novamente em sua coluna e, com o auxílio recorrente da ironia, diz que “Com isso (a redução nos preços), acabou muita coisa, inclusive uma espécie de comédia surrealista que envolvia os nossos clubes, cada um deles dizendo que era contra o aumento (mas o aumento foi aprovado numa reunião em que todos participaram).”¹⁰⁹

Porém, a difícil situação financeira do país levou, menos de um ano depois, a um novo reajuste no preço das entradas sendo estampado no dia 06 de janeiro de 1982, no *Jornal dos Sports*. Se no momento anterior, os ingressos mais caros custavam Cr\$ 300, o valor é aumentado em Cr\$ 100 sendo ainda maior em caso de partidas decisivas. Nessa data, já com a existência da ASTORJ, o dito jornal traz a fala do dirigente da associação chamado Rui Leite: “nós nos reuniremos nos próximos dias para tratar do assunto e posso adiantar que a tendência é o boicote aos ingressos mais caros, com os torcedores ocupando a geral. Esse preço ninguém aguenta. É um exagero diante da situação que está aí”¹¹⁰.

Na mesma edição, o “*Cor-de-rosa*” – como era chamado carinhosamente o *Jornal dos Sports* – traz o depoimento indignado de outro torcedor, associando o esvaziamento de sua torcida (Vaspanema), aos constantes aumentos de preços:

na semana passada estivemos com dirigentes do Vasco e eles nos garantiram que os preços das arquibancadas seriam de 300 cruzeiros no Maracanã e 250 nos demais estádios. Esses caras estão ficando malucos. No início do ano, minha torcida tinha 150 componentes e no final de 1981, estava reduzida a menos da metade.¹¹¹

Para finalizar a reportagem, o JS traz a opinião de um torcedor, contrário ao boicote, dizendo que “o aumento é realmente absurdo, mas o protesto deve ser através de faixas no estádio e junto à diretoria do clube”¹¹².

Dois dias depois, mais uma vez, a ASTORJ é destacada no “*cor-de-rosa*”, com a já citada reivindicação pelo seguro aos torcedores. Além disso, os membros da associação se

¹⁰⁸ *Jornal O Globo*. 5 de junho de 1981, p. 28.

¹⁰⁹ *Idem*.

¹¹⁰ *Jornal dos Sports*. 6 de janeiro de 1982.

¹¹¹ *Idem*.

¹¹² *Jornal dos Sports*. 6 de janeiro de 1982.

mostram contrários à instalação de roletas eletrônicas no Maracanã. Essa foi uma medida tomada com o objetivo de evitar a evasão de renda. No entanto, segundo Armando Giesta, então presidente da ASTORJ:

não vai funcionar, pois, para princípio de conversa, como ficará a manutenção dessas roletas? E se uma delas enguiça, o que será muito provável? Uma coisa é colocar roleta eletrônica para a passagem de 10 ou 20 mil pessoas. Outra, para 50, 60, 80 e até 150 mil, em um espaço mínimo de tempo. Milhares de torcedores chegam em cima da hora do jogo, querem entrar o mais rápido possível. Numa dessas, pode até quebrar esse tipo de roleta. Isto sem falar no excesso de uso em um tempo mínimo¹¹³

Armando Giesta propôs como medida o uso do ticket do seguro – presente em todos os ingressos – como suficiente para evitar a evasão. Com o objetivo de valorizar o ticket e impedir que fosse jogado fora, Giesta propôs sorteios de prêmios variados, incentivando inclusive a presença de mais público nos estádios, o que traria benefícios para os próprios clubes, reforçando a ligação entre torcedor e time.

O Globo não se furtou de cobrir esse novo reajuste, publicando a reunião a ser feita por dezessete torcidas organizadas do Flamengo, que culminaria com um protesto na Avenida Rio Branco, no centro do Rio de Janeiro. Com o comando de José Vaz, chefe da “Dragões Rubro-Negros”, foi feito um documento onde:

os torcedores exigem a extinção do voto unitário, em campeonato regional e nacional com número menor de clubes e jogos só nos finais de semana, pleiteiam ser consultados em qualquer plano para a redivisão do Maracanã, e estranharam a posição dos grandes clubes em todo o episódio do preço dos ingressos.¹¹⁴

No contexto da discussão, pela primeira vez o jornal citará a ASTORJ e suas reivindicações, através de Armando Giesta, como: “representação no Arbitral da Federação; volta do mando de campo para os clubes no campeonato estadual, permitindo que os associados tenham ingresso grátis; franquias para menores até 16 anos em todos os campeonatos e mulheres pagando apenas a metade do preço nas arquibancadas”¹¹⁵.

Podemos depreender que, ao menos nesse momento, as lutas da Associação das Torcidas Organizadas ganharam uma nova dimensão, como uma entidade realmente representativa, uma vez que seu discurso fez coro até em jornais tradicionalmente conservadores, como *O Globo*. Devemos destacar, outra vez, a coluna Papo de Esquina, onde

¹¹³ *Jornal dos Sports*. 8 de janeiro de 1982.

¹¹⁴ *Jornal O Globo*. 7 de janeiro de 1982.

¹¹⁵ *Idem*.

Sérgio Cabral se mostrará favorável aos diversos pedidos feitos pela ASTORJ, pois, segundo ele, “os torcedores entendem mais do assunto (futebol) do que Otávio”¹¹⁶.

A discussão em torno do constante aumento de preços voltou à tona pouco mais de seis meses depois: desta vez, no *Jornal do Brasil*, em reportagem sobre amistosos do Clube de Regatas do Flamengo no exterior, chama a atenção para o próximo compromisso oficial do clube, contra o Americano, de Campos. Neste, segundo as palavras de Cláudio Luís, representante da Raça Rubro-Negra – maior torcida organizada do clube – e da ASTORJ, haveria um boicote, por conta da “quebra da palavra dos dirigentes dos clubes que, após estabelecerem uma tabela para a cobrança de ingressos, de comum acordo com os representantes da ASTORJ, a modificaram, aumentando os preços”¹¹⁷.

Pode-se notar, inclusive, pela primeira vez a utilização da palavra “greve geral”, no vocabulário da torcida e do jornal. A postura autoritária dos dirigentes de clubes – “Então, eles disseram que não haveria mais nada a discutir e que os jogos contra o Madureira, Portuguesa e Bonsucesso serão de Cr\$ 400 e não 300” – é realçada no discurso; o único poupado é o representante do Fluminense, por ter votado contra o reajuste.

A ideia de uma “greve geral” das torcidas se ampliou nos meses de julho e agosto: a manchete do *Jornal dos Sports*¹¹⁸, exato um mês após a discussão ter se iniciado no JB, relata “Torcidas decretam greve”. Segundo Bernardo Buarque de Hollanda, “as informações relatavam os resultados de uma reunião da Astorj com dezesseis torcidas organizadas, onde, por quinze votos contra um, a entidade deliberava a greve contra o aumento dos ingressos”¹¹⁹.

A matéria presente no corpo do jornal trouxe o depoimento do presidente da Associação, mais uma vez, realçou-se a “falta de palavra dos dirigentes”, que não cumpriram com o que havia sido combinado em termos de preço. Ainda segundo Hollanda, “a fiscalização das torcidas, sob a forma orgânica da ASTORJ, permitia-lhes um maior acompanhamento das posturas dos dirigentes, captando e questionando suas incoerências”¹²⁰.

Porém, no dia seguinte, o *Jornal dos Sports* chama a atenção para os problemas internos da Associação de Torcedores. Por não contar com o apoio das torcidas de Botafogo e

¹¹⁶ *Jornal O Globo*. 8 de janeiro de 1982.

¹¹⁷ *Jornal do Brasil*. 28 de junho de 1982.

¹¹⁸ *Jornal dos Sports*. 28 de julho de 1982.

¹¹⁹ HOLLANDA, Bernardo Buarque de. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das jovens torcidas cariocas*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2009.

¹²⁰ Idem.

Vasco – estas últimas por ganharem ingressos do dirigente Eurico Miranda¹²¹ - o movimento grevista acabou por se esvaziar. A manchete era clara: “Galera dividida esvazia a greve”.¹²² Curioso notar o substantivo com o qual o periódico chama os torcedores “Galera”. Contudo, mesmo com as dificuldades relativas ao próprio movimento, o “*Cor-de-rosa*” manteve a postura de apoio aos torcedores, no editorial intitulado “Ingresso caro, salário baixo”.¹²³

“Papo de Esquina” não se absteve de comentar o novo aumento. E, como já havia sido feito anteriormente, Sérgio Cabral se mostrou favorável aos desejos dos torcedores, através do clamor para uma discussão sobre o preço das entradas e da crítica a fixação prévia do valor dos ingressos, antes do início do campeonato, pois, segundo ele:

desobedece a lei mais primária do mercado, que é a da oferta e da procura. Além disso, não leva em conta a própria inflação: Cr\$ 500,00 em junho não são os mesmos Cr\$ 500,00 em dezembro. Ninguém sabe da importância que um jogo terá no decorrer de um campeonato. Um Bangu x América, às vezes, pode atrair mais público que um Vasco x Flamengo ou um Fla x Flu.¹²⁴

Cabral não se furta de dar sugestões para resolver o problema – e, mais uma vez, a redivisão do Maracanã é citada – como maior facilidade no transporte público, finalizando sua coluna com exemplos – preço da carne e da loteria – que demonstram que a redução do preço acabou sendo bem sucedida no que se refere ao aumento da procura.

Ainda na página relativa aos esportes do jornal, mostra-se o pedido feito por Otávio Pinto Guimarães para que as torcidas não fizessem o boicote aos jogos, como estava sendo discutido. Com a alegação de que haveria em breve uma reunião no Conselho Arbitral, onde seria discutido o reajuste, recebeu a promessa do adiamento dos protestos.¹²⁵

Essa pressão exercida pela imprensa e pela ASTORJ acabou surtindo efeito: o presidente da Federação de Futebol do Rio cedeu aos apelos pela redução dos preços e fez com que retornassem ao valor de antes. Assim, temos a manchete triunfante do *Jornal dos Sports*: “Ingressos voltam a custar Cr\$ 300,00”.

A constante crise financeira que o país passava trouxe, novamente, no ano seguinte, aumento no valor das entradas: desta vez, o Conselho Arbitral da FERJ, reajustou o preço em

¹²¹ Entrevista com Armando Giesta, ex-presidente da Young Flu, fundador da ASTORJ, feita pelo pesquisador Bernardo Buarque de Hollanda em 02 de março de 2005.

¹²² *Jornal dos Sports*. 29 de julho de 1982.

¹²³ *Jornal dos Sports*. 31 de julho de 1982.

¹²⁴ *Jornal O Globo*. 31 de julho de 1982.

¹²⁵ Idem.

100%, tornando-o quase impeditivo para os torcedores de baixa renda.¹²⁶ O valor do ingresso subiu de Cr\$ 500 para Cr\$ 1000, em jogos normais e Cr\$ 1500 em jogos finais.

A cobertura do Jornal *Última Hora* destaca a insatisfação óbvia da ASTORJ, que, a partir deste momento, trazia para sua luta um elemento novo: a possibilidade de processo judicial com o intuito de impedir o reajuste. Essa decisão ainda seria discutida pela entidade que pretendia basear seu argumento no fato de o aumento ter sido superior ao índice de INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor) no espaço de um ano.

Nesta mesma reportagem, aparece pela primeira vez na pauta da ASTORJ a bandeira de meia-entrada para mulheres. Contudo, ela foi descartada sem que houvesse sequer análise por Otávio Pinto Guimarães, pois, segundo ele, “se aprovássemos isso, todo mundo iria virar mulher”.¹²⁷

O Globo aborda de forma superficial o aumento¹²⁸, noticiando apenas o reajuste, sem dar muito destaque para os protestos decorrentes dele, como tivemos no *Última Hora*. Devemos frisar que não há nenhuma menção à ASTORJ, o que acabou se tornando comum nas páginas do jornal da família Marinho, o que pode sinalizar de forma cabal a sua fidelidade ao regime Militar, que se via cercado de um número cada vez maior de movimentos sociais, como vimos no primeiro capítulo de nossa pesquisa.

O mês de setembro de 1984 voltou a trazer embates envolvendo a Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro, clubes e a Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro. Novamente, a questão do aumento do preço dos ingressos foi o combustível para essas disputas, contando, no entanto, com um tempero adicional: a não aprovação da emenda Dante de Oliveira, que propunha eleições diretas para a presidência do país. Porém, mesmo a manutenção do pleito de maneira indireta, mexeu com a população brasileira como um todo, sendo refletida até mesmo na festa das torcidas no Maracanã.

Prova disso foi um clássico envolvendo Flamengo e Fluminense, no dia 23 do dito mês. Segundo Bernardo Buarque:

ambas as torcidas compareceriam ao Maracanã munidas de faixas de apoio ao candidato peemedebista (Tancredo Neves) e de repúdio ao candidato do PDS (Paulo Maluf), além de não ter esquecidos os pedidos pelo derrotado movimento das *Diretas Já*. Antes do início da partida, os rubro-negros puxaram gritos de “Tancredo, Tancredo”. O fato inusitado, todavia, que marcou o *jogo das torcidas*

¹²⁶ *Jornal Última Hora*. 28 de junho de 1983.

¹²⁷ *Idem*.

¹²⁸ *Jornal O Globo*. 28 de junho de 1983.

naquela tarde de domingo foi a faixa provocativa preparada pela torcida do Flamengo. Desfraldada na arquibancada, a percorrer boa parte do anel, a faixa “O Fla não Malufa” aludia a jogadores do Fluminense, como o goleiro Paulo Vítor, que naquela semana haviam manifestado apoio a Paulo Salim Maluf, posando para foto, em Brasília, junto ao presidente.

Figura 1



A massa rubro-negra engrossou a preferência por Tancredo...

Fonte: Revista Placar, 28 de setembro de 1984.

Figura 2



Como era natural, a torcida do Flu não gostou da malufada

Fonte: Revista Placar, 28 de setembro de 1984.

Figura 3



Fonte: Revista Placar, 28 de setembro de 1984.

Na véspera da partida, *O Globo* já esquentava o clássico, com as declarações do presidente Figueiredo, torcedor do Fluminense, exigindo a vitória, arriscando até o placar de 3x1. O jornal destaca a visita de vários jogadores do Flu a Paulo Maluf, candidato do PDS e a entrega da camisa de número 10 ao político. Cabe ainda espaço para uma declaração do próprio Maluf, numa tentativa de angariar apoio da torcida do Flamengo: “Maluf agradeceu, disse que seu time predileto no Rio é o Fluminense, mas, bom político, não fechou as portas para novos simpatizantes: - Em segundo lugar torço pelo Flamengo”¹²⁹.

Vale destacar que a *Revista Placar* fez uma cobertura especial do jogo, destacando o episódio relativo à política. Através de correlações entre o time do Fluminense – derrotado na partida – e a situação partidária do país, temos, por exemplo, “Como uma espécie de versão futebolística do dividido PDS, o Flu também rachou em torno do impopular Paulo Maluf”¹³⁰. Devemos citar que a torcida do clube das Laranjeiras ficou extremamente insatisfeita com o episódio, a despeito das provocações feitas pela torcida do Flamengo. Prova disso é que, na mesma matéria da *Placar*, isto fica exposto em “Quando a torcida do Flu soube pelos jornais, reagiu imediatamente com telefonemas, ameaças e pichações na sede do clube.”¹³¹

¹²⁹ *Jornal O Globo*. 18 de setembro de 1984.

¹³⁰ *Revista Placar*. 28 de setembro de 1984.

¹³¹ *Revista Placar*. 28 de setembro de 1984.

A rivalidade clubística também pode ser apreendida no trecho que vem a seguir. Enquanto o presidente do tricolor, “Manoel Schwartz foi obrigado a soltar uma nota oficial, reafirmando o caráter apolítico do Fluminense”¹³², o responsável máximo pelo rubro-negro carioca aproveitou e “declarou-se tancredista e foi seguido por todos dentro e fora do clube.”¹³³

Não sabemos se esta atitude teve a ver efetivamente com uma preferência política, mas o fato é que a posição de ambos os clubes encontrou eco entre os presidenciáveis. No bojo dessa disputa futebolística, temos que “Tancredo, que torce pelo Flamengo, disse que seu time iria ganhar por 3x1 e Maluf, estranhamente mais modesto, profetizou um magro 2x1 para o Flu”¹³⁴.

Desse fato, podemos notar que os dois candidatos à presidência percebiam o ambiente ao redor das eleições – ainda que indiretas – e tentavam angariar a simpatia de eventuais seguidores utilizando aquele que é, possivelmente, o maior aglutinador nacional: a paixão do brasileiro por seu clube de futebol.

Ainda na mesma reportagem, outros trechos interessantes. A *Revista Placar* voltou a indicar que a disputa entre Maluf e Tancredo e os reflexos dela no time tricolor – a escolha feita por alguns jogadores a favor do candidato associado à ditadura – foram decisivas para a derrota do Fluminense, tanto quanto o esquema tático adotado por ser adversário.

Para isso, mostra que essa opção política causou incredulidade no paraguaio Romerito, grande jogador daquela equipe e um dos ídolos da história do Fluminense. Em depoimento à reportagem da revista, ao ver as faixas que a própria torcida levou ao Maracanã, ele arrematou: “Não estou entendendo meus amigos. Maluf não tem o povo contra ele?” Outro destaque do time, Delei, estava ainda mais indignado: “Essa visita não representa o pensamento do time.”¹³⁵

Contudo, havia, efetivamente, aqueles que apoiavam de forma declarada o candidato Paulo Maluf, como já foi dito em relação, sobretudo ao goleiro Paulo Vítor, que para mostrar apoio a esse político, teve que mentir para o supervisor do clube. Feito isso, foi liberado da concentração e pede gravar seu depoimento na TV Manchete.

¹³² *Revista Placar*. 28 de setembro de 1984.

¹³³ *Idem*.

¹³⁴ *Revista Placar*. 28 de setembro de 1984.

¹³⁵ *Revista Placar*. 28 de setembro de 1984.

Figura 4

Fonte: Disponível em: <http://jblog.jb.com.br/flamengo/2012/07/19/erros-crassos-bandidagem-e-maluf-as-marcas-indeleveis-do-tri-estadual-oitentino-do-fluminense/paulo-vitor-e-maluf/>
Acesso em: 2 de fevereiro de 2014

O próprio treinador do Fluminense parece ter se aproveitado da dimensão desse debate, culpando esse episódio pela derrota do seu time: “Luis Henrique, o técnico que passou a semana prometendo vitória, também tinha uma boa desculpa para a derrota: “A ida de Paulo Vitor à televisão pôs por água abaixo todo o trabalho desenvolvido após a visita do grupo a este indivíduo lá em Brasília”¹³⁶.

Apesar desses depoimentos, outros jogadores parecem ter achado que o fato não foi tão relevante para a derrota do clube, como o centroavante Washington, também malufista, ao ser indagado sobre as faixas da torcida contra o candidato do PDS. Nesse caso em específico,

¹³⁶ *Revista Placar*. 28 de setembro de 1984.

a inclinação do jogador a favor de Maluf se explica porque "Maluf prometeu criar o Ministério dos Esportes e isso é importante para a classe".¹³⁷

Para finalizar a reportagem, a revista reafirma seu ponto de vista, ao colocar que “é possível até que Tancredo não tenha ajudado o seu Flamengo a vencer, mas Maluf certamente contribuiu para derrotar o Fluminense - como, aliás, já previa o técnico Zagalo, antes do jogo: Vamos dar uma tancredada no tricolor.”¹³⁸

O *Jornal O Globo* também brindou seus leitores com um pequeno especial sobre esse clássico “político”, destacando “de ambos os lados do Maracanã, o que se viam eram faixas de apoio ao candidato da Frente Liberal, Tancredo Neves, sem dúvida vencedor absoluto no agrado das torcidas.”¹³⁹ Outras manifestações de ambas as torcidas foram lembradas pelo jornal, como as diversas faixas espalhadas pelo estádio como “Maluf é corrupção; Tancredo, a solução”, “Fla não Malufou” e os gritos dos torcedores com o coro de “Tancredo! Tancredo!”.¹⁴⁰ A declaração do ministro da Marinha, Alfredo da Karam, torcedor do Flamengo, quando questionado sobre a presença da política nas arquibancadas é sintomática: “De política não falo”. O recurso das charges foi valorizado pelo *Globo*, como podemos notar abaixo:

Figura 5



Fonte: *Jornal O Globo*, 24 de setembro de 1984.

¹³⁷ *Revista Placar*. 28 de setembro de 1984.

¹³⁸ *Revista Placar*. 28 de setembro de 1984.

¹³⁹ *Jornal O Globo*. 24 de setembro de 1984.

¹⁴⁰ *Jornal O Globo*. 24 de setembro de 1984.

Retornando a questão do preço dos ingressos, ainda no início do mesmo mês, houve um reajuste de Cr\$ 2.000 nas entradas. Aliada a isso, a intransigência da Federação de Futebol do Estado no sentido de não receber os torcedores para um diálogo, fez com que a ASTORJ convocasse uma nova greve, conclamando o público a utilizar somente o espaço da “Geral” do Maracanã, setor mais barato e popular. O *Jornal do Brasil*, inclusive, chama a atenção para as cisões entre os próprios clubes, especificamente Flamengo e Vasco, em relação a esse debate:

mais uma vez os dirigentes mostram falta de critério em suas decisões. Ontem, houve mais uma vez discussão entre representantes do Vasco e Flamengo. Cada um querendo contrariar a decisão do outro. Na reunião passada, o Flamengo tinha concordado em dar apoio total ao aumento de ingressos. Ontem, decidiu o contrário, para atender ao pedido de seus torcedores. No mesmo instante, o Vasco resolveu não aceitar nenhuma mudança de posição e proibiu até mesmo (com apoio de outros dirigentes) que Flamengo e América fosse jogado hoje com ingressos mais baratos, de acordo com o pedido dos clubes. Se Flamengo e América desejavam diminuir os preços, o Vasco e os outros membros do Arbitral poderiam deixar, pois o fato não influenciaria suas rendas futuras. No entanto, o desejo era não apoiar o Flamengo, para que ele não ficasse bem com a torcida, como desejava em sua posição.¹⁴¹

Vale destacar que esse aumento em específico tem relação direta não só com o problema da inflação, mas também por uma reforma no Maracanã, que passava por defeitos estruturais na arquibancada, podendo receber apenas um público muito menor que o usual – apenas 20 mil torcedores no setor que normalmente ficava lotado.

Ao pesquisarmos *O Globo*, notamos, mais uma vez, que não há uma preocupação em questionar o novo reajuste, se referindo a matéria unicamente à mudança nos valores, justificando-o como já previsto antes¹⁴².

Por outro lado, o depoimento trazido pelo *Jornal dos Sports*¹⁴³ sobre o mesmo fato traz declarações de diversos torcedores, que demonstram insatisfação com o rompimento do acordo feito anteriormente, que dava conta de aumento nas entradas somente no segundo turno do campeonato. Ademais, nas palavras de Beto, líder da Raça Rubro-Negra, não era culpa da torcida o fato do Maracanã estar em obras, reduzindo os lucros dos clubes. Outra reivindicação da torcida do Flamengo, especialmente, era a substituição do representante do clube no Conselho Arbitral.

¹⁴¹ *Jornal do Brasil*. 7 de setembro de 1984.

¹⁴² *Jornal O Globo*. 4 de setembro de 1984.

¹⁴³ *Jornal dos Sports*. 6 de setembro de 1984.

Essa pressão exercida pela torcida e pela mídia fez com que o presidente do Flamengo atendesse a esse pedido específico, sendo voto vencido no que se referiu a redução do preço. Desta forma, a torcida realizou o boicote, comparecendo em peso na “Geral”, deixando a arquibancada de lado. Como mais uma prova de que as torcidas organizadas não estavam alheias ao processo político que passava o país, estão os cartazes exibidos por elas nesta partida, com dizeres como “Cr\$ 5.000 é Maluf”, numa menção ao candidato do partido para a presidência associado à ditadura.

Enfim, *O Globo*, foi mais a fundo na discussão sobre o reajuste, trazendo a previsão do boicote da torcida do Flamengo para o jogo que se seguiria, no dia seguinte, contra o América. Valendo-se, curiosamente, de uma entrevista com um membro da Força Jovem, torcida do Vasco, Betinho, na qual ele diz que “com este movimento, nós queremos pressionar os dirigentes dos clubes e da Federação para que eles diminuam o preço dos ingressos. O aumento foi absurdo, nós não somos os culpados pelos problemas do Maracanã e não podemos pagar as reformas”¹⁴⁴, *O Globo* sinaliza que mesmo torcedores rivais ignoravam suas diferenças clubísticas em prol de um “bem maior”, por assim dizer.

Ainda nesse sentido, o jornal publicou logo depois uma pequena coluna, que fez referência ao contexto mundial, da Guerra Fria, para ilustrar o que vinha ocorrendo no Rio de Janeiro. Utilizando a ironia, lemos que

a Nação Rubro-Negra foi para a geral e já ganhou o título de campeã do boicote. E no Maracanã a “Geral” disse para a “arquibancada”: - Você está mais vazia do que o bolso do povo. Só as grandes potências praticam o boicote: Estados Unidos, União Soviética e Flamengo.¹⁴⁵

Sergio Cabral, em sua coluna, voltou a emitir sua opinião, mantendo sua postura de apoio aos torcedores. Chamando a atenção para “a crise nas relações entre o público e o futebol.”, algo mais grave do que uma mera questão de “aumento nos preços”, o jornalista cita outra vez a relação de oferta e procura e seus reflexos nos mercados – preço da carne, do leite e de “comidinhas sofisticadas”, em suas palavras – para que se possa refletir sobre essa problemática.

Ademais, um argumento utilizado por Cabral nos parece especialmente interessante e curioso, ao comparar o futebol a um espetáculo de música, antecipando, em 1984, uma discussão que está muito presente no ano de 2014, quando se questionam os preços das

¹⁴⁴ *Jornal O Globo*. 6 de setembro de 1984

¹⁴⁵ *Jornal O Globo*. 10 de setembro de 1984.

entradas para os jogos. Esse discurso seria recuperado posteriormente pelos próprios torcedores, como veremos mais abaixo. Segundo o jornalista,

as atividades de lazer, porém, contam com um recurso para enfrentar a crise: os bons espetáculos. Agora mesmo, a gente sabe que é muito difícil a aquisição de um ingresso para ver o show de Nei Matogrosso. Mas você já viu esse show, leitor? É um senhor espetáculo, com uma produção imensa, com uma direção esplêndida e com um dos maiores artistas da nossa música popular. O mesmo, infelizmente, a gente não pode dizer de todos os jogos do Maracanã e, pior ainda, da “produção” desses jogos. Como se pode exigir que a Taça Guanabara seja um grande sucesso em matéria de público, se os clubes de grande torcida não dispensaram a ela o tratamento merecido? O público não comparece ao futebol com um simples estalar dos dedos.¹⁴⁶

A polêmica continuou ao longo da semana seguinte, com a ameaça da ASTORJ de ampliação do boicote inclusive para o setor das gerais.¹⁴⁷ Na véspera da rodada a ser realizada no fim de semana, a torcida do Flamengo se mostrava disposta a fazer piquetes na entrada do estádio Ítalo Del Cima, em Campo Grande, onde seria disputada a próxima partida, uma vez que este era bastante acanhado, não tendo um setor popular com “Geral”. Tanto no “*Última Hora*”¹⁴⁸, quanto no “*Jornal dos Sports*”¹⁴⁹, foi divulgada uma série de medidas desejadas pela Associação de Torcidas Organizadas do Flamengo (Astorfla) e pela ASTORJ, como a redução no preço e a participação de um representante de uma destas entidades nas decisões do Conselho Arbitral da Federação. Outra pauta retornava: a questão do seguro ao torcedor que, conforme deveria ser reajustado.

No *Globo*, o boicote não passou impune, sendo noticiada a reunião entre os torcedores do Flamengo que determinaria os rumos do movimento. Assim, foi confirmada a ausência no jogo contra o Campo Grande, além da proposta de estender o movimento para o clássico a ser realizado no outro fim de semana, contra o Fluminense, que daria contornos decisivos para o campeonato¹⁵⁰.

No jornal publicado no dia seguinte, a questão é levantada mais uma vez, com as notícias de que representantes da torcida foram à Gávea – local de treino dos jogadores – para comunicá-los e explicá-los a decisão. *O Globo* traz o ponto de vista até então inédito – dos

¹⁴⁶ *Jornal O Globo*. 11 de setembro de 1984.

¹⁴⁷ *Última Hora*. 11 de setembro de 1984.

¹⁴⁸ *Última Hora*. 14 de setembro de 1984.

¹⁴⁹ *Jornal dos Sports*. 15 de setembro de 1984.

¹⁵⁰ *Jornal O Globo*. 14 de setembro de 1984.

craques do time – sobre o movimento, como o jogador Tita. No seu discurso, o camisa 10 declara que

- todos nós achamos que o aumento foi inoportuno, pois castigou os torcedores pelos problemas no Maracanã. Por outro lado, o Flamengo foi o único clube a não concordar com o aumento e é também o único que está sendo prejudicado, pois só a nossa torcida está boicotando as arquibancadas do Maracanã e os jogos em outros estádios, como o Ítalo Del Cima. Os outros clubes – Fluminense, Vasco, Botafogo e América – devem estar gostando muito deste boicote, já que o Flamengo está sendo punido por seus próprios torcedores – disse Tita.¹⁵¹

Podemos perceber, então, que ao lado do apoio à atitude da torcida há também uma tentativa de apelo do jogador ao emocional dos torcedores, quando cita-se que o Flamengo sairia prejudicado perante os outros adversários. Tita, aliás, destaca a postura da diretoria do clube – a favor da redução do preço – no afã de convencer o fim do boicote. Em nova declaração, traz-se à baila a questão do esporte enquanto “espetáculo” e, novamente, o apelo para que a torcida desista da atitude, ao menos no “clássico” contra o Fluminense. “- Se o Fluminense lotar as arquibancadas e o Flamengo ficar só na geral, mais uma vez nós seremos os prejudicados. Além disso, uma decisão de campeonato merece mesmo um preço razoável no ingresso. É preciso valorizar o espetáculo”¹⁵².

No domingo, 16 de setembro, dia da partida contra o Campo Grande, *O Globo* confirma o boicote e os piquetes à porta do estádio Ítalo Del Cima, como “a única maneira de forçar os dirigentes a diminuírem o preço das arquibancadas.” Ainda na reportagem, o jornal noticia um primeiro sucesso da torcida, no contato com o então presidente do clube, George Helal, que comunicou a todos de que o Conselho Arbitral da FERJ estaria reunido em breve pra discutir os preços. Temos, mais uma vez, a intrínseca relação entre as torcidas organizadas – buscando conquistas – e a diretoria dos clubes¹⁵³.

Seguindo a mesma linha da argumentação do jogador Tita, foi a vez do técnico Zagallo emitir sua opinião, também contrário à medida dos torcedores:

- acho que só o Flamengo está sendo prejudicado com esta atitude das nossas torcidas. E justamente o Flamengo que foi contra o aumento do preço dos ingressos. Nosso time tem uma relação muito íntima com a torcida e precisa dela para ser campeão. Espero que no Fla-Flu não haja boicote.¹⁵⁴

¹⁵¹ *Jornal O Globo*. 14 de setembro de 1984.

¹⁵² *Jornal O Globo*. 15 de setembro de 1984.

¹⁵³ *Jornal O Globo*. 16 de setembro de 1984.

¹⁵⁴ *Jornal O Globo*. 16 de setembro de 1984.

O evento no jogo contra o Campo Grande chamou a atenção de outros jornalistas, como Pedro Zamora, cronista do *Jornal dos Sports*, que escreveu uma coluna sobre o papel do torcedor, cujo título era “Torcida é pra torcer”. Segundo Bernardo Buarque de Hollanda, este slogan era antigo pois “recuperava os argumentos da ditadura contra a agitação estudantil de 1968, “estudante é pra estudar”, “padre é pra rezar”, num improvável funcionalismo perfeito, onde todos os papéis sociais deviam ser cumpridos e adequados à risca”¹⁵⁵.

Na dita coluna, o autor se utiliza de lugares comuns, tais como “torcida do Flamengo, conhecida como sendo o décimo segundo jogador (do time)”, e em determinado momento, critica a atitude dos torcedores em terem feito o boicote:

vocês, moços, das torcidas organizadas do Flamengo, erraram, abandonando os seus craques à própria sorte, logo no momento em que eles tanto precisaram de vocês” para, logo em seguida, defender a torcida, culpando os dirigentes: “Claro que vocês estão com a razão. Claro que os cartolas emalqueceram (...) Está errado, sim, esse aumento de ingressos.”¹⁵⁶

Após escrever sobre a História do Flamengo, seus ídolos, etc, Pedro Zamora arremata, no final da coluna, indicando para os torcedores um possível caminho: “O culpado pelo aumento do preço dos ingressos é quem, em lugar de conservar o “futebódromo”, foi construir o tal de sambódromo. É a eles que vocês devem se dirigir”¹⁵⁷.

A cobertura dos protestos foi feita em larga escala pelo *O Globo* na edição seguinte ao jogo. A manchete mostra um dos atos dos torcedores: “Torcida enterra o futebol carioca.”¹⁵⁸ No corpo da reportagem, uma descrição minuciosa dos acontecimentos em Ítalo Del Cima, com direito à presença de personagens típicos do futebol, contando com a irreverência do carioca: “desfilavam com um caixão vermelho coberto com flores e velas e havia também fantasias: um padre, uma “viúva” e um “cartola”. Nas faixas, lia-se: “Fora assassinos do futebol”, ou “abaixem os preços ou abandonaremos os estádios” e ainda “fora Otávio Pinto.”¹⁵⁹

A excelente cobertura destacou ainda os discursos feitos pelos torcedores, entre eles, Cláudio Cruz - que analisaremos no terceiro capítulo de nosso trabalho – reivindicando

¹⁵⁵ HOLANDA, Bernardo Buarque de. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das jovens torcidas cariocas*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2009.

¹⁵⁶ *Jornal dos Sports*. 18 de setembro de 1984.

¹⁵⁷ Idem

¹⁵⁸ *Jornal O Globo*. 17 de setembro de 1984.

¹⁵⁹ Idem.

melhores condições de higiene e segurança nos estádios além, claro, da redução dos preços. Para tal expediente, o torcedor fez referência aos preços praticados em São Paulo, como sendo possíveis também no Rio de Janeiro. Como última instância, até mesmo uma visita ao governador Brizola foi cogitada em caso de negativa às suas reivindicações.

Nesse ponto, retornamos a análise referente à revista **Placar** que também fez a cobertura do jogo entre Flamengo x Campo Grande e, obviamente, não se furtou de mostrar a insatisfação dos torcedores rubro-negros. Nesse sentido, destacou-se os cartazes erguidos na porta do estádio, com os dizeres “ **‘Fora assassinos do futebol’, ‘Futebol virou privilégio de rico’, e ‘Futebol não é comida, nem gasolina - é lazer’**”¹⁶⁰.

Além disso, a **Placar** sublinhou que esses torcedores não compraram ingressos e, tal qual *O Globo*, fizeram o enterro simbólico dos dirigentes. Curioso notar que, a exemplo do que acontece em 2013 – por conta da modernização dos estádios para a Copa do Mundo, o preço das entradas aumentou – já existia neste momento, em 1984, a crítica de que a majoração dos ingressos acabou afastando o torcedor dos jogos de seu time.

Figura 7



Fonte: Revista Placar, 12 de junho de 1981.

¹⁶⁰ Revista Placar, 21 de setembro de 1984.

Contudo, é fundamental ressaltar que este veículo já fazia críticas em relação ao preço das entradas desde 1981, como podemos notar em um editorial de Juca Kfoury¹⁶¹, onde este sociólogo apoiava a mobilização da torcida carioca contra os aumentos. Porém, nesse primeiro momento, Kfoury aponta outras necessidades, como a questão de organizar melhor os campeonatos, até para que permanecessem no Brasil os grandes jogadores. Era um momento em que propostas tentadoras da Europa ensaiavam levar os “craques” brasileiros para o Velho Continente, como já havia ocorrido com Falcão, jogador que defendeu as cores do Internacional de Porto Alegre.

Menos de um mês depois, mais especificamente no editorial do dia 3 de julho, Juca Kfoury volta a escrever sobre a questão dos ingressos. Dessa vez, o discurso se intensifica, fazendo referência à situação política do país, ressaltando que a abertura política afetava a “paixão maior”. Assim, temos, nas palavras do sociólogo:

será inevitável que no país do futebol a abertura política reflita na paixão maior. Com sobressaltos ou não, com avanços ou recuos, o Brasil mudou bastante nos últimos tempos. O espaço para que as pessoas se organizem nos bairros, nas paróquias, nos sindicatos e nos partidos está aí, aberto para quem quiser e souber preenchê-lo. O torcedor não pode ficar alienado nesse processo, vendo a abertura passar pela janela como a velha banda de Chico Buarque. Ele precisa fazer valer sua voz, seu sacrifício e, organizadamente, passar a influir no futebol brasileiro.¹⁶²

Ainda neste editorial, Kfoury propõe como solução a reunião de torcedores de clubes rivais – a exemplo da ASTORJ – para que pudessem ser pensadas melhorias para o futebol nacional, como um todo. Desse modo, Juca faz um apelo, como pode ser visto abaixo:

reunindo torcidas adversárias em tono dos objetivos que são comuns a todas elas. Inimigos ferozes nas arquibancadas, o corinthiano e o são-paulino, o atleticano e o cruzeirense, o flamenguista e o vascaíno, o colorado e o gremista se ressentem dos mesmos problemas: falta de conforto nos estádios, policiamento repressivo e não preventivo, transportes deficientes e, principalmente, campeonatos mal formulados.¹⁶³

A seguir, Juca faz menção à paixão que o brasileiro tem pelo esporte e que, por conta disso, o custo de vida não o impediria de ir ao estádio. Ao dar prosseguimento em sua análise, o editorial nos traz uma afirmação bastante contraditória, se levarmos em conta ao artigo de junho do mesmo ano, analisado anteriormente. Corroborado pelo discurso dos presidentes das principais torcidas organizadas de São Paulo – em reportagem presente na mesma edição de 3

¹⁶¹ *Revista Placar*. 12 de junho de 1981.

¹⁶² *Revista Placar*. 3 de julho de 1981.

¹⁶³ *Idem*.

de julho – Juca afirma que “não é no preço do ingresso que o torcedor esbarra”¹⁶⁴. Adiante, Juca repete que “essa perplexidade não pode reduzir-se à fuga dos estádios”¹⁶⁵, esquecendo-se completamente da enorme inflação que já atrapalhava as classes mais pobres do país, dificultando o acesso aos jogos – como a criação da ASTORJ comprova.

Finalizando este editorial, Juca Kfourri nos fala sobre a “utopia” – até aquele momento - de se construir uma associação de torcidas nacional, abordando a necessidade de associações locais/regionais, como era o caso da ASTORJ. Sobre esta, já em vigor na data de publicação da revista, não há nenhuma menção. Talvez pela mesma ter pouco tempo de existência até aquele momento, o que pode ter acarretado no desconhecimento por parte de Kfourri.

Também se faz necessário analisar as entrevistas encontradas no interior da revista, relacionadas tanto ao editorial quanto à capa. Na capa da revista, temos a seguinte manchete: “Basta! Torcedor tem que se unir!”, numa referência clara à possibilidade de uma associação de torcidas, como sugere Juca Kfourri.

Na reportagem em específico¹⁶⁶, a maior reclamação dos torcedores se refere à fórmula de disputa do campeonato paulista – onde não havia o modelo de “turno x retorno”, com todos se enfrentando, e com o definidor de pontuação sendo o de “pontos perdidos” e não o de pontos ganhos. Por conta disso, o campeonato ficava muito inchado, com jogos que não valiam muita coisa. Como prova, citamos o depoimento de Hélio Silva, presidente da Torcida Uniformizada do São Paulo, que diz :

pena que a Federação não entendeu seu esforço, montando um campeonato mambembe, que ninguém sabe quando começa nem como acaba. E não organizou a tabela de forma a não obrigá-lo a jogar três vezes por semana, estropiando o time e deixando-o fora do octogonal. Podem dizer que isso seria um privilégio, mas não concordo. Se a tabela fosse bem feita, todos teriam condições de viajar, sem acumular tantos jogos.¹⁶⁷

Outro torcedor que questiona a fórmula de disputa é o presidente da Torcida Jovem do Santos, chamado José Miguel de Almeida, que coloca:

¹⁶⁴ *Revista Placar*. 3 de julho de 1981.

¹⁶⁵ *Idem*.

¹⁶⁶ *Revista Placar*, 3 de julho de 1981.

¹⁶⁷ *Idem*.

sabemos muito bem que as duas primeiras fases deste campeonato não valem nada, e só vamos aparecer na terceira, quando na verdade o título será decidido. Se fôssemos ouvidos, como já tentamos várias vezes, o campeonato seria em dois turnos corridos. No máximo, admitiríamos que de cada turno saísse um campeão, com os dois, ao final, disputando o título numa melhor de três jogos.

Os torcedores de Corinthians e Palmeiras, no entanto, tem um discurso diferente, pautado na crítica aos dirigentes dos próprios clubes. O torcedor palmeirense João Filho, critica tanto a administração anterior quanto a atual do seu clube. Segundo ele:

e a diretoria, o que fez? A anterior vendeu bons jogadores, como Rosemiro, César, Jorge Mendonça, e não comprou ninguém que chegasse ao nível deles. A atual, só anuncia contratações quando sabe que os jogadores que interessam não podem ser vendidos. Contratar Jorge Vieira vai adiantar bem pouco. Ele pode arrumar o time, ganhar alguns jogos, mas dentro de pouco tempo todos vão ver que sem comprar bons jogadores não adianta.

Cláudio Faria Ribeiro adota um discurso cuja linha é bastante semelhante ao de João Filho, com críticas ao nível dos jogadores do seu time, acrescentando inclusive que o problema não era o preço dos ingressos:

nosso maior problema não é a falta de dinheiro. É a falta de um bom time, que nos motive. O dinheiro a gente arranja, como sempre fizemos. Mas quem vai se matar para ver Baianinho, César, Washington, esses “craques” que o Matheus contratou? [...] Como prestigiar um carnê, se a diretoria não prestigia a torcida, dando-lhe um grande time?

Podemos perceber claramente analisando esses depoimentos que, em momento algum, é citado o preço dos ingressos como motivo para insatisfação desses torcedores, algo que é totalmente oposto ao que acontecia no Rio de Janeiro. Pelo contrário, o que temos é justamente a negação da falta de dinheiro, pelo torcedor corinthiano. Ainda nesse sentido, na mesma reportagem, Cláudio se mostra contrário a uma das principais formas de luta da ASTORJ: o boicote. Segundo ele, “porque fazer isso (não ir aos estádios) é contrariar os nossos ideais. Mas percebo, como chefe de torcida, que muita gente está se afastando”.

Dando prosseguimento à análise, retorna-se, mais uma vez, no “*Última Hora*”, à possibilidade dos torcedores de utilizarem a via judicial. Nesse caso para tentar interditar o Maracanã, por colocar em risco a segurança dos seus frequentadores, em virtude dos problemas estruturais do mesmo. Entretanto, por não haver nenhum laudo técnico, o pedido acabou negado pela justiça¹⁶⁸.

O *Jornal dos Sports*, através de uma coluna chamada “Ponta de Lança”, na qual é entrevistado o então presidente do Flamengo, George Helal, pode nos ajudar na compreensão

¹⁶⁸ *Jornal Última Hora*. 14 de setembro de 1984.

dos diversos problemas passados pelo futebol brasileiro e, mais especificamente, a torcida, durante a década de 1980. Segundo Helal:

a inflação que está destruindo a capacidade aquisitiva do torcedor é a principal causa dos estádios vazios, mas não se pode ignorar que o aumento intempestivo dos preços dos ingressos, a falta de verdadeiros ídolos, a insegurança dentro e fora dos estádios e a falta de credibilidade do futebol também influem decisivamente.¹⁶⁹

Outra mostra da aproximação dessa entidade e o *Jornal dos Sports* foi o espaço cedido por esse órgão da imprensa através de uma coluna publicada diariamente em 1982, intitulada “A voz da Galera”. É sobre isso que nos debruçaremos a seguir.

2.3 A construção da sociabilidade pela “Voz da Galera”

Nosso objetivo agora é esmiuçar a coluna “A Voz da Galera”, já citada anteriormente. Tal coluna possuía espaço reservado para publicações de torcidas organizadas relacionadas aos maiores clubes do Rio de Janeiro, mais notadamente Vasco, Flamengo, Botafogo e Fluminense, embora não fossem raras publicações relativas à Bangu, América, Volta Redonda e, em menor escala de clubes da segunda divisão, como o Mesquita. Além disso, a própria Associação dos Torcedores do Rio de Janeiro tinha um espaço em que podia passar os seus próprios comunicados, como convidar mais torcidas para se filiarem ao movimento.

De modo geral, as publicações giravam em torno de avisos feitos aos torcedores de cada clube. Esses avisos tratavam de incentivar a presença nos estádios, provocações à torcida rivais, venda de material das organizadas, como canecas, camisas, plásticos, etc. Também era frequente o chamado para caravanas que levavam interessados para partidas fora do Rio de Janeiro. Alguns exemplos são:

a Torcida Jovem do Flamengo está agradecendo a todos os rubro-negros que compareceram no sensacional Fla-Flu onde o Flamengo mais uma vez demonstrou que é realmente o melhor do país. Também voltamos a convocar a quem não pertence a torcida organizada para entrar na Torcida Jovem trazendo dois retratos 3x4 e Cr\$ 200,00 para a matrícula no Maracanã ou escreva para a Caixa Postal 61.016 Rio de Janeiro.¹⁷⁰

Sérgio, da **Vaspanema**, informa à “nação vascaína” que a **Vaspanema**, a **Vasbício** e a **Furacão da Colina** vão fazer um gigantesco “carnaval” nas arquibancadas do

¹⁶⁹ *Jornal dos Sports*. 31 de outubro de 1984.

¹⁷⁰ *Jornal dos Sports*. 3 de setembro de 1982.

Maracanã, no jogo de domingo, Sérgio, inclusive, queixa-se do “trabalhão que a torcida do Botafogo está nos dando para esse jogo”. É que – explica Sérgio – todas as torcidas do Vasco estão pintando mais uma faixa, além daquela que já têm, pois como vamos tomar o Maracanã de ponta a ponta, seremos obrigados a ter o dobro de faixas, não é mesmo?¹⁷¹

A coluna configurava um espaço em que as principais lideranças de cada clube expunham sua opinião, com referência a questões polêmicas, em alguns casos. Foi através dela que Sergio Aiub, líder da Torcida Organizada Jovem Flu, conclamou a presença de torcedores para uma viagem à Volta Redonda, indo contra a opinião de parte da torcida que pretendia fazer um boicote ao clube, por conta da fragilidade do time que disputava o campeonato carioca. Segundo ele, seria “hora de incentivar e não de protestar.”¹⁷²

Em outros momentos, “A Voz da Galera” serviu para que lideranças carismáticas, como o botafoguense “Russão”, pudessem comunicar ao restante da torcida os efeitos de reuniões feitas com dirigentes. Tal fato demonstra, mais uma vez, a relação significativa que havia entre a diretoria dos clubes e torcedores organizados, diálogo que era construído com o auxílio da imprensa.

Esse debate também era feito pelos torcedores, como pode se perceber na véspera de um confronto entre Flamengo e América:

José Felipe, vice-presidente da Torcida Jovem do Flamengo, conclama todos os rubro-negros a comparecerem no jogo de terça-feira, contra o América, no Maracanã. Segundo José Felipe, “a nação rubro-negra afogará, num mar de bandeiras e papel picado, os americanos que se atreverem a entrar no Maracanã”¹⁷³.

A resposta da torcida americana vem na mesma edição, utilizando tom semelhante:

Ari Litman, da Inferno Rubro, convoca todos os americanos “que ao menos possam respirar” para comparecer ao Maracanã nesta terça-feira. Ari jura que não haverá “masacre” por parte da torcida rubro-negra: “Estaremos lá, firmes e fortes, com nossas bandeiras e faixas. A torcida do Flamengo vai ter que esperar outra oportunidade para massacrar alguém.”¹⁷⁴

A ASTORJ se pronunciou pela coluna, muitas vezes, no intuito de garantir a segurança dos torcedores no estádio. Prova disso são os constantes pedidos para que as

¹⁷¹ *Jornal dos Sports*. 4 de setembro de 1982

¹⁷² *Jornal dos Sports*. 3 de setembro de 1982.

¹⁷³ *Jornal dos Sports*. 5 de setembro de 1982.

¹⁷⁴ *Jornal dos Sports*. 5 de setembro de 1982.

torcidas não utilizassem fogos de artifício nas partidas, tampouco fizessem “fogueirinhas”.¹⁷⁵ Era comum que a entrada dos times no gramado fosse recepcionada por rolos de papel higiênico, fazendo um espetáculo visualmente bonito. Contudo, após os jogos, torcedores que permaneciam na arquibancada queimavam os restos desse papel e, em alguns momentos, acabavam provocando queimaduras.

Outro exemplo se deu quando, após um incêndio no estádio, a entidade deliberou a proibição do uso do papel picado pelas torcidas organizadas. O seguro aos torcedores, já abordado nesse mesmo capítulo, foi tema das colunas também, no sentido de lembrar aos presentes aos jogos para que não jogassem fora seus tíquetes, pois estes serviam como garantia no caso de haver algum acidente. “A Voz da Galera” servia como instrumento de pressão ao poder público, como podemos perceber em:

Armando Giesta, presidente da ASTORJ, continua querendo saber o que foi feito do dinheiro do “seguro do torcedor”, que foi tão festejado quando da sua assinatura, há mais de um mês. “Até agora o BANERJ não prestou contas sobre o seguro, mas eu calculo que nós da ASTORJ temos direito a mais de um milhão de cruzeiros. O atraso no pagamento está prejudicando muito a Associação, pois estamos precisando do dinheiro para fazer obras na sala que ganhamos no Maracanã – terminou Armando Giesta.

A edição publicada nas segundas-feiras, um dia após o complemento da rodada do fim de semana, costumava trazer uma análise da partida mais importante, que contava inclusive com os comentários de torcedores presentes no estádio. Nestas, era comum que se criticassem a arbitragem e, muitas vezes, os próprios clubes dos quais os entrevistados eram torcedores.

A torcida do Botafogo, é claro, não saiu satisfeita com o resultado e, principalmente, com a arbitragem, que prejudicou sensivelmente seu time. Mas o juiz não foi a única reclamação dos botafoguenses: Zé Mario foi muito criticado por não ter colocado Silva logo de saída no lugar de Téo, além de ter feito “muitas outras besteiras”¹⁷⁶

José Américo Coelho de Jesus, 27 anos, analista de sistema: Novamente fica provado que não existe mais dignidade na disputa do Campeonato Estadual. O juiz entrou em campo com o propósito deliberado de prejudicar o Botafogo. Já está dando na vista e eles nem procuram mais disfarçar. O negócio é ter uma final entre Flamengo e Vasco, o resto que se dane! Não virei mais ao estádio, não sou palhaço.¹⁷⁷

Irineu Correia Lima, 34 anos, médico:

O Vasco me decepcionou profundamente. Não tem estrutura tática nenhuma, falta comando técnico à equipe. Os jogadores procuram resolver o jogo em jogadas

¹⁷⁵ *Jornal dos Sports*. 5 de setembro de 1982.

¹⁷⁶ *Jornal dos Sports*. 06 de setembro de 1982.

¹⁷⁷ *Jornal dos Sports*. 5 de setembro de 1982.

individuais, através de escanteios e ficam dependentes de cobranças de faltas por Roberto. Assim não vai dar para ganhar do Flamengo na final.¹⁷⁸

Hamilton César de Almeida Magalhães, 32 anos, engenheiro civil: Este campeonato do jeito que está arrumado para o Flamengo e o Vasco chegarem à final, vai acabar com a minha alegria de ver futebol. Já não tenho confiança que esses juízes sejam homens de bem. Vejam este Wright roubou o Fluminense no jogo contra o Vasco dando aquele pênalti absurdo hoje não deu aquele “hands” escandaloso do Tita, no momento do terceiro gol. Está demais a roubalheira neste campeonato”.¹⁷⁹

Maurício César Gomes, 23 anos, estudante: O Flamengo anda rebolando muito, tocando muita bola de calcanhar, aplicando dribles desnecessários, enfeitando muito o pavão na hora de chutar. Se continuar assim vamos nos complicar e perder um título que nunca esteve tão fácil de ganhar, pois os times cariocas estão uma verdadeira droga.¹⁸⁰

Curioso notar que o espaço na imensa maioria das vezes pacífico também servia como um *locus* onde podiam ser feitas ameaças. Um exemplo nítido está em:

Dario Meireles, da Inferno Rubro, convoca os torcedores em geral para comparecerem ao Estádio Mário Filho. Às 14 horas, no bar da torcida americana, os componentes da Inferno se reunirão para cuidar dos últimos detalhes para o clássico. Dario também avisa aos responsáveis pela torcida Fla-Massacre, que pretende estrear hoje com a promessa de deixar a galera americana sem espaços, para não provocarem a Inferno porque encontrarão resistência. Dario disse que sua torcida costuma se localizar na fronteira entre as torcidas mas, apesar de não provocar os torcedores adversários, está sempre pronta para o que der e vier.¹⁸¹

Ainda nesse sentido, por ocasião do jogo entre Flamengo e América, “A Voz da Galera” serviu para que torcedores americanos fizessem uma queixa bastante direcionada, relativa à violência de dois torcedores do Flamengo. Segundo o relato, esse problema seria responsável inclusive por dificultar a implantação de um novo estilo nas torcidas organizadas, sem brigas e conflitos:

Edu lamenta apenas o comportamento de dois torcedores do Flamengo, que xingaram e tentaram agredir os torcedores do América, quando estes chegaram ao Maracanã, por volta do meio-dia de terça-feira. “O que esses dois torcedores fizeram não condiz com o comportamento do resgate da torcida do Flamengo. Além disso, nós, que estamos tentando implantar uma nova mentalidade no seio das torcidas organizadas de todos os clubes, temos nossos esforços prejudicados – encerra Edu.¹⁸²

¹⁷⁸ *Jornal dos Sports*. 5 de setembro de 1982.

¹⁷⁹ *Idem*.

¹⁸⁰ *Jornal dos Sports*. 5 de setembro de 1982.

¹⁸¹ *Idem*.

¹⁸² *Jornal dos Sports*. 9 de setembro de 1982.

Esse episódio específico traria desdobramentos que podemos acompanhar pela leitura da coluna. Na mesma edição em que tivemos a reclamação por parte da torcida do América, os responsáveis pela suposta briga foram reprimidos por Flavinho e Ronaldo, supostos membros da Flamar e da Raça Rubro-Negra, torcidas organizadas do rubro-negro carioca. Ambos alegam falar em nome da Astorfla (Associação das Torcidas Organizadas do Flamengo) pedindo a expulsão dos agressores do grupo a que pertenciam.

No dia seguinte, porém, “A Voz da Galera” apresenta a visão de outro torcedor, Marcos, da Falange Rubro-Negra, que repreende Flavinho e Ronaldo, por falarem em nome da torcida. Podemos apreender, inclusive, que a coluna servia também para ditar normas de comportamento dentro desses grupos, como vemos em: “o que eles (Flavinho e Ronaldo) fizeram não tem nada a ver. Pedir a expulsão de dois torcedores, vejam só! Eles não podem falar em nome da ARTOFLA, principalmente, num assunto tão importante, roupa suja, Ronaldo e Flavinho, se lava em casa – encerrou Marcos”¹⁸³.

Para encerrar essa questão, mais um depoimento nos faz questionar as palavras de “Flavinho” e “Ronaldo.” Tal fato se dá através da mensagem de “Tuninha”, relações públicas da Astorfla. Segundo ela, “não existe nenhum Ronaldo na Raça Rubro Negra, e nenhum Flavinho na Flamar, isso é uma manobra que visa a desunir a torcida do Flamengo, mas não surtirá efeito”¹⁸⁴.

Finalizando, ao dizer que “de agora em diante, quem quiser falar em nome da Astorfla na Voz da Galera vai ter que fazê-lo pessoalmente, pois no telefone não será mais atendido”¹⁸⁵, notamos que esse episódio pode ter servido para mudar os próprios padrões de relacionamento dentro da coluna, já que esta deixava de ser um campo teoricamente aberto a quem quer que fosse, passando a sofrer esse tipo de mediação, ao menos no caso específico do que se referia ao Flamengo.

Outras mensagens interessantes se referem a um momento em que a torcida organizada do Fluminense - presente numa excursão para Volta Redonda, onde o tricolor carioca enfrentou o clube local - teria agredido os jogadores do próprio time. Nos chama a atenção que a própria ASTORJ, através da figura de seu presidente, Armando Giesta – também presidente da maior organizada do Fluminense - utilizou seu espaço na coluna para se manifestar a respeito do ocorrido. Isso demonstra, possivelmente, uma tentativa de dar maior

¹⁸³ *Jornal dos Sports*. 10 de setembro de 1982.

¹⁸⁴ *Jornal dos Sports*. 11 de setembro de 1982.

¹⁸⁵ *Idem*.

legitimidade à sua fala, se utilizando do respeito adquirido enquanto chefe da Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro.

O argumento defendido por “seu” Armando Giesta encontra eco, inclusive, no dia posterior, em uma mensagem feita na parte que cabia ao Fluminense, como podemos ver em:

ASTORJ

Armando Giesta, presidente da ASTORJ, vem a público para repelir as acusações dos jogadores do Fluminense à sua torcida. Segundo Armando Giesta, “a torcida do Fluminense levou dois ônibus para Volta Redonda, totalizando cerca de 70 torcedores. Logo, não poderiam ser somente as torcidas organizadas do Fluminense que atiraram os objetos nos jogadores, pois foram mais de dois mil, os torcedores que fizeram isso”.¹⁸⁶

FLUMINENSE

William manda dizer que as torcidas organizadas do Fluminense não tiveram nada a ver com os incidentes entre jogadores e torcedores em Volta Redonda. Segundo o relações-públicas da Jovem Flu, “as torcidas organizadas do Fluminense não tinham número de torcedores suficientes para causar aquele tumulto em Volta Redonda. Os torcedores que se revoltaram não pertenciam a nenhuma torcida organizada, eram tricolores comuns que se rebelaram por ver tantos cabeças-de-bagre vestindo a camisa tricolor”.¹⁸⁷

No segundo depoimento, inclusive, além de fazer a defesa do grupo – “torcida organizada”- percebemos a indignação do torcedor com o elenco de jogadores montado pela diretoria de seu clube.

A coluna também servirá para moldar padrões de comportamento dentro do estádio, como podemos apreender no depoimento de alguns torcedores, que criticavam as vaias ao time durante as partidas: “Quem for ao Maracanã hoje, deve ir para incentivar o time e não para vaiá-lo como aconteceu contra o América. A torcida do Flamengo tem obrigação de apoiar o time que tem dado tantas alegrias a ela”.¹⁸⁸

Podemos concluir que a coluna ganhou visibilidade nacional, na medida em que torcedores de outros estádios participavam de sua rede de sociabilidade. Isso está estampado em uma carta enviada por um torcedor vascaíno, do Distrito Federal que, sem conhecer o Rio de Janeiro, pedia auxílio para os leitores da coluna quando viesse para a cidade assistir ao clássico entre Flamengo e Vasco.¹⁸⁹ Outro exemplo é o convite feito por torcedores de cidades

¹⁸⁶ *Jornal dos Sports*. 10 de setembro de 1982.

¹⁸⁷ *Jornal dos Sports*. 11 de setembro de 1982.

¹⁸⁸ *Jornal dos Sports*. 12 de setembro de 1982.

¹⁸⁹ *Jornal dos Sports*. 12 de setembro de 1982.

diferentes, como Rio de Janeiro e Santos, para que torcedores santistas viessem prestigiar o lançamento de uma torcida organizada do time cruzmaltino¹⁹⁰.

A crítica ao preço dos ingressos, tão presente no corpo do *Jornal dos Sports* e mesmo em outros órgãos da imprensa como o *Jornal do Brasil* e *Última Hora*, é feita de forma superficial em dois momentos: no primeiro, um aviso em relação ao encontro para discutir o reajuste e o reforço da posição da entidade, contrária a qualquer tipo de aumento nas entradas.¹⁹¹ Posteriormente, ao convocar as torcidas de Flamengo e Vasco para o clássico que seria disputado no Maracanã, ressaltando sua insatisfação com a majoração das entradas, apelando até para o lado emocional: “as torcidas de Vasco e Flamengo merecem mais consideração, pois nunca deixaram de comparecer aos estádios durante esta Taça Guanabara”¹⁹².

Sem dúvida, podemos crer que a luta da ASTORJ e dos torcedores como um todo contra o constante reajuste no preço dos ingressos foi fundamental para construir um diálogo com dirigentes – de clubes e da federação – encontrando eco na imprensa e, conseqüentemente, ajudando a influenciar a esfera pública.

Nesse sentido, se faz necessário citar Jurgen Habermas, autor de vários textos considerados clássicos a respeito desses temas e nos será vital para esse trabalho. Segundo o texto de Raquel Kritsch¹⁹³, sobre a obra de Habermas, a noção de uma esfera pública não pode ser dissociada da formação de uma opinião pública. Mas, afinal, o que seria essa “esfera pública”? Para a autora: “deve-se entender, em primeiro lugar, um âmbito da nossa vida social; um âmbito no qual uma opinião pública pode ser formada. Em segundo lugar, uma parte da esfera pública se constitui em cada conversação, em que pessoas privadas se juntam para formar um público”¹⁹⁴.

No entanto, é preciso que se faça uma distinção do que é ser parte do público. Mais que isso, é preciso que identifiquemos os momentos em que os cidadãos atuam, efetivamente, enquanto público. Assim, Habermas nos diz que:

¹⁹⁰ *Jornal dos Sports*. 07 de setembro de 1982.

¹⁹¹ *Jornal dos Sports*. 15 de setembro de 1982.

¹⁹² *Jornal dos Sports*. 18 de setembro de 1982.

¹⁹³ KRITSCH, Raquel. Esfera pública e sociedade civil na teoria política habermasiana: considerações histórico-conceituais introdutórias. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n° 4, Brasília, novembro de 2009. p. 317-342.

¹⁹⁴ Idem.

[...] cidadãos agem como público quando têm a garantia de que podem associar-se e reunir-se livremente; e de que podem também expressar e publicizar as suas opiniões livremente. Quando o público é amplo, esse tipo de comunicação requer certos meios de disseminação e de influência. Hoje, tais meios são constituídos por jornais, revistas, rádio, televisão, etc, que, juntos, formam as mídias¹⁹⁵

Porém, a ideia de Habermas parece indicar que dentro da esfera pública não há espaço para o conflito, sendo um local em que há a racionalidade absoluta ou a manipulação absoluta. Nesse sentido, podemos adotar um conceito utilizado por Bourdieu, denominado de “campo de produção ideológica”, definido como:

um Universo relativamente autônomo, onde se elaboram, na concorrência e no conflito, os instrumentos de pensamento do mundo social objetivamente disponíveis a um momento dado do tempo e onde se define, simultaneamente, o campo do pensável politicamente ou, se se quiser, a problemática legítima¹⁹⁶

Desse modo, podemos ver o “campo de produção ideológica” no sentido de ser um local onde há conflito constante, ou seja, uma disputa pelo que é mais relevante para o debate. Por conta disso, esse conceito pode ser melhor empregado para entendermos as relações entre ASTORJ e a mídia, já que existe, constantemente uma relação de forças e de lutas entre aqueles que estão presentes no “CPI”, uma vez que o espaço de ação dos diferentes atores internos do campo de produção ideológica é bastante desigual.

Também é importante para o nosso trabalho situar a Associação dos Torcedores do Rio de Janeiro como um movimento social significativo no decurso da década de 1980. Desse modo, faz-se necessário a utilização dos estudos de Charles Tilly a respeito do tema. Esse pesquisador analisa o percurso desses movimentos ao longo da História, desde a sua criação, no século XVIII, até a utilização do termo “movimentos sociais” em larga escala, a partir dos anos 2000.

Assim, quando citamos que a ASTORJ teve sua fundação datada em um momento bastante específico brasileiro, podemos entender a incorporação de determinados discursos – como a crítica ao preço dos ingressos, fruto da inflação – entre as lideranças da Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro: seria o que Tilly chama de “condições políticas cambiantes” permitindo que esse movimento social pudesse aparecer e ganhar legitimidade.

Ma será mesmo que podemos classificar a ASTORJ, como um “movimento social”? Na análise desse pesquisador estadunidense, para que um determinado grupo possa ser

¹⁹⁵ HABERMAS, Jurgen . Mudança estrutural da esfera pública. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

¹⁹⁶ BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

classificado como “movimento social” tem de reunir, obrigatoriamente, três elementos característicos:

um esforço público sustentado de elaboração de reivindicações coletivas direcionadas a determinadas autoridades (esforço que pode ser chamado de *campanha*); O emprego de combinações dentre as seguintes formas de ação política: criação de associações e coalizões para finalidades específicas, reuniões públicas, desfiles solenes, vigílias, comícios, demonstrações, iniciativas reivindicatórias, declarações para e nos meios de comunicação de massa, e panfletagem (esse conjunto variável de atividades pode ser chamado de *repertório* dos movimentos sociais); e representações públicas concertadas de VUNC (valor, unidade, números e comprometimento)¹⁹⁷.

Todos esses elementos somados, seguramente, podem ser encontrados no que se refere à ASTORJ. Isso porque a Associação das Torcidas Organizadas fazia manifestações públicas contra o preço das entradas para o estádio, como a proposta de boicotes aos jogos, por exemplo, em frente às praças esportivas, se inserindo no significado de *repertório*.

Os protestos feitos pelos torcedores, direcionados ao presidente da federação de futebol do Rio de Janeiro e aos dirigentes dos clubes, pode ser colocado, claramente, no que Tilly chamaria de “*campanha*”.

As demonstrações de valor, unidade, número e comprometimento são mostradas nos símbolos criados pela ASTORJ, nos seus lemas, e no próprio discurso de Armando Giesta, quando este faz questão de frisar que a associação conseguiu reunir mais de 60 torcidas organizadas.

Se a análise de Charles Tilly sofre muitas críticas por ser considerada simplista – na medida em que exclui uma gama de movimentos que não possuam um dos elementos citados acima – também pode ser vista de maneira positiva, na medida em que o século XXI acabou por trazer o verdadeiro inchamento do termo “movimento social”, colocando sob esse signo grupos diversos e aleatórios, que se reúnem por algum motivo bastante específico, atingindo – ou não – seu objetivo e se esvaziando em seguida. Não é o caso da ASTORJ, que perdura com força significativa por tempo considerável. Citando Tilly, temos que:

tendo observado regularidades de menor escala nos movimentos sociais, podem-se ver movimentos sociais por toda parte. Considerados separadamente, *campanhas*, performances como reuniões públicas ou petições, e demonstrações de VUNC como o uso de distintivos e os sacrifícios ostentosos ocorrem frequentemente fora dos

¹⁹⁷ TILLY, Charles (2009). Os movimentos sociais como política. Revista Brasileira de Ciência Política, nº 3, Brasília, janeiro-julho, 2010, p. 133-160. p. 133.

movimentos sociais: em igrejas, escolas, corporações, comunidades intelectuais e outros lugares¹⁹⁸

Para finalizar, esperamos ter demonstrado as complexas relações entre a Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro e a mídia carioca, no início da década de 1980. Vale frisar que o tema é bastante profícuo, estando longe de ter sido esgotado nessa análise que contemplou primordialmente o *Jornal dos Sports*, mas também outros veículos de comunicação, como o *Jornal do Brasil* e o “*Última Hora*” e a *Revista Placar* e o *Jornal O Globo*.

2.4 Pierre Bourdieu e a Imprensa

Um de nossos nortes de pesquisa é analisar as relações entre a ASTORJ – Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro – com diversos veículos da imprensa, como poderemos ver no próximo capítulo. No entanto, qualquer tipo de estudo se mostraria incompleto sem que fosse buscado, de forma concomitante, um arcabouço teórico para ajudar no diálogo com o alvo pesquisado.

Nesse sentido, o autor que se mostrou fundamental para que pudéssemos compreender com maior profundidade a imprensa foi o sociólogo Pierre Bourdieu, com o livro “Sobre a Televisão”¹⁹⁹. Tal livro foi fruto de uma série de debates feitos pelo autor em um canal de televisão francês, com o objetivo de “contribuir para dar ferramentas ou armas a todos aqueles que, enquanto profissionais da imagem, lutam para que o poderia ter se tornado um extraordinário instrumento de democracia direta não se converta em instrumento de opressão simbólica.”²⁰⁰

Cabe aqui uma ressalva: sabemos que o foco de Bourdieu é a televisão, contudo pensamos que muitas de suas ideias podem ser enquadradas em uma discussão maior, sobre a imprensa, de modo geral.

¹⁹⁸ TILLY, Charles (2009). Os movimentos sociais como política. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº 3, Brasília, janeiro-julho, 2010, p. 133-160. p. 133.

¹⁹⁹ BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão: seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

²⁰⁰ *Ibidem*. p. 13.

Logo no início do seu texto, o autor nos mostra a dificuldade que existe para criticar a TV, uma vez que “não se pode dizer grande coisa na TV, especialmente sobre a TV”²⁰¹. Ainda nesse sentido, Bourdieu acrescenta que aceitou o convite para esse debate por conta das “condições excepcionais” em que se encontrava que são: “1º o tempo não é limitado, 2º o assunto não foi imposto e 3º ninguém está ali para me chamar à ordem, em nome da técnica, em nome do “público-que-não-compreenderá”²⁰²²⁰³.

A seguir, levanta-se um questionamento que serve, inclusive, para outros veículos de comunicação: afinal de contas, se existem tantas restrições na mídia, por que as pessoas ainda se submetem a participar dela. Cirúrgico, Bourdieu responde simplesmente que “é para se fazer ver e ser visto”²⁰⁴. Ademais, “a tela de TV se tornou uma espécie de espelho de Narciso, um lugar de exibição narcísica”²⁰⁵.

Por mais que “estejamos diante de um instrumento que, teoricamente, possibilita atingir todo mundo”²⁰⁶, o acesso à TV – e à imprensa – “tem como contrapartida uma formidável censura, uma perda de autonomia ligada, entre outras coisas, ao fato de que o assunto é imposto, as condições de comunicação são impostas e que a limitação do tempo impõe ao discurso restrições”²⁰⁷. Muito embora o tempo limitado seja um problema mais específico da televisão, quando tratamos do uso dos jornais também existe um dilema que muitas vezes é expresso no pequeno número de páginas e, ao mesmo tempo, do grande número de propagandas e anunciantes.

Bourdieu atribui à televisão o poder de exercer violência simbólica que, segundo sua definição, “se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou sofrê-

²⁰¹ BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão: seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 15.

²⁰² Ibidem. p. 15.

²⁰³ BOURDIEU, Pierre. op.cit, nota 201. p. 15.

²⁰⁴ BOURDIEU, Pierre. op.cit, nota 201. p. 17.

²⁰⁵ BOURDIEU, Pierre. op.cit, nota 201. p. 17.

²⁰⁶ BOURDIEU, Pierre. op.cit, nota 201. p. 18.

²⁰⁷ BOURDIEU, Pierre. op.cit, nota 201. p. 19.

la”²⁰⁸. Ainda nesse sentido, o autor cria a denominação “fatos-ônibus”, para designar notícias que servem para:

não chocar ninguém, que não envolvem disputa, que não dividem, que formam consenso, que interessam a todos mas não falam nada importante...Essas coisas tão fúteis são importantes na medida em que ocultam muitas coisas. A TV tem uma espécie de monopólio sobre a formação das cabeças de uma parcela muito importante da população.²⁰⁹

A análise prossegue com outros pontos interessantes, como a faculdade presente na TV em “ocultar mostrando”, além de uma crítica contundente aos veículos de comunicação que, no intuito de obter exclusividade, acabam tendo uniformização e banalização. Podemos perceber isso em algumas reportagens feitas sobre a ASTORJ e suas greves, com mudanças sendo vistas em poucas palavras, mas com o mesmo conteúdo, sem a preocupação de ir mais a fundo. Bourdieu nos auxilia ao dizer que “os produtos jornalísticos são muito mais homogêneos do que se acredita, por conta das restrições impostas pelas fontes e por outros mecanismos”²¹⁰.

O autor se utiliza de termos como “circulação circular” e “jogo de espelhos” para ilustrar essa busca feita pelos meios de comunicação nas notícias de concorrentes, acrescentando inclusive que tal prática é um mecanismo de censura mais eficaz do que qualquer outro.

Por conta disso, existe a necessidade de causar impacto na mídia, através de protestos criativos, gerando um efeito maior. Assim, o boicote da torcida do Flamengo no jogo contra o Campo Grande, que veremos mais detalhadamente no capítulo posterior é um bom exemplo: realizar um enterro simbólico dos dirigentes garantiu visibilidade ao protesto. Outra iniciativa válida seguindo esse ponto foram as faixas no jogo entre Flamengo e Fluminense, onde criticava-se a adesão de determinados atletas do Tricolor ao candidato Paulo Maluf, ligado à Ditadura Militar. Citemos ainda as faixas produzidas no âmbito dos protestos contra a alta dos ingressos que diziam que “Cr\$ 5000 é Maluf” ou “Futebol não é comida, nem gasolina, é lazer”.

Um aspecto teórico fundamental da obra de Pierre Bourdieu é sua definição de campo, sendo alargada posteriormente para a ideia de “campo jornalístico”. Segundo o sociólogo

²⁰⁸ BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão: seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 20.

²⁰⁹ Ibidem. p. 23.

²¹⁰ BOURDIEU, Pierre. op.cit, nota 208. p. 30.

francês: “campo é um espaço social estruturado, um campo de forças – há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço – que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de força”²¹¹.

A ideia de “campo jornalístico” é um pouco mais profunda, sendo definida da seguinte maneira:

o mundo do jornalismo é um microcosmo que tem leis próprias e que é definido por sua posição no mundo global e pelas atrações e repulsões que ele sofre da parte dos outros microcosmos. Dizer que ele é autônomo, com sua própria lei, significa dizer que o que nele se passa não pode ser compreendido de maneira direta a partir de fatores externos.²¹²

A seguir, Bourdieu nos apresenta mais algumas considerações referentes a esse ponto, deixando claro que o campo jornalístico, como qualquer outro:

baseia-se em um conjunto de pressupostos e crenças partilhadas. Estas estão no princípio da seleção que os jornalistas operam na realidade social, e também no conjunto de produções simbólicas. Não há discurso nem ação que não deva submeter-se a essa prova de seleção jornalística, isto é, a essa formidável censura que os jornalistas exercem.²¹³

Ou seja, devemos tentar entender a divulgação das notícias referentes às greves e boicotes em comunhão com a própria posição política adotada por cada jornal, o que talvez clarifique o porquê em determinados veículos – como *O Globo* – quase não tenhamos menções à ASTORJ e sim aos protestos, afinal de contas, esse veículo de mídia é o que teve uma relação mais profunda com as lideranças militares e, conseqüentemente, não poderia se livrar dessas amarras ao noticiar a constituição de mais esse movimento social.

Outra consideração a ser feita, também sob a luz de Bourdieu, é a de que os jornais – a despeito de sua posição política – precisavam cobrir esses protestos. Isso por conta da dependência que o campo jornalístico sofre de outros campos, como o econômico, por exemplo, que se traduz na audiência e na demanda. Ora, tocando em uma questão que interessava ao universo de pessoas que iam aos estádios e, conseqüentemente, afetavam-se com a alta dos preços, caso um jornal não cobrisse essa polêmica, corria o risco de perder dinheiro e, no longo prazo, como uma consequência, até mesmo anunciantes. Afinal, segundo

²¹¹ BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão: seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 57.

²¹² Ibidem. p. 55.

²¹³ BOURDIEU, Pierre. op.cit, nota 211. p. 67.

o autor, “o campo jornalístico está permanentemente sujeito à prova dos vereditos do mercado através da sanção, direta, da clientela, ou indireta, do índice de audiência.”²¹⁴.

Devemos frisar também o que se refere à autonomia do jornal e, conseqüentemente, ao que ele pode publicar ou não. Isso se mede pela “parcela de suas receitas que provém da publicidade e da ajuda do Estado e também pelo grau de concentração dos anunciantes”²¹⁵.

Assim sendo, como o *Jornal dos Sports* no decurso da década de 1980 começava a passar por problemas financeiros, talvez por conta do número reduzido de publicidades em comparação com *O Globo* e o *Jornal do Brasil*, por exemplo, podia se dedicar com mais afinco às reivindicações dos torcedores, além do motivo óbvio de ser um jornal voltado especialmente para os amantes de esporte.

Para finalizar, nos parece válido citar a diferenciação que Bourdieu faz entre os jornais “sensacionalistas” – relegados à “banalidades” como esportes e variedades – e os jornais “objetivos”, por assim dizer, que deveriam cobrir política nacional e internacional, dentre outras pautas importantes como economia. Pierre analisa que, grosso modo, o que tem ocorrido é que o sensacionalismo tem dominado todos os tipos de “agenda”, retornando ao que falamos no início desse tópico: criação de notícias que não chocam, não interessam e, por conseguinte, acabam alienando.

²¹⁴ BOURDIEU, Pierre. *Sobre a Televisão: seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 106.

²¹⁵ *Ibidem*. p. 103.

3 DE SEU ARMANDO GIESTA A CLÁUDIO CRUZ: TORCIDA E TESTEMUNHO

3.1 O uso da história oral na busca pelo que está “sufocado”

O presente capítulo tem como objetivo complementar o nosso trabalho através da utilização da história oral, para que possamos compreender as trajetórias de vida de dois daqueles que foram fundamentais para a criação e construção da ASTORJ. Como espelhos de uma realidade mais ampliada – composta pelos membros da Associação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro -, esperamos que as entrevistas realizadas com “Seu” Armando Giesta²¹⁶ e Cláudio Cruz²¹⁷, nos auxiliem no entendimento de nosso objeto; seus méritos, falhas, legados, relações com outras esferas da sociedade civil e etc. Pensamos que tanto “seu” Armando Giesta” quanto Cláudio Cruz podem ser inseridos na categoria “grande testemunha”²¹⁸, uma vez que buscaram construir sua identidade sobre ações voluntárias e conscientemente interpretadas.

Porém, antes da análise das entrevistas, sabedores que somos das enormes polêmicas que cercam a utilização deste tipo de método – a oralidade - na pesquisa histórica, faremos uma análise de pontos que consideramos importante nesse debate, sejam eles positivos ou negativos, da utilização da História Oral.

Primeiramente, vamos buscar argumentos que sirvam no sentido de criticar a metodologia dos historiadores que se utilizam de entrevistas para a realização de seus trabalhos acadêmicos. Nesse sentido, apesar das múltiplas fontes e relatos disponíveis para os profissionais da História que se dedicam ao século XX, que causam até certa inveja àqueles que têm como foco do seu trabalho períodos como a Antiguidade, por exemplo, são muitos os “poréns” dirigidos aos adeptos de novas formas de pesquisa. Isso por conta do certo

²¹⁶ Entrevista cedida pelo pesquisador Bernardo Buarque de Hollanda, realizada em 02 de março de 2005, quarta-feira, entre as 14:30hs e as 18:00hs, na Biblioteca do Fluminense Football Club.

²¹⁷ Entrevista realizada pelo pesquisador Leonardo Antonio de Carvalho Teixeira, realizada em 11 de janeiro de 2014, quinta-feira, entre as 15:30 horas e as 17:30 horas, no Botequim Vaca Atolada, propriedade do depoente.

²¹⁸ VOLDMAN, Daniele. Definições e usos. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, M. M. (org.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 41.

preconceito existente, sobretudo, na escola positivista, que via com muitas ressalvas o sujeito como testemunha, uma vez que “as palavras seriam ontologicamente não-confiáveis.”²¹⁹

Assim, uma questão importante para os que se utilizam da história oral é a necessidade de não tomar os relatos como verdades absolutas; ou seja, devemos nos preocupar com uma análise do contexto histórico, as diversas motivações do entrevistado – no que podemos utilizar as palavras de Beatriz Sarlo – “quando nos colocamos na perspectiva de um sujeito e reconhecemos que a subjetividade tem um lugar”²²⁰ - para que possamos utilizar esses testemunhos de forma criteriosa e crítica para enriquecer ainda mais o trabalho do historiador.

Aliás, até a designação “história oral” é tratada como algo questionável por alguns pesquisadores, uma vez que “ela se tornou inadequada e deveria ser empregada a título histórico, para qualificar o período historiográfico dos anos 50 ao 80.”²²¹ Outro ponto, nessa mesma linha de pensamento, acrescenta que se a história oral é vista como um método de pesquisa, deveria ser incluída na categoria da história do tempo presente e, se assim for, “a expressão deve ser abandonada em prol da história feita com testemunhas”²²².

Retornando às críticas feitas pelos positivistas, que desconfiavam da utilização das testemunhas como fontes válidas, esse grupo valorizava as fontes escritas por conta de dar, ao menos aparentemente, um “caráter de exterioridade”²²³ aos depoimentos, uma vez que “opera um distanciamento das afirmações, objetivando-as”. Além disso, as pesquisas com qualquer tipo de material escrito permitiriam, grosso modo, “o mérito da transparência, em virtude de uma constante possibilidade de referência, de verificação e retorno, até mesmo de contradição.”²²⁴

Somando-se a isso, discutia-se sobre a credibilidade de um depoimento cujo entrevistador adequou, por assim dizer, às suas necessidades de pesquisa, necessidades essas que seriam:

²¹⁹ VOLDMAN, Daniele. Definições e usos. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, M. M. (org.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 35.

²²⁰ SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. p. 34.

²²¹ Idem.

²²² SARLO, Beatriz. op.cit, nota 220. p. 34.

²²³ SARLO, Beatriz. op.cit, nota 220. p. 35

²²⁴ SARLO, Beatriz. op.cit, nota 220. p. 35.

preestabelecidas e submetidas ao seu poder discricionário, tanto mais que, contrariamente aos arquivos correntemente passados pelo crivo da crítica, as entrevistas nem sempre são conservadas em gravação sonora e raramente podem ser consultadas pelos historiados nos locais públicos destinados a conversar os traços do passado.²²⁵

Temos ainda aqueles que veem a história oral sempre com a vantagem de ter sido feita “à posteriori”, ou seja, depois que determinadas condições e fatos foram discutidos. Isso pode fazer crer que “as pessoas interrogadas numa pesquisa oral pelo menos refletiram no que iam dizer”²²⁶ podendo, por conta disso: “resgatar lembranças involuntariamente equivocadas, lembranças transformadas em função dos acontecimentos posteriores, lembranças sobrepostas, lembranças transformadas simplesmente para justificar posições e atitudes posteriores [...]”²²⁷.

Se considerarmos essa afirmação como verdadeira, temos, sem dúvida, a falta de objetividade como um dos frutos decorrentes dessa problemática. Ademais, alega-se que “o historiador trabalha normalmente com uma documentação que não foi escrita para a história, mas que ele encontrou inteiramente constituída”²²⁸. Becker sugere como eventual resposta para essa crítica a inclusão da história oral na categoria “arquivos provocados”, mesma categoria onde se localizam as recordações ou memórias.

Outro prisma pelo qual se critica a oralidade como fonte de pesquisa é que, muitas vezes, têm-se por natureza o caráter individual nos depoimentos e não de um grupo, embora isso possa ser questionado na nossa própria pesquisa, uma vez que buscamos dois personagens que se inserem em contextos mais amplos: torcedores, torcedores organizados e membros da ASTORJ.

Não esqueçamos que, muitas vezes, o historiador oral pode ser visto, até certo ponto, como numa espécie de “esconde-esconde”²²⁹ com seu entrevistado, segundo Danielle Voldman. Tal fato se dá porque, de um lado, o acadêmico de história se coloca como “aquele

²²⁵ SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. p. 37.

²²⁶ BECKER, Jean-Jacques Usos e Abusos. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, M. M. (org.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 28.

²²⁷ Idem.

²²⁸ BECKER, Jean-Jacques. op.cit, nota 226. p. 27.

²²⁹ VOLDMAN, Daniele. Definições e usos. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, M. M. (org.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 37.

que sabe, ou que saberá, porque sua missão é estabelecer a verdade”²³⁰. Em oposição, o questionado “intimado a fornecer informações que permitirão essa operação, frequentemente é forçado a ficar na defensiva, de tão evidente que é a suspeita do entrevistador, enquanto ele próprio sente que possui a força da convicção daquele que viveu”²³¹.

Existe, ainda, mais uma peculiaridade para aqueles que usam a história oral como fonte de pesquisa: o difícil equilíbrio em:

navegar na crista de uma onda sempre prestes a arrebentar, seja na beira de uma memória reconstituída ou firmemente construída por motivos diversos (preservação de uma identidade coletiva ou de um mito, proteção pessoal da vida passada, risco de ter que mudar de modo de representação da sua própria existência)²³²

O último dos desafios para a história oral reside, nas palavras de Alistair Thomson em:

encontrar meios de facilitar a união entre a teoria e a prática, a fim de que os debates sobre história e memória, sobre a relação na História Oral, ou sobre os dilemas éticos e políticos de nosso ofício se fundamentem tanto nos novos meios de conhecimento quanto na experiência prática.²³³

Passamos agora para as contribuições positivas que o uso de entrevistas e do escopo da história oral pode possibilitar para os diversos pesquisadores. O uso do plural não é uma coincidência, pois pensamos, a exemplo de Etienne François que “os debates e discussões que ela suscita, interessam não só aos seus praticantes, mas também a toda comunidade de historiadores”²³⁴. Mais que isso, “pelos aportes, pelas contribuições e pelo alargamento de perspectiva que ela já trouxe, a história oral parece ter demonstrado que é mais do que um simples aperfeiçoamento técnico ou um requinte metodológico”²³⁵.

Ainda no que se refere à contribuição mais teórica, por assim dizer, da história oral, François acrescenta que “seu potencial documental e heurístico vai além dos

²³⁰ VOLDMAN, Daniele. Definições e usos. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, M. M. (org.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 37.

²³¹ Idem.

²³² VOLDMAN, Daniele. op.cit, nota 230. p. 37.

²³³ THOMSON, Alistair; FRISC, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, M. M. (org.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 72.

²³⁴ FRANÇOIS, Etienne. Usos e Abusos. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, M. M. (org.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 3.

²³⁵ Ibidem. p. 7.

aperfeiçoamentos técnicos de uma simples “ciência auxiliar”, podendo, desde que utilizado com conhecimento de causa, desembocar em um verdadeiro salto qualitativo.”²³⁶

Prosseguindo na caminhada em defesa da utilização do testemunho, temos muitos outros pontos a destacar: o primeiro deles é referente às diversas vozes que, através do testemunho, podem se manifestar através das entrevistas. Dessa forma, a história oral é inovadora “pois dá atenção especial aos dominados, silenciosos e excluídos da história e as suas abordagens focam uma história vista de baixo.”²³⁷ Essas pessoas ganham importância só de ter seus relatos solicitados e transcritos pelos historiadores. Assim, tal escolha acaba por gerar “possibilidades quase infinitas e a representatividade bem maior das entrevistas e histórias de vida suscitadas pela pesquisa oral” auxiliando a “reformular o eterno problema da pertinência social da História e também o do lugar e o do papel do historiador na cidade.”²³⁸

Em relação àqueles que desconfiam dos relatos orais, como já citamos ser o caso dos positivistas, quase nunca se aborda a questão que está por trás daqueles que se submetem às entrevistas, ou seja:

as dificuldades e os riscos que podem representar para um indivíduo sua solicitude em responder as perguntas de um pesquisador. Para um depoente, isso custa muito [...] Nada permite retirar da testemunha a posição que ela adquiriu pelo simples fato de ter aceitado responder às perguntas que lhe faziam. Presume-se, portanto, que ela seja sincera no que diz²³⁹

Devemos frisar que o principal para o historiador não é, necessariamente, descobrir a verdade por trás dos relatos e sim ter a percepção daquilo que não foi dito, ou seja, a hesitação, o silêncio e tudo mais que faz parte integrante do discurso dos entrevistados.

Ademais, ressaltam-se os aspectos políticos da história oral que não podem ser esquecidos, uma vez que contribuem no sentido de que se “libere o que está reprimido e se exprima o inexprimível.”²⁴⁰ Logo, podemos ressaltar a função de “purgação da memória e do luto”.²⁴¹ Ao permitir a história vista de baixo, abre-se ainda uma outra porta: permitir que

²³⁶ FRANÇOIS, Etienne. Usos e Abusos. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, M. M. (org.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 9.

²³⁷ Ibidem. p. 4.

²³⁸ FRANÇOIS, Etienne. op.cit, nota 236. p. 14.

²³⁹ VOLDMAN, Daniele. Definições e usos. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, M. M. (org.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 38.

²⁴⁰ Ibidem. p. 12.

²⁴¹ VOLDMAN, Daniele. op.cit, nota 239. p. 12.

“categorias cujo ofício não é escrever possam se expressar, dando a palavra aos esquecidos da história, aos que não tem capacidade, nem tempo, nem vontade de escrever.”²⁴²

Para finalizar, o recurso à história oral pode ser um auxílio até mesmo no sentido de gerar novos questionamentos, através da transformação do objeto histórico de pesquisa ou mesmo um reexame das fontes. Dito isso, podemos concluir, que:

poucos setores da pesquisa histórica esclareçam melhor do que a história oral como a pesquisa empírica de campo e a reflexão teórica sobre as problemáticas e os métodos estão indissociavelmente ligadas, e que demonstrem de maneira mais convincente que o objeto histórico é sempre resultado de sua elaboração pelo historiador. Em suma, que a história é construção.²⁴³

3.2 De trajetória a trajetória: Na raça de Cláudio Cruz e na Young de “Seu” Armando Giesta.

O início de ambos os entrevistados é bastante semelhante: com poucos anos de idade, descobriu-se a paixão por um clube, “Seu” Armando pelo Fluminense, Cláudio Cruz pelo Flamengo. Giesta nos anos de 1930 e Cláudio nos anos 60. O primeiro, ao vir morar no Rio de Janeiro, filho de pai português, adotou o clube das Laranjeiras por conta da descrição daquele que mora na cidade: “Fluminense”. Cláudio herdou a torcida pelo Flamengo de outros membros da família, prática que é bastante comum entre muitos torcedores, que escolhem seu time pelos laços de afetividade que têm com os parentes, normalmente com o pai, ou com alguém que goste muito de futebol. No caso do rubro-negro, ele diz que:

não sabia o que era Flamengo de verdade, não sei porquê eu tava vendo, não sei se foi meu tio Rodrigo que era Flamengo doente que me fez ser Flamengo, ou se foi o Ciro Monteiro, que era amigo do meu pai, que ficava enchendo o saco da gente, tinha a mania de dar a camisa pra tudo quanto é criança.²⁴⁴

Porém, mesmo sem essa percepção, Cláudio afirma que “aí o Flamengo foi campeão e eu tive uma crise de choro.”²⁴⁵ Fruto talvez de um resgate mítico da sua trajetória, a primeira conquista “ao lado” do clube do coração marcou de maneira profunda o depoente, que a

²⁴² FRANÇOIS, Etienne. Usos e Abusos. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, M. M. (org.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 29.

²⁴³ Ibidem. p. 13.

²⁴⁴ Entrevista Claudio.

²⁴⁵ Idem

partir de então, passou a acompanhar o time. Temos, a seguir, outra semelhança entre Armando e Cláudio: ambos dividiram a paixão clubística com um irmão; no caso de Giesta, o mais velho, no caso de Cláudio, o mais novo. Nesse sentido, ao descrever sua trajetória como torcedor do Fluminense, Armando diz que tinha “um irmão mais velho que era também um super-tricolor”²⁴⁶.

Tanto na descrição de um, quanto na de outro, a presença nos estádios de futebol era uma espécie de missão fraternal, pois ambos compartilhavam laços familiares e clubísticos. Por exemplo, Giesta nos conta que “depois aí eu comecei a ver todos os jogos do Fluminense. Porque meu irmão me levava”²⁴⁷ e Cláudio arremata:

daí fomos crescendo, eu e meu falecido irmão, que morreu, que fundou a Raça comigo, César, e nossa situação não era tão boa, então meu pai não dava dinheiro pra gente ir pra jogo. Então, éramos obrigados a andar de Madureira, perto do campo do Cajueiro até Cavalcante, que era um bairro entre Cascadura, que ficava Madureira, Cascadura, Engenheiro Leal, Cavalcante, pra cortar bambu na casa dos meus avós, por parte de pai, a gente levava aqui no ombro pra Madureira e lá a gente fazia vareta de pipa, fazia pipa a semana inteira pra vender, pra poder ir no jogo no domingo²⁴⁸

O contato inicial com o Maracanã é bastante diverso. Armando frequentou o local em que seria construído o estádio em 1938, quando ainda era o *Derby Club*. Aliás, sua primeira aparição é bastante curiosa. Por morar próximo à região, segundo suas palavras:

eu passava pelo Maracanã, eu via o portão do *Derby Club* aberto. Onde hoje é o portão dezoito. Aí eu entrei. Quando eu entrei, veio um cavalo em disparada, eu fiquei na frente, peguei o cavalo. Vinha um mulato forte atrás correndo: pô, garoto, tu entende de cavalo ? Eu falei: mais ou menos. Fui criado dentro de uma cocheira.²⁴⁹

Em sua infância, antes de vir morar no Rio de Janeiro, Giesta morou na cidade de Rio das Flores, onde seu pai teve uma fazenda. Por conta de problemas políticos, teve de vendê-la e toda a família mudou-se para a região do Maracanã. A partir do episódio supra citado, Armando foi contratado para passear com os cavalos, uma vez que já tinha prática em montaria, levando-os sempre para tomar banho nas praias do Caju e Flamengo.

²⁴⁶ Entrevista cedida pelo pesquisador Bernardo Buarque de Hollanda, realizada em 02 de março de 2005, quarta-feira, entre as 14:30hs e as 18:00hs, na Biblioteca do Fluminense Football Club.

²⁴⁷ Idem.

²⁴⁸ Entrevista realizada pelo pesquisador Leonardo Antonio de Carvalho Teixeira, realizada em 11 de janeiro de 2014, quinta-feira, entre as 15:30 horas e as 17:30 horas, no Botequim Vaca Atolada, propriedade do depoente.

²⁴⁹ Entrevista cedida pelo pesquisador Bernardo Buarque de Hollanda, realizada em 02 de março de 2005, quarta-feira, entre as 14:30hs e as 18:00hs, na Biblioteca do Fluminense Football Club.

Após a ocorrência da segunda guerra mundial, as coqueiras acabaram transferidas para a cidade de Petrópolis, na Serra do Rio de Janeiro e, por conta disso, o espaço ficou abandonado. Restava a Armando Giesta se dirigir aos estádios das Laranjeiras – na época ainda recebia jogos oficiais – ou ao estádio pertencente ao Vasco da Gama, que era o maior da cidade até a construção do Maracanã. Lembremos que este local era bastante famoso por receber manifestações patrióticas no Sete de Setembro, além de comícios políticos do então presidente Getúlio Vargas. Sobre a presença nesses comícios, o depoente acrescenta que:

a gente ia lá mais para perturbar (risos). Tiravam a gente da arquibancada, era uma confusão danada. Brasileiro danado daqueles. Tinha que rezar mesmo. Se não rezasse era expulso da arquibancada. Podia até ser expulso de escola, às vezes. Mas acontece que você não pagava, quem pagava era teu pai. Eles achavam que os pais é que metiam na cabeça dos filhos.²⁵⁰

Outra questão muito importante à época foi em torno da localização do estádio a ser construído para a realização da Copa do Mundo de 1950. A disputa se deu entre Carlos Lacerda, político influente, deputado federal do estado da Guanabara naquele momento e o jornalista Mário Filho, já citado por nós nos capítulos anteriores. Lacerda era favorável que a nova praça esportiva ficasse sediado em Jacarepaguá, enquanto Mario Filho defendia o antigo terreno do *Derby Club*. Assim:

e o maior opositor daquilo tudo era o Carlos Lacerda, que era o maior tribuno do Brasil, né. Para derrubar o Carlos Lacerda, a gente ia todo dia, quando acabava a aula, uma turma grande juntava no Maracanã, pegava o ônibus São Francisco Xavier. E o Ary Barroso, o Mário Filho, alguém dava dinheiro a gente para pegar o bonde. A gente pegava o São Francisco Xavier, saltava na Câmara dos Vereadores, no Largo do São Francisco. Ia lá, ocupava as tribunas, né, e ajudava, ajudava o Ary Barroso, o Ary Barroso era vereador. Tinha uma porção de vereador lá. Tinha um tricolor doente também que foi eleito vereador e ajudou muito. Tinha o José Maria Scassa, o Dario de Mello Pinto, esse pessoal todo de futebol. A gente conseguiu derrubar o Carlos Lacerda.²⁵¹

A trajetória de Cláudio Cruz no Maracanã também é bastante peculiar. O torcedor lembra que sua primeira partida no estádio se deu por conta de um jogo entre as seleções do Rio de Janeiro e de São Paulo. Antigamente, na ausência de um campeonato nacional bem esquematizado, era bastante normal que essas partidas ocorressem entre os dois principais estados do país. A curiosidade por si só não reside neste fato e sim na presença da Rainha da Inglaterra Elizabeth na partida. E, claro, do coro nada carinhoso com o qual os torcedores a “homenagearam”. Segundo Cláudio:

²⁵⁰ Entrevista cedida pelo pesquisador Bernardo Buarque de Hollanda, realizada em 02 de março de 2005, quarta-feira, entre as 14:30hs e as 18:00hs, na Biblioteca do Fluminense Football Club.

²⁵¹ Ibidem.

tinha um anúncio antigamente, biscoito São Luis, que tocava muito na incipiente TV Tupi, Excelsior. E tocava na rádio que era assim: “Na hora do lanche, que hora tão feliz, queremos biscoito São Luis”. E o Maracanã todo começou a cantar, do nada, com a rainha Elizabeth lá: “Na hora do lanche, o que hora felizinha, queremos a bunda da rainha”, aí no dia seguinte, dizem que saiu no jornal, lembro de ter visto, eu não sei, que saiu no jornal que ela ouviu aquele canto forte, 200 mil pessoas, cantando aquilo forte, ela achou lindo, e falou pro tradutor dela e o tradutor disse “é uma homenagem que estão fazendo pra senhora”. Isso me marcou muito e aí começa minha trajetória de torcedor do Flamengo, de torcida.²⁵²

Outro ponto que marcou bastante esse início da vida como torcedor de Cláudio, por assim dizer, era a ida até o estádio, sempre acompanhado do irmão, utilizando os trens. Para se destacar no caminho, Cruz conta que:

e vinha aquele trem, todo embandeirado, cortando a cidade. E a gente tinha orgulho de ter mais besteira do Flamengo do que dos outros, nos clássicos. Então cada um fez uma e cada um ia de um lado. Depois de fanatismo comprei mais pano e fiquei com duas bandeiras pra botar duas bandeiras no trem. Meu irmão ficava do outro.²⁵³

Sobre a ida ao estádio antigamente, ambos entram em acordo, mais uma vez: a mudança tanto de público quanto de hábito foi muito grande. Enquanto Giesta diz que “não tinha Barra da Tijuca. Não tinha Ponte Rio-Niterói. O acesso a Petrópolis era mais difícil, naquela tempo era de trem. Então o grande passeio do carioca era o Maracanã, eram as famílias”²⁵⁴, Cláudio acrescenta que “o jogo antigamente era as 3 horas da tarde, a gente chegava as 10 da manhã e ficava esperando pra abrir o portão. Então, tinha que ser, não tinha como”²⁵⁵.

Em relação ao surgimento das torcidas, por ser mais velho e ter frequentado o Maracanã muitos anos antes de Cláudio, Armando Giesta faz em sua entrevista toda a trajetória das torcidas organizadas, desde as pioneiras, como a Charanga Rubro-Negra, nos anos de 1942, liderada por Jayme de Carvalho, a Torcida Organizada do Vasco (TOV), de João de Luca, do Botafogo, lideradas por Salvador Peixoto e Tarzã, até a do Fluminense, liderada por Paulista e sua entrada na Torcida Young Flu, no ano de 1974.

Cláudio Cruz entrou primeiro na torcida chamada Flamar, cuja líder era Verinha. Contudo, cerca de seis anos depois, por conta de problemas internos – uma “besteira”,

²⁵² Entrevista Léo

²⁵³ Idem

²⁵⁴ Entrevista cedida pelo pesquisador Bernardo Buarque de Hollanda, realizada em 02 de março de 2005, quarta-feira, entre as 14:30hs e as 18:00hs, na Biblioteca do Fluminense Football Club.

²⁵⁵ Entrevista Léo

segundo o depoente, um dos grandes amigos de Cláudio e seu irmão, também membro da torcida, chamado Ricardo Meniel, decidiu que sairia da torcida. Em solidariedade, os irmãos Cruz seguiram o amigo e, na dúvida do próximo passo, foi decidido que seria criada uma nova torcida. Após diversos nomes, a ideia veio à cabeça: Raça Rubro-Negra. Ainda nesse sentido, há o absoluto destaque por parte do entrevistado em relação aos feitos da torcida criada por si próprio e seus amigos antes mesmo de sua estreia. Temos, por exemplo, que

a Raça foi a primeira torcida, talvez a única na história, a usar marketing. Nem sabíamos o que era isso. Ficamos durante 6 meses indo pro Maracanã, antes da raça estreiar, indo pro maracanã, antes dos jogos, na madrugada que antecedia, a gente fazia com a caneta as letras “vem ai, Raça Rubro Negra”, aí no outro “Tempo de Tomiris e Pavão está de volta. Flamengo é Raça.” Frases assim. E colávamos em toda volta do estádio, nas bilheterias. E quando entrávamos, colávamos nos banheiros. Dai todo mundo ficava perguntando “que negócio de Raça é esse, que negócio de Raça é esse”²⁵⁶

Outro destaque se dá na confecção da camisa da Raça Rubro-Negra, com a cor vermelha, diferente do modelo tradicional, onde era reproduzido o uniforme dos jogadores e colocado apenas o nome da torcida. O rompimento com a antiga geração, por assim dizer, é destacado por Cláudio:

e aí a preocupação de não fazer uma camisa como todo mundo fazia. Todo mundo pegava uma camisa do Flamengo e botava o nome lá. Não. Nós criamos uma camisa nova, que foi feita por Roberto Legran, que hoje está morando nos Estados Unidos, está até no meu Facebook, que trabalhava na EPI propaganda, que era dos Medina, e lá os caras falaram “Não, bota uma camisa vermelha, assim como o bombeiro que passa, aquele vermelho, isso também vai fazer com que a torcida” e realmente foi. Nós tivemos uma torcida diferente.²⁵⁷

“Seu” Armando não faz por menos no que se refere à Young Flu, como era de se imaginar. Ele destaca o grande número de sócios da torcida, dentre outros feitos:

eu me lembro. Quando começaram a desmontar o time de 86, de 83, nós chegamos a ter catorze mil. Sócios pagos, ali, pagavam direitinho, cinco reais, eu não me lembro quanto era, dois reais, todo mês. A Valéria²¹ era a tesoureira, pode perguntar a ela. A gente comprava, nós comprávamos... a Young comprou Kombi, a Young tinha seus ônibus bons, a Young tinha bandeira em quantidade, fazia todos mês dez, vinte bandeiras, nós levávamos bandeira, botava... tinha dinheiro.²⁵⁸

²⁵⁶ Entrevista Léo

²⁵⁷ Idem.

²⁵⁸ Entrevista cedida pelo pesquisador Bernardo Buarque de Hollanda, realizada em 02 de março de 2005, quarta-feira, entre as 14:30hs e as 18:00hs, na Biblioteca do Fluminense Football Club.

Giesta destaca ainda a participação ativa que a torcida passou a ter após a sua chegada, inclusive dentro do próprio clube, através de reuniões com a presidência, por exemplo. Ele nos informa que:

aí a gente começou a lutar. Mas eu sempre lutei no Fluminense. Eu participei da guerra para vir... quando foi do Gérson, houve uma briga danada no clube. Eu já participei da confusão para vir o Flávio, para vir o Mickey, para vir o Manfrini. As torcidas aqui... as torcidas organizadas passaram a participar, né.(..) aliás, quem levou torcida para dentro de clube fui eu. Porque não tinha. Não, não tinha, não. Aqui era um inferno. Para ter uma reunião com presidente de clube era um inferno. Entrava um a um, ficava piãozinho, ouvia o que o presidente dizia, dava bom dia e ia embora.²⁵⁹

Porém, no discurso de ambos os torcedores, as dificuldades também se fazem presentes. No caso de Cláudio, o problema começa já na estreia da Raça Rubro-Negra no Maracanã, por conta de uma derrota para o Vasco da Gama por 3x0. Em decorrência disso, “Ai o grupo da Vera, inclusive com pessoas que foram pra Raça depois, começaram a sacanear. “Ah, torcida azarada, não sei o quê” começaram a sacanear a gente. E os cartazes que nós colocávamos dentro, às vezes eles arrancavam e rasgavam”²⁶⁰.

Ademais, a Raça Rubro-Negra é fundada em um momento de “boom” no nascimento de torcidas organizadas. Sendo assim, era enorme a concorrência para se colocar faixas com o nome do grupo nos alambrados do estádio. Cláudio conta que:

e brigaram porque nós fizemos mais uma torcida, botar mais uma faixa, ai nós botamos e falamos “não, vai ficar aqui sim” e a gente foi ganhando espaço porque as próprias pessoas dessas torcidas acabaram entrando na Raça, nós fomos pegando espaço e botamos uma faixa “Raça Rubro-Negra”, monstruosa.²⁶¹

Outra polêmica enfrentada pelos membros da Raça Rubro-Negra se refere às músicas de exaltação ao time que eram cantadas no Maracanã. Em um contexto onde reinava o tradicionalismo, em que as pessoas assistiam aos jogos sentadas, não era comum a existência de cânticos muito prolongados para homenagear o time em questão. Cruz assinala que:

a o início da Raça foi tumultuado porque o Flamengo antigamente cantava assim: “Mengo!Mengo!Mengo!”. Você antigamente só assistia jogos sentado, não é isso? Eu ficava sentado. Ai você num momento de “vai marcar, UHH, vai marcar, UH” e gritava “Mengo!Mengo!Mengo!”. Ai você sentava de novo e parava.²⁶²

²⁵⁹ Entrevista cedida pelo pesquisador Bernardo Buarque de Hollanda, realizada em 02 de março de 2005, quarta-feira, entre as 14:30hs e as 18:00hs, na Biblioteca do Fluminense Football Club.

²⁶⁰ Entrevista Léo

²⁶¹ Idem

²⁶² Idem.

A ideia de mudar o ritmo com o apelido do clube, mais prolongado, veio de uma cópia de outras torcidas do país, Atlético Mineiro e Grêmio, mais especificamente, admitida por Cláudio. O depoente acrescentou ainda que foi da Raça a ideia de utilizar sambas-enredos nas arquibancadas do Maracanã. Do lado do Fluminense, Armando Giesta também cita a questão dos sambas-enredos, colocando que praticamente todas as torcidas cantavam essas músicas. E, indo além, tal postura no Maracanã era o referencial de qualidade para qualquer sambista, uma vez que “quando a torcida organizada cantava um samba, era porque o samba era bom. Se não, o samba não prestava. Hoje ela não canta nenhuma, porque nenhum samba presta (risos). É, o samba acabou, né. Você sabe que não tem mais samba. Samba-enredo acabou. É essa bagunça”²⁶³.

Importante destacarmos a questão das músicas entoadas no Maracanã e a forma espontânea como muitas vezes elas surgem. Os exemplos são muitos e tanto Cláudio quanto Armando mostram que são pontos que, em inúmeros momentos, fogem ao controle das Organizadas. No caso do Flamengo, tem-se uma das músicas mais famosas do clube, cantada pela torcida em alto e bom som, que diz “Oh, Meu Mengão! Eu gosto de você! Quero cantar ao mundo inteiro, a alegria de ser Rubro-Negro! Conte comigo, Mengão! Acima de tudo, Rubro-Negro”. Curiosamente, Cruz foi totalmente contra o uso desta cantoria no estádio, por conta da sua inspiração ter vindo de um comercial feito pelo Regime Militar. Cláudio conta que:

e outra história de uma música do cacete, que fui radicalmente contra, e bati de frente e perdi, e soube perder. Que é “Oh, meu mengão, eu gosto de você!”, porque era uma música da ditadura. Que os bonequinhos passavam marchando na televisão, “Oh meu Brasil, eu gosto de você, quero cantar ao mundo inteiro, a alegria de ser brasileiro...” e aí, no final vinha, “Brasil, Ame ou Deixe-o”, na época que tavam exilando nego pra cacete. E eu sempre fui um cara de esquerda, sempre fui um cara ligado às lutas e tal, mas o irmão de um cara que era da Raça, que tinha 5 ou 6 anos de idade, esse garotinho é que fez a versão pro “Oh, meu Mengão”, e eles ficavam cantando lá. Só que eu dizia “Não canta isso, não!”, isso em 77 e 78, resquícius demais da ditadura, mas foi pegando, pegando e explodiu.²⁶⁴

Giesta cita outro exemplo, também utilizado pelos rubro-negros, nesse caso, mais recente, que é a utilização da música “Poeira”, da cantora baiana Ivete Sangalo, apropriada

²⁶³ Entrevista cedida pelo pesquisador Bernardo Buarque de Hollanda, realizada em 02 de março de 2005, quarta-feira, entre as 14:30hs e as 18:00hs, na Biblioteca do Fluminense Football Club.

²⁶⁴ Entrevista Leonardo

pela torcida do Flamengo e, posteriormente, ironizada e transformada pelos rivais em “Favela, silêncio na favela”. Para ele, “isso aí são coisas que saem do povo, espontaneamente.”²⁶⁵

Retornando aos problemas, no que se refere ao tricolor, as maiores dificuldades se davam com a “Força Flu”, torcida fundada antes da “Young”, composta por muitos sócios e liderada por “Paulista”. Seu Armando Giesta conta que a passividade de “Paulista” atrapalhava, uma vez que havia uma ligação muito próxima entre sua organizada e a diretoria do clube. Temos que:

o Paulista abaixava a cabeça, bom dia, boa tarde. E aquele pessoal (que fundou a Young Flu), não, porra, já era o pessoal que vaiava os diretores aqui na Social. Naquele tempo, eu vi presidente do Fluminense sair correndo na Social. O Fluminense perdeu de seis a um do Madureira, aqui dentro, com três gols do Isaías, e o presidente teve que sair. Tomou um banho de tomate podre. Largou a presidência. Era difícil. Mas eram os sócios, não eram os torcedores (...)Aí eu comecei uma campanha em 76, 75, de que o clube tinha que chamar a torcida, as torcidas organizadas para se reunir. Tinham que pedir opinião. Nós tínhamos que opinar! Aí apareceu um candidato a presidente aui em 76, que era o Silva Vasconcelos, que era diretor da Light. Aí nós formamos as facções e partimos para apoiar o Silva Vasconcelos. E ele foi eleito pela primeira vez com torcida organizada. Nós mudamos o pensamento do quadro social. Nós não éramos sócios, não votávamos, mas ganhávamos as eleições.²⁶⁶

Quanto à torcida do Flamengo, é fundamental que citemos o embate de ordem semelhante, entre os dois maiores grupos de torcedores do rubro-negro da Gávea. A Raça Rubro-Negra e a Torcida Jovem do Flamengo têm, já há algum tempo, se confrontado nos estádios e imediações destes, por conta de fatores muitas vezes desconhecidos. Enquanto alguns responsabilizam as alianças feitas com torcidas de outros estádios – por exemplo, a Jovem do Flamengo é muito próxima a Independente do São Paulo, e a Raça próxima da torcida da Ponte Preta – Cláudio coloca o confronto de maneira mais simplificada. Para ele, atualmente, muitas pessoas sequer sabem o que motivou essa rivalidade. E explica o momento em que ela surgiu:

e dentro da Raça começou um trabalho de porradaria, começou com um negócio de briga, mas não era essa briga de hoje não. Era jogar um contra ou outro e tal, mas não sei qual é a intenção, o que que tava havendo. Até que um dia teve uma porrada grande dentro da Raça, eu falei assim: “João, assim não dá. Você me perdoe. Você, você, você e você estão fora da Raça. Aqui eu não quero mais [...] Ai eles foram na falecida Tia Helena, bem velhinha, e pediram pra botar a faixa de novo. Ela foi e deixou. Uma faixinha pequena. Assim como a Raça botou só “Raça”, eles botaram só “Jovem”. E aquele grupelho, não é pejorativo não, é por ser pequeno, ficou ali, toda vez que alguém fazia merda na Raça e eu falava “Meu irmão, aqui não” ele ia

²⁶⁵ Entrevista cedida pelo pesquisador Bernardo Buarque de Hollanda, realizada em 02 de março de 2005, quarta-feira, entre as 14:30hs e as 18:00hs, na Biblioteca do Fluminense Football Club.

²⁶⁶ Idem.

pra Jovem. E ele virava quase que inimigo do Cláudio e da Raça. E aí o que aconteceu? A Jovem foi crescendo (...), o Branco, falecido Branco, só falo em falecido, que assumiu a Raça quando eu saí, Alberto Branco, chamado de Português, não aceitou essa pilha que eles davam em mim de “Pinochet”, e aí, pegou a cadeira e jogou neles e aí a porrada estancou ali na ASTORJ e aí ficou eternamente a briga. Mas a briga foi porque eu botava os caras pra fora e eles iam se juntando, se juntando e se juntando. Essa é a briga Raça e Jovem. O motivo, olha que besteira, e tem gente que está lá que nem sabe do motivo.²⁶⁷

Mas e os conflitos entre torcidas de diferentes times? Passemos agora para essa discussão.

3.3 Amizades, Rivalidades e a Imprensa: breves relatos.

Apesar de hoje, frequentemente, termos notícias de conflitos variados entre praticamente todas as torcidas organizadas, de todos os clubes – fato realçado a partir do episódio chamado de “Batalha do Pacaembu”, como já foi abordado antes – mesmo que de regiões diferentes do Brasil, é preciso destacar que, antigamente, isso podia até acontecer, mas era muito mais raro, sem sombra de dúvidas. Se no fim do Campeonato Brasileiro de 2013, na última rodada, um confronto de dimensões gigantescas entre as torcidas do Vasco da Gama e do Clube Atlético Paranaense foi transmitido ao vivo pela televisão, contribuindo para o a ideia de que as torcidas organizadas são ajuntamentos de marginais, precisamos transmitir os relatos de Cláudio Cruz e Armando Giesta a cerca do relacionamento entre torcidas em décadas anteriores.

Ambos são bastante enfáticos em ressaltar que, naquele momento, havia uma convivência baseada na camaradagem entre os diferentes grupos de torcedores, chegando inclusive a existirem festas conjuntas, namoros, entre outros pontos positivos entre participantes de clubes rivais.

Por exemplo, Armando Giesta destaca especialmente o relacionamento positivo entre a torcida que fazia parte, a Young Flu, e a torcida de Cláudio Cruz, a Raça Rubro-Negra. O depoente tricolor ressalta a importância das mulheres dentro desses grupos. Por conta disso, segundo ele:

na Raça e na Young tinha sempre amigo oculto, todo fim do ano, tinha festa do fim do ano, tinha a festa das torcidas, tinha o aniversário dos componentes. Não. Um

²⁶⁷ Entrevista Léo.

aniversário de uma garota da Young num Fla-Flu, tu ia na sala da Young, você não sabia se era a sala da Young ou se era a sala do Flamengo. Então era assim: você não sabia se o lado era do Vasco ou do Fluminense. Era tudo misturado. Inclusive até o Vasco se misturava.²⁶⁸

Embora Cláudio Cruz não destaque em seu discurso esse ponto, percebemos em sua trajetória como torcedor que muitas lideranças das organizadas eram compostas de pessoas do sexo feminino, como a “Verinha” da Flamar e e a “tia Helena”, responsável pela Torcida Jovem do Flamengo. E, sobre os conflitos, suas palavras contribuem para sustentar a fala de Armando Giesta, na recordação de um tempo mais “romântico”, por assim dizer, entre os torcedores, apesar de algumas rugas que eram fruto, segundo Cruz, da juventude dos participantes:

a torcida adversária ficava do outro lado da rua. E a porrada estancava, de tapa, de não sei o que. E a gente ficava tacando garrafa de um lado pro outro, e os portugueses ficavam loucos “Estais a quebrar as garrafas” e quando acabava de quebrar a garrafa, a gente ia pro Centro, Flamengo contra Vasco, com o falecido Ely Mendes, da Força, Russão, Negão da Young FLu, se abraçava, ia pra Mangueira, ia pro Carangueijo, ia pro Salgueiro, quantas vezes a gente marcava pra ir pra Portela? Todo mundo saía junto. A gente era inimigo, inimigo não, adversário, mas a porrada estancava, saía sangue as vezes, mas era coisa de moleque. Ninguém matava ninguém. Tanto é que a gente saía depois. Nego da força jovem tinha garota da Raça, eu cheguei a namorar garota da Força Jovem. Nós éramos amigos. Era uma coisa você vê, de namorar. Hoje, a própria torcida não consegue se dar com a outra, do mesmo clube.²⁶⁹

Seu Armando adiciona: “de vez em quando tinha umas rugas, né. Mas não era assim como era [...] a violência começou mesmo com o Eurico. O Eurico era foda”²⁷⁰. Outro personagem apontado por Giesta como responsável pela intensificação da violência é chamado de Capitão Léo, que foi presidente da Torcida Jovem do Flamengo no princípio da década de 1990 e, posteriormente, ocupou cargos políticos dentro do próprio clube: “Aí vieram as brigas [...] comandadas pelo Leo [...] com o Vasco, aquela briga terrível, veio o ódio ao Eurico e ele plantou mais ainda ódio”²⁷¹. Acrescenta-se a isso, a própria mudança dentro da TJF, que passou a ostentar símbolos militares como seus. O canhão, hoje principal figura distintiva dos torcedores da Jovem do Flamengo, é uma prova disso.

²⁶⁸ Entrevista cedida pelo pesquisador Bernardo Buarque de Hollanda, realizada em 02 de março de 2005, quarta-feira, entre as 14:30hs e as 18:00hs, na Biblioteca do Fluminense Football Club.

²⁶⁹ Entrevista Léo.

²⁷⁰ Entrevista cedida pelo pesquisador Bernardo Buarque de Hollanda, realizada em 02 de março de 2005, quarta-feira, entre as 14:30hs e as 18:00hs, na Biblioteca do Fluminense Football Club.

²⁷¹ Idem.

Pouco antes, Cláudio Cruz, ao sair da Raça Rubro-Negra, na metade final da década de 1980, parece ter feito uma profecia: “E eu comecei a ver como a violência começou a alastrar, e eu falei assim: “Haverá um tempo em que a melhor torcida organizada será a que tiver o maior calibre.” Eu falei isso no dia da minha despedida, e é o que se vê hoje.”²⁷²

Além disso, Cláudio Cruz parecia ter uma preocupação a mais com a violência: que os conflitos poderiam manchar a imagem da torcida com a imprensa, que era bastante favorável aos feitos desses torcedores organizados, praticando uma cobertura positiva da festa feita nas arquibancadas e dos seus protestos, como vimos no capítulo que trata dos jornais. Então, para que se evitasse uma eventual “desilusão” dos jornalistas para com a Raça Rubro-Negra, Cruz dizia que: “quando for brigar, tirem a camisa.” Porque a camisa da raça era vermelha e era facilmente identificável pela polícia, pela imprensa e a imprensa tinha o maior carinho pela gente, sabia que a raça era pra gritar, pra fazer bandeira, pra fazer enfeite, pra jogar papel picado, papel higiênico e não pra briga”²⁷³.

Nesse sentido, aproveitando a fala do depoente rubro-negro, devemos ressaltar que tanto Armando quanto Cláudio eram figuras bastante queridas por profissionais ligados à cobertura esportiva e, até mesmo, políticos. No caso de Cruz, chamou a nossa atenção o destaque dado em sua entrevista para o trecho em que o torcedor descreve uma homenagem feita por João Saldanha – tratado como “monstro” – para Cláudio, em sua coluna jornalística. Segundo ele, “tenho a honra de ter uma homenagem do João Saldanha, em uma coluna dele, e o João Saldanha é um ícone, ele metendo o pau nas torcidas organizadas ai ele termina com “exceto a Raça. Essa sim tem um líder.”²⁷⁴

Outro ponto que merece ser citado é, “E a Raça caiu nas graças do pessoal da imprensa, fosse de qual clube fosse o cara torcedor, ele gostava da Raça. Ele via que a Raça era uma torcida pra torcer e acabou incentivando as outras a torcer também”²⁷⁵.

Giesta, por outro lado, tinha guardadas as palavras de Jorge Roberto Silveira, Secretário de Esportes do Rio de Janeiro no decurso da década de 1980, em relação às torcidas organizadas e, especialmente, “seu” Armando:

²⁷² Entrevista Léo.

²⁷³ Idem

²⁷⁴ Ibidem.

²⁷⁵ Entrevista Léo.

aos chefes de torcidas organizadas, essas torcidas que fazem com que o futebol do Rio de Janeiro ainda tenha um pouco de brilho. Neste setor, eu tenho um agradecimento particular ao presidente da Associação das Torcidas Organizadas, Armando Giesta, que é um batalhador, um lutador de grande fibra, que foi de grande utilidade na administração. Realmente, Armando Giesta, com seu desprendimento, com seu empenho em ver o Maracanã como a casa das torcidas, que realmente é, nos auxiliou de uma forma profunda, para que pudéssemos chegar a esse final de administração de forma positiva.²⁷⁶

Para que possamos compreender de forma ainda mais cabal a importância de Giesta em relação a outras autoridades, o depoimento dele ao pesquisador Bernardo Buarque menciona sua proximidade com Leonel Brizola, governador do Estado do Rio de Janeiro, entre os anos de 1983 a 1987 e um episódio relativo à sala que a ASTORJ possuía no Maracanã: “quando eles tentaram tomar a minha sala [...] é para tu ver, heim, que eles foram aos desembargadores, quando eles viram que eu estava no meio, nenhum aceitou tomar a sala. Nenhum quis. Não teve um desembargador que teve peito de tomar a sala”²⁷⁷.

Passemos então para um novo tópico tratando da visão dos entrevistados em relação à ASTORJ, à ditadura e ao Maracanã.

3.4 ASTORJ, Política e polícia: algumas considerações.

Nos dedicaremos, a partir desse momento, ao retorno da discussão sobre a Associação dos Torcedores Organizados do Rio de Janeiro, sob um novo prisma: as entrevistas de dois de seus membros mais importantes, afinal, Cláudio Cruz foi vice-presidente da ASTORJ e Armando Giesta o presidente.

Depois de termos analisado a maneira como diversos veículos de imprensa noticiaram o surgimento da ASTORJ, passamos a palavra para Armando Giesta, buscando os motivos que levaram à fundação dessa entidade. Segundo ele:

o que acontece é que as torcidas, cada uma reivindicava uma coisa para si e não saía nada. Então você precisava ter uma representação forte. Um dia o Robson Grace... eu já tinha a idéia de fundar as torcidas, uma associação de torcidas, onde um falasse por todos. É porque todo mundo falava, não adiantava. Tinha que ter um que falasse por todos (...)Aí a gente achou que com uma associação a gente poderia... aí eu fui e encampei a idéia de fundar uma associação. Eu quando fui para a Young, já fui com

²⁷⁶ Entrevista Bernardo. Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, do dia 06 de junho de 1986, páginas 8 e 9, onde se transcreve discurso proferido pelo deputado estadual Jorge Roberto da Silveira.

²⁷⁷ Idem.

essa idéia, de montar uma liderança e depois montar uma associação, onde as torcidas teriam um porta-voz.²⁷⁸

Por trás da busca pela união entre as diferentes torcidas organizadas, em prol de uma luta comum, fica claro que há uma disputa pela memória, nesse sentido, entre os dois torcedores, uma vez que ambos se utilizam do pronome pessoal “eu”, para reivindicar a autoria do movimento. Por mais que Cláudio cite a Raça em “foi devido às grandes manifestações que a Raça estava criando, nós chamamos a todos para o negócio dos ingressos e foi ai que a ASTORJ veio, entenderam o que tinham que fazer”²⁷⁹, ele acrescenta logo em seguida que “talvez tenha sido por isso que EU ganhei a eleição.”²⁸⁰

Podemos perceber, inclusive, ao logo de toda a entrevista com Cláudio, que sua própria personalidade e a Raça Rubro-Negra se confundem, na medida em que o depoente alterna o “eu” pessoal ao “nós”, coletivo, em referência à torcida que ajudou a fundar.

Nas duas entrevistas, de maneira complementar, fica bastante evidente a principal questão que resultou na criação da Associação dos Torcedores, já vista anteriormente em nosso trabalho: “É, o preço! Nós passamos a discutir o preço. Nós chegamos a baixar o preço uma porção de vezes e os estádios ficavam cheios. Num vai dar, a esse preço não vai dar”²⁸¹ e “A fundação da ASTORJ foi o seguinte: nós tínhamos um sério problema, a federação aumentou os ingressos”²⁸²

Porém, ao mesmo tempo em que se buscava a união em prol da redução dos preços, fica muito clara a cisão que havia dentro da ASTORJ, o que dificultou sua sobrevivência a longo prazo e o alcance dos seus objetivos. São muitas as provas que ilustram essa dificuldade em unir as diferentes torcidas, a começar pela escolha de Cláudio Cruz para presidente, que não foi aceita por parte dos torcedores vascaínos presentes na Associação. Segundo o depoimento de Cruz, foi justamente por isso que Armando Giesta alcançou o cargo maior da ASTORJ, por sua indicação, já que ambos sempre foram próximos, como vemos abaixo:

eu ganhei a eleição, mas o César Amâncio não aceitou, disse que ia sair. Eu falei: “Pô, Cesar, aí não dá, foi feito democraticamente uma eleição e eu ganhei”. “Não,

²⁷⁸ Entrevista Bernardo. Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, do dia 06 de junho de 1986, páginas 8 e 9, onde se transcreve discurso proferido pelo deputado estadual Jorge Roberto da Silveira.

²⁷⁹ Entrevista Léo

²⁸⁰ Idem.

²⁸¹ Entrevista Bernardo. Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, do dia 06 de junho de 1986, páginas 8 e 9, onde se transcreve discurso proferido pelo deputado estadual Jorge Roberto da Silveira.

²⁸² Entrevista Léo.

mas eu não aceito ser comandando por um flamenguista. Flamengo não pode ser.” “Mas se você ganhasse, você poderia ser, né?” Mas eu tinha que pensar no macro, ou não penso no mínimo. “Então, César, vamos fazer o seguinte: eu não vou ser o presidente não, mas eu vou escolher a pessoa que vai ser, porque eu ganhei. Mas não vou botar ninguém do Flamengo não.” “Então tá bom.” “Seu Armando, você quer ser?” Seu Armando fechava comigo pra cacete. Ele: “Eu?” “É”. Tudo que acontecia lá, seu Armando falava comigo, um cara equilibrado, uma pessoa do bem pra cacete e aí, eu indiquei seu Armando e ele foi o presidente da ASTORJ. Essa é a história da ASTORJ, eu ganhei a eleição e pra não acabar ali, a gente precisava de uma força pra poder lutar, entendeu? (...)o Armando fechou comigo, nós éramos parceiros, até porque ele era muito do bem, mas os outros dois, capitaneados pelo César, que era um cara culto, mas tinha essa questão intransigente, e aí, essa abertura, essa briga lá dentro, foi por isso. Porque sempre que tinha uma proposta que era nossa, que era minha, o Armando trabalhava muito pra isso, mas não porque ele fechava comigo, mas é porque eu tava certo²⁸³

Desse trecho, se depreendem alguns pontos: a já citada divisão entre as torcidas de Flamengo e Vasco, especialmente, e a proximidade entre Cláudio e Armando, que acabaram por ser os dois primeiros responsáveis pelos rumos da Associação. Esse laço que uniu nossos entrevistados é visto como uma “coisa cultural”, segundo Cláudio, em referência às origens do Flamengo – fruto de uma disputa interna no Fluminense – e, principalmente pelo fato de ambos frequentarem, por conta da tradição, o mesmo lado da arquibancada do Maracanã quando não estão se enfrentando.

Ademais, como podemos perceber, desde a fundação da ASTORJ parece ter havido problemas, sobretudo com as torcidas de Vasco e de Botafogo. A do Vasco, no caso já citado por Cruz e em virtude da atuação do dirigente Eurico Miranda, como podemos ver nas palavras de Giesta: “porque a ASTORJ era unida. Aí o Eduardo Viana e o Eurico, com o poder, desuniram. Se você fizesse uma greve, o Eurico chamava a torcida do Vasco, botava lá dois mil ingressos para a torcida do Vasco, eles espalhavam, o Vasco ia ao jogo. E a outra banda ficava na porta”²⁸⁴.

No que se refere aos botafoguenses, Cláudio cita os diversos furos feitos pelos torcedores do time nos protestos e boicotes aos preços das entradas: “O Russão (líder da Folgada do Russão) sempre furou”²⁸⁵.

Somadas à dificuldade de manutenção da coesão interna, o número de brigas entre as torcidas aumentou consideravelmente em fins dos anos de 1980, através, como já foi dito, especialmente, da chegada de Leonardo Ribeiro, o Capitão Léo, no comando da torcida

²⁸³ Entrevista Léo.

²⁸⁴ Entrevista Bernardo. Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, do dia 06 de junho de 1986, páginas 8 e 9, onde se transcreve discurso proferido pelo deputado estadual Jorge Roberto da Silveira.

²⁸⁵ Entrevista Léo.

Jovem do Flamengo, além das diversas mudanças de lideranças nas outras organizadas do Rio de Janeiro, como no caso da própria Raça Rubro-Negra – Arnaldo Branco substituiu Cláudio Cruz. Giesta corrobora com essa afirmação, ao dizer que muitos abandonaram as torcidas:

por causa da violência. O Tadeu foi presidente do Fluminense, um cara super inteligente. Ele é diretor de uma companhia de banca de jornais. Largou. Quem mais ? O Sérgio Sobral largou. Todos eles largaram a Young, foram embora. Não agüentaram a violência. Começou a ter morte nas costas. O Marcelo não agüentou. O Marcelo foi o que mais segurou. Mas agora saiu fora. Não agüenta. É difícil, rapaz. Teve uma garota que disse que ela viajou no ônibus da Young, pelo amor de Deus, ela falou que só não ficou louca, não sabe por quê. Os moleques são terríveis. Não era assim. Eu não sei o que vai acontecer com a torcida organizada.²⁸⁶

Para Armando, a grande referência em termos de Associação que deu certo é a das Escolas de Samba, que continua forte, apesar das rivalidades internas. No seu depoimento, o antigo torcedor lamentou a perda do poder da ASTORJ e o seu conseqüente fracasso:

perdemos a força. E a briga, e a briga, e a briga. E os outros todos em cima da gente. Aí perdemos o programa de rádio, perdemos o programa de televisão. Aí ficamos fracos, fracos, fracos, até que um dia não teve mais como. Perderam as salas. Foram perdendo tudo. Perderam tudo.” (...)“Tivemos tudo na mão e perdemos tudo. Por isso que nós somos fracos, não temos nada. As torcidas, elas são insignificantes. Elas são importantes por um lado. Mas elas são insignificantes.”²⁸⁷

Apesar disso, a ASTORJ conseguiu muitas vitórias como a redução do preço dos ingressos por inúmeras vezes, direito à uma sala própria no Maracanã e contribuiu de forma significativa para a eleição do deputado Márcio Braga, que acabou sendo posteriormente presidente do Flamengo. Giesta destaca que foi a união de todas as torcidas que permitiu essa vitória nas urnas: “Olha, a ASTORJ elegeu o Márcio Braga deputado federal. Não foi a torcida do Flamengo, não. Foi a ASTORJ, a força dos torcedores. Vasco, Flamengo, Fluminense e Botafogo”²⁸⁸.

Outra vez, a questão da concorrência entre as torcidas é citada, dessa vez por Armando: “o que acontece é que as torcidas organizadas, entre elas, existe uma ciúmeira. Se você apóia um candidato, a outra facção não apoia”²⁸⁹.

²⁸⁶ Entrevista Bernardo. Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, do dia 06 de junho de 1986, páginas 8 e 9, onde se transcreve discurso proferido pelo deputado estadual Jorge Roberto da Silveira.

²⁸⁷ Idem.

²⁸⁸ Entrevista Bernardo. Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, do dia 06 de junho de 1986, páginas 8 e 9, onde se transcreve discurso proferido pelo deputado estadual Jorge Roberto da Silveira.

²⁸⁹ Idem.

A questão da política nos anos de 1980, também foi abordada por nossos entrevistados, como vimos acima, ao ser citada o contexto da Anistia como elemento contribuidor para a emergência da ASTORJ por Armando Giesta. Cláudio Cruz não ficou atrás, como vimos na disputa em torno do canto ou não de uma música criada com o intuito de propagandear a Ditadura Militar, ao se dizer “de esquerda”.

A politização das torcidas e de seus líderes, por extensão, nesse período, se mostra presente no já abordado Flamengo x Fluminense, ocorrido em 1984, onde houve a polêmica visita do goleiro do time tricolor ao então candidato associado ao regime militar, Paulo Maluf. Cláudio Cruz acrescenta ainda que, nesse mesmo período, ele e outros torcedores foram convocados a assinar um panfleto ao lado de grandes artistas sinalizando apoio ao candidato Tancredo Neves:

lembro que nessa época, eu, o Fernando Porfírio, que era , foi depois vice-presidente da Força Jovem e alguns, nós assinamos um documento, em uma noite, com Caetano Veloso e Chico Buarque e tal, assinamos um documento em apoio ao Tancredo. Então, nós participamos muito disso, Efetivamente disso. E essa relação saiu, dos artistas todos do Brasil e nós, pregos, junto de Caetano, não sei quem e tal. Nós saímos nos jornais todos do Brasil (...)Eu me lembro do negócio do Paulo Vitor com o Maluf, aquilo era uma coisa isolada, mas no campo quando o cara levanta a bola tu vai e chuta. Ele levantou, nós batemos. Aquilo nos ajudou por quê? Contra a direita, contra o Maluf e contra o Fluminense. Tem melhor do que isso? Não tem coisa melhor. Então, nós trabalhamos muito nisso sim. Mas não foi nada que sinceramente eu acho que possa ter influenciado em nada não. Nós aproveitamos aquilo ali, na verdade, porque o movimento era muito mais forte, em relação a isso que te falei. Dessa noite, que nós fomos com os grandes artistas, grandes ícones do Brasil todo, e nós pregos lá, nós éramos pregos²⁹⁰

Seguimos agora para a análise da relação entre esses torcedores organizados e a polícia, uma vez que hoje em dia existe um trabalho conjunto na tentativa de se evitar confrontos. E, quando a prevenção não é bem sucedida, é justamente a Polícia Militar quem atua para controlar os ânimos, através do GEPE – Grupo Especial de Policiamento nos Estádios -, no Rio de Janeiro. Sobre este órgão, aliás, Armando Giesta têm muito a contribuir, na medida em que foi um de seus fundadores, “aquilo é ideia minha e do Márcio Braga.”²⁹¹

Destacam-se as diversas atividades exercidas pelo depoente, uma vez que era, simultaneamente, presidente da ASTORJ, da Young Flu e Conselheiro do GEPE. Ainda conforme as palavras de Giesta em relação ao Grupo Especial de Policiamento nos Estádios:

²⁹⁰ Entrevista Léo.

²⁹¹ Entrevista Bernardo. Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, do dia 06 de junho de 1986, páginas 8 e 9, onde se transcreve discurso proferido pelo deputado estadual Jorge Roberto da Silveira.

o GEPE, quando foi criado, nós escolhemos cento e vinte homens. A fina-flor...o pessoal... soldado... soldado foi rastreado, vendo quem era, família... vamos dizer, a criação dele, a família que ele era, de onde ele veio, o que havia de melhor. Com seis meses já estava uma merda (risos)... só tinha... virou bagunça.²⁹²

Atualmente, o GEPE é bastante violento, sendo um setor especialmente preparado para o conflito com os torcedores, como pôde ser notado no trabalho feito por Marcos Alvito, já citado no nosso primeiro capítulo.

As relações de Cláudio Cruz com a polícia não foram assim tão pacíficas e, para tal, devemos citar os problemas ocorridos em fins dos anos de 1970 e início dos 80, por conta da pressão feita por um sargento no sentido de obrigar os torcedores a produzirem suas camisas com uma malharia de sua confiança. Cruz explica que chegou a apanhar por conta de não ter cedido aos pedidos feitos pelo policial:

sargento Fortes era nosso amigo, mas ele se envolveu com um negócio de uma malharia e começou a fazer as camisas nele. Ai falei “Po, sargento, a gente já faz as camisas em outro lugar.” E ai começou uma perseguição com a gente. A gente não podia assistir jogo em pé (...)Me levaram preso lá pra baixo, me deram porrada, em mim, no Rogério, no Ricardo, dois irmãos gêmeos que a gente chamava de “Xerox” e “Fotocópia”, deram porrada na gente, só que eu mantive e não fiz.²⁹³

Porém, a dimensão dessa violência acabou sendo muito maior, por conta das investigações movidas por Sandra Cavalcanti, deputada, que ao lado de Marcio Braga, provocaram uma investigação mais profunda sobre a atuação da polícia nos estádios do Rio de Janeiro. Com toda a repercussão feita pela mídia em torno do caso, a polícia passou a ter de tratar os torcedores de outra maneira, ao menos por um tempo.

3.5 Do Maracanazzo ao Novo Maracanã: Experiências conflitantes

A trajetória de Armando Giesta e Cláudio Cruz é bastante rica, como podemos perceber até então, e nos auxiliam a traçar uma espécie de linha do tempo do Estádio Maracanã, através das diferentes experiências e percepções que os dois torcedores tiveram ao longe de suas vivências no outrora “Maior estádio do Mundo.”

²⁹² Entrevista Bernardo. Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, do dia 06 de junho de 1986, páginas 8 e 9, onde se transcreve discurso proferido pelo deputado estadual Jorge Roberto da Silveira.

²⁹³ Entrevista Léo.

Em julho de 1950, a seleção brasileira enfrentou o Uruguai para aquela que deveria ser a consagração de um povo, com a vitória na Copa do Mundo da Fifa, realizada no próprio país. Porém, o roteiro fugiu ao que era esperado e, para espanto de todo o público presente, sagrou-se campeã a seleção uruguaia, no episódio conhecido como Maracanazo. Estima-se que mais de 200 mil pessoas tenham comparecido àquele jogo, o que é equivalente a 10% da população toda do Rio de Janeiro.

Ao lado dessas milhares de pessoas, estava Armando Giesta, e seu depoimento nos dá uma pequena noção da precariedade que cercava o estádio recém-construído e a enorme facilidade de entrada sem que fosse necessário comprar um ingresso:

Brasil e Uruguai eu entrei com um papel. É, eu cortei um ingresso verde, um papel verde, da cor do ingresso. E foi na mão. Quando chegou na roleta, não pode voltar, voltar não volta. Tu é esmagado contra a roleta e, quando vira a roleta, tu passa. Era assim (...)E antes no Brasil e Suécia, ou foi Brasil e Espanha?... Do lado da estátua do Bellini, ali, naquela subida ali tem um muro, né, aquele muro, tu já viu a grossura daquele muro? A multidão jogou o muro abaixo. A força contra o muro foi tão grande que o muro cedeu, arrebentou, entrou todo mundo por ali. Você olhava lá para a arquibancada, acima das roletas ali da... tu via a multidão passando por cima, correndo. Não, a polícia não pode fazer nada, a polícia ficou olhando. Fazer o quê? Antes do jogo, dez horas da manhã, ali na estátua do Bellini, você só via aquela multidão para lá e para cá, empurrando para lá e para cá, aquela onda: humm, humm. Porra, quando abriu, pelo amor de Deus. Eu não botei o pé no chão. Eu fui até lá com o pé no alto.²⁹⁴

Apesar da relativa facilidade em falsificar uma entrada, como contou Armando, o Maracanã era um passo adiante em termos de conforto. A infraestrutura dos outros estádios era extremamente preocupante, sem que houvesse sequer a possibilidade de ir ao banheiro durante uma partida, como ocorria no estádio do Vasco, o de maior porte da cidade até 1950. Giesta acrescenta que “a arquibancada ficava [...] tu não saía. Tu mijava nas calças e se tivesse que cagar nas calças [...] Tu não saía mesmo. Não tinha para onde ir. Acabava o primeiro tempo tu continuava preso lá em cima”²⁹⁵.

Em relação às lembranças do público que frequentava o Maracanã, “seu” Armando critica a forma com que o público passou a ir ao estádio. Segundo ele, “hoje o cara vem de qualquer maneira. O Maracanã é uma bagunça. Botou aquelas cadeiras para receber um público desses [...] É um público ruim.”²⁹⁶

²⁹⁴ Entrevista Bernardo. Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, do dia 06 de junho de 1986, páginas 8 e 9, onde se transcreve discurso proferido pelo deputado estadual Jorge Roberto da Silveira.

²⁹⁵ Idem.

²⁹⁶ Entrevista Bernardo. Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, do dia 06 de junho de 1986, páginas 8 e 9, onde se transcreve discurso proferido pelo deputado estadual Jorge Roberto da Silveira.

Qualquer tipo de debate em torno do Maracanã, antigo ou novo, passa necessariamente pela questão do preço para frequentá-lo. Em seus primeiros anos, elitizado, era preciso:

juntar dinheiro. Não, não era qualquer um, não. Mas também só tinha jogo aos domingos, né. Então você... se o Fluminense jogasse esse domingo no Maracanã, no outro domingo jogava no campo do Madureira. Então o que que acontecia, já ia menos gente no campo do Madureira. Aquela multidão descansava domingo sim, domingo não. E dava para você juntar dinheiro para ir a jogo.²⁹⁷

A dificuldade em conseguir dinheiro para o ingresso também assolou os primeiros anos de Cláudio e seu irmão. Além da necessidade de vender pipas para juntar a quantia necessária, em outros momentos foi preciso apelar para outras artimanhas, como o episódio em que foi preciso furtar um relógio de um de seus irmãos, que não gostava de futebol, relatado abaixo:

ele ganhou de herança do meu avô, por parte de pai, Manoel Lúcio, um relógio desse tipo de bolso. Imenso, grandão, todo de ouro, e com máquina. Hoje esse troço vale mais de 100 mil. E olha só, eu malandramente e meu irmão que morreu, pegamos o relógio e vendemos por um dinheiro que deu para comprar duas arquibancadas para um Fla x Flu.²⁹⁸

Apesar do comentário feito por Giesta em relação ao “público ruim”, tanto ele quanto Cláudio tem críticas a fazer: por um lado, o excesso do número de jogos, por outro, a elitização que está em curso no futebol brasileiro, por ocasião da modernização dos estádios para a realização da Copa do Mundo de 2014 e pela proposta de majoração do ingresso feita pela atual diretoria do Flamengo.

Sobre o primeiro ponto, Armando coloca que “Três vezes por semana, o povo não tem dinheiro.”²⁹⁹ Vale frisar que já na entrevista, realizada no ano de 2005, o preço do ingresso era de 15 reais, o que já era, na visão do torcedor do Fluminense “caríssimo.” Nas suas palavras:

dez reais está muito bom. Os clubes que se virem, porque eles têm patrocínio, eles têm placa, eles têm tudo... eles que se virem para arrumar dinheiro. Porque dez reais está bem pago, pelo que o povo ganha. Porque também você tem que saber o seguinte: o futebol no Brasil, e no Rio de Janeiro, não é nem da classe média. É do pobre. O torcedor de verdade é pobre. Aquele que chora, que passa mal, aquele da arquibancada que passa mal, que chora, que tudo... aquele torcedor é pobre... que vai de geral, é pobre. Não tem mesmo dinheiro.³⁰⁰

²⁹⁷ Entrevista Bernardo. Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, do dia 06 de junho de 1986, páginas 8 e 9, onde se transcreve discurso proferido pelo deputado estadual Jorge Roberto da Silveira.

²⁹⁸ Entrevista Léo

²⁹⁹ Entrevista Bernardo. Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, do dia 06 de junho de 1986, páginas 8 e 9, onde se transcreve discurso proferido pelo deputado estadual Jorge Roberto da Silveira.

³⁰⁰ Idem.

Cláudio Cruz vai além, criticando as consequências da majoração dos preços, que impedem esse público citado por Giesta de frequentar os estádios, de lotar os trens, como era costume antigamente. Cruz lamenta o estado atual em que se encontra seu próprio clube: “o Flamengo de hoje, elitista, dessa diretoria elitista, que torcedor vai vir da Zona Oeste, Zona Norte, pra pagar 100 reais num FlaxFlu de merda desses? Vai vir de Ferrari, BMW, não vai ter, dá uma pena”³⁰¹.

A entrevista com o fundador da Raça Rubro-Negra traz outra preocupação, que também é fruto do “Flamengo hoje ser a coisa mais elitista que existe”: a perda de torcida e de rótulo de time mais popular do país para o Corinthians, de São Paulo. Para corroborar sua ideia, Cláudio Cruz apela para um dos clichês favoritos utilizados pelos rivais do clube da Gávea, ironizado como “time de bandido”: “Eu preferia ver os mendigos com a camisa do Flamengo, de ver as rebeliões, que era a grande prova que a gente está em todo lugar.”³⁰²

As críticas também se dirigem às transformações estruturais pelas quais passou o Maracanã. Ter seu tamanho reduzido e parte do seu anel superior modificado parece gerar enorme tristeza no entrevistado, que chega a ter a voz embargada:

eu vi várias mutações, transformações ali, porque o Maracanã sempre foi a seca do Nordeste, né? Maracanã foi aonde os governos sempre gostaram de pegar dinheiro do governo federal pra poder fazer dinheiro, né? Pra fazer a sacanagem. E eu vi várias. Mas essa foi criminoso. Essa acabou com a estrutura do estádio. Fui na parte debaixo no último jogo, quando eu saí foi que eu me dei conta, tem um shopping ali embaixo. Você tem que ter conforto, claro que tem. Mas aquilo ali é um troço europeu, não tem a minha característica (...)Perdeu a beleza, esse Maracanã que nós temos hoje, infelizmente, claro que com esses preços cobrados pelo Flamengo, vai ser um Maracanã de Ferrari. A gente não vai ver mais aquele trem bonito chegando, cheio de bandeira, não vai ver, não vai ver. Até porque hoje o cara vai gastar 100 reais se ele pode ver no botequim, ali no gatonet que ele tem.³⁰³

3.6 Torcer = ato de amor?

Para finalizarmos a análise de nossas entrevistas, nos parece de primeira importância recuperar uma das tônicas de ambos os discursos: a de que se filiar a uma Torcida Organizada é, fundamentalmente, um ato de amor, entrega, doação e dedicação absoluta. Ao longo da fala

³⁰¹ Entrevista Léo.

³⁰² Idem.

³⁰³ Ibidem.

desses dois personagens, são inúmeros os exemplos em que se apontam sacrifícios – individuais ou coletivos – em torno da paixão por seus clubes de coração.

Armando Giesta, por exemplo, afirma que “Eu nunca viajei com ônibus do clube. Não! Nenhum de nós, nem ingresso, nem nada. Tudo nós que pagávamos”³⁰⁴. Até a saída da Young Flu se deu por não querer depender do Fluminense e, conseqüentemente, atrapalhar o clube de coração:

eu saí da Young porque eu vi que começou a faltar dinheiro. E que o povo já não tinha mais dinheiro. E que não valia a pena mais. E por eu não aceitar também o “de graça” do clube. Eu não aceitava isso. E como eu não aceitava, achava que não ia dar mesmo, que tinha que sair do nosso bolso, mas do nosso bolso não podia sair, nem do meu porque eu já não tinha. Então eu saí fora³⁰⁵

Já no discurso de Cláudio, além de todas as dificuldades já citadas, destaca-se, frequentemente, as concessões feitas pelo próprio e por outros torcedores, no afã de auxiliar o Flamengo. Ademais, aparece uma crítica ao modelo de gestão atual das Torcidas Organizadas, que se aproveitam da marca do clube para capitalizar mais ganhos, além de ter ingressos disponíveis, materiais de jogo, entre outras concessões feitas em troca de apoio ao clube e às respectivas diretorias. Cruz finaliza sua entrevista com as seguintes palavras:

nós não inventamos nada para dinheiro. Nós inventamos aquilo ali por amor.” Por amor, parceiro. Mas que hoje tem problema na Raça, a Raça pode fazer a merda que for, mas nossa História ninguém vai apagar. Essa história é muito bonita, porque foi uma história de amor ao clube, de amor, parceiro. Os que estavam lá eram apaixonados e só fizeram o bem do Flamengo. Ninguém fez nada com intenção de querer se dar bem, até porque a gente botava o dinheiro da gente, parceiro. Larguei trabalho, não fui só eu não, nós, porque era feito com amor. A gente não era apaixonado pela Raça não. Era pelo Flamengo. Eu tenho muito orgulho de ter participado disso, foi um momento ímpar na História do Maracanã. Foi legal pra caralho. Eu tenho muito orgulho. Nenhuma história tinha envolvimento pra ganhar dinheiro. Várias merdas eu fiz, eu não, o próprio Gustavo, filho do dono da Dietil, gastava o dinheiro todo dele, morava numa casa com 21 empregados, só tinha duas calças jeans. O dinheiro todo que ele ganhava, botava na Raça. Era amor. Só amor, e talvez por isso tenha dado certo. Isso ninguém apaga. Tá certo?³⁰⁶

³⁰⁴ Entrevista Bernardo. Diário Oficial do Estado do Rio de Janeiro, do dia 06 de junho de 1986, páginas 8 e 9, onde se transcreve discurso proferido pelo deputado estadual Jorge Roberto da Silveira.

³⁰⁵ Idem.

³⁰⁶ Entrevista Leonardo.

CONCLUSÃO

Para finalizar, esperamos que nossa pesquisa contribua para os debates cada vez maiores em relação à temática do futebol e, especialmente, das torcidas organizadas. Acreditamos que o entendimento da atuação da ASTORJ seja importante para que novas formas de luta passem a surgir para os torcedores, como um todo, na medida em que os desafios encontrados por esses grupos hoje são crescentes e complexos.

Fundamental acrescentarmos que a imagem passada pela mídia e atrelada às torcidas organizadas têm sido o fator responsável pelo afastamento dos torcedores, como um todo, dos estádios brasileiros. Essa conclusão, apontada por pesquisa recente³⁰⁷, nos mostra que os conflitos entre as organizadas supera outras dificuldades, alguma estruturais, como a ausência do transporte público, fazendo com que a redução do público seja cada vez maior.

Assim, apesar da ASTORJ se situar em contexto bastante específico, há mais de 30 anos, pensamos que diversas de suas atitudes possam servir de exemplo e contribua para que haja uma nova forma de relacionamento entre os torcedores, uma vez que as brigas entre eles tem dificultado atitudes conjuntas, em prol do coletivo, contra o preço abusivo dos ingressos no contexto da Copa do Mundo de 2014, por exemplo.

Nesse sentido, apesar de já haver, no Rio de Janeiro, a FTORJ – Federação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro – cujo objetivo é “unir as Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro, contra as arbitrariedades das autoridades”³⁰⁸, ainda nos parece faltar articulação com o afã de atingir justamente aquilo que o grupo prega como norte. Obviamente, devemos citar algumas atitudes feitas pelo poder público, para tentar resolver ou diminuir esse tipo de violência, como o cadastramento nacional dos torcedores organizados, que muitas vezes ajuda na identificação daqueles flagrados em brigas, através das câmeras de segurança presente nas novas Arenas, muito mais modernas ou das imagens da televisão. Outra medida, vista por muitos como um paliativo, sugere o fim das Torcidas Organizadas que brigam com frequência, como foi ocorreu em São Paulo ou mesmo a proibição do uso de bandeiras e instrumentos de percussão por um tempo determinado, como forma de castigo.

³⁰⁷ “Violência é a principal razão que afasta torcedores dos estádios, diz pesquisa”. Cf: Disponível em: <http://sportv.globo.com/site/programas/redacao-sportv/noticia/2014/02/violencia-e-principal-razao-que-afasta-torcedores-dos-estadios-diz-pesquisa.html>, Acesso em: 25/02/2014.

³⁰⁸ “Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro: TORJ”. Cf: Disponível em: <http://organizadasrj.webs.com/ftorj.htm>. Acesso em: 25/02/2014.

Contudo, a impunidade ainda é um dado muito presente, como provam alguns episódios ocorridos no fim do último Campeonato Brasileiro, em 2013, contribuindo para que os torcedores repensem sua frequência nos estádios. Assim, revisitar a ASTORJ, com seus erros e acertos, também pode servir para a construção de um diálogo mais amplo com as Torcidas Organizadas, para que essa problemática seja melhor resolvida.

REFERÊNCIAS

Fontes:

Jornal do Brasil:

Jornal do Brasil, 3 de junho de 1981.

Jornal do Brasil, 3 de junho de 1981.

Jornal do Brasil, 28 de junho de 1982.

Jornal Última Hora:

Jornal Última Hora, 28 de junho de 1983.

Jornal Última Hora, 11 de setembro de 1984.

Jornal Última Hora, 14 de setembro de 1984.

Jornal dos Sports:

Jornal dos Sports, 4 de junho de 1981.

Jornal dos Sports, 5 de junho de 1981.

Jornal dos Sports, 6 de janeiro de 1982.

Jornal dos Sports 8 de janeiro de 1982.

Jornal dos Sports 28 de julho de 1982.

Jornal dos Sports 29 de julho de 1982.

Jornal dos Sports 31 de julho de 1982.

Jornal dos Sports, 3 de setembro de 1982.

Jornal dos Sports, 4 de setembro de 1982.

Jornal dos Sports, 5 de setembro de 1982.

Jornal dos Sports, 6 de setembro de 1982.

Jornal dos Sports, 7 de setembro de 1982.

Jornal dos Sports, 10 de setembro de 1982.

Jornal dos Sports, 11 de setembro de 1982.

Jornal dos Sports, 12 de setembro de 1982.

Jornal dos Sports, 15 de setembro de 1982.

Jornal dos Sports, 18 de setembro de 1982.

Jornal dos Sports, 15 de setembro de 1984.

Jornal dos Sports, 18 de setembro de 1984.

Jornal dos Sports, 31 de outubro de 1984.

Jornal O Globo:

O Globo, 03 de junho de 1981

O Globo, 04 de junho de 1981,

O Globo, 05 de junho de 1981.

O Globo, 07 de janeiro de 1982.

O Globo, 31 de julho de 1982.

O Globo, 31 de julho de 1982.

O Globo, 27 de junho de 1983.

O Globo, 28 de junho de 1983.

O Globo, 24 de setembro de 1984.

O Globo, 24 de setembro de 1984.

O Globo, 4 de setembro de 1984.

O Globo, 6 de Setembro de 1984.

O Globo, 10 de setembro de 1984.

O Globo, 11 de setembro de 1984.

O Globo, 14 de setembro de 1984.

O Globo, 15 de setembro de 1984.

O Globo, 16 de setembro de 1984.

O Globo, 17 de setembro de 1984.

O Globo, 18 de setembro de 1984.

O Globo, 20 de setembro de 1984.

Revista Placar:

Revista Placar, 12 de junho de 1981.

Revista Placar, 3 de julho de 1981.

Revista Placar, 21 de setembro de 1984.

Revista Placar, 28 de setembro de 1984.

Verbetes:

Consulta ao acervo online do CPDOC, relativos ao Jornal do Brasil, Última Hora e O Globo.

Entrevistas:

Entrevista com Armando Giesta, ex-presidente da Young Flu, fundador da ASTORJ, feita pelo pesquisador Bernardo Buarque de Hollanda em 02 de março de 2005.

Sites:

<http://jblog.jb.com.br/flamengo/2012/07/19/erros-crassos-bandidagem-e-maluf-as-marcas-indeleveis-do-tri-estadual-oitentino-do-fluminense/paulo-vitor-e-maluf/>

Bibliografia:

ALMEIDA, Gelsom Rozentino de. *História de uma década quase perdida: PT, CUT, crise e democracia no Brasil: 1979-1989*. Rio de Janeiro, Garamond, 2012.

ALVITO, Marcos. Maçaranduba neles! Torcidas organizadas e policiamento no Brasil. In: *Revista Tempo - Uma história do esporte para um país esportivo* [S.l.], n. 34, p. 81-94, jun. 2013.

BECKER, Jean-Jacques Usos e Abusos. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, M. M. (org.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992
_____. *Sobre a Televisão: seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BUFFORD, Bill. *Entre os vândalos*. Rio de Janeiro: Companhia de Bolso, 2010.

CURI, Martin. O Estádio Engenhão no Rio de Janeiro: espaço dos torcedores?. In: BISCARDI, Carlos Henrique; COSTA, Leda; CURI, Martin (orgs). *Enquanto a Copa não vem*. Rio de Janeiro: Eduff, 2013.

DA MATTA, Roberto (org.). *Universo do Futebol*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

- FOER, Franklin. *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. São Paulo, Zahar, 2009.
- FRANÇOIS, Etienne. Usos e Abusos. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, M. M. (org.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- GABRIA, Gustavo. *La Doce: a Explosiva História da Torcida Organizada Mais Temida do Mundo*. Buenos Aires: Panda Books, 2012.
- GUEDES, Simoni Lahud. Futebol e identidade nacional. In: PRIORE, Mary del; MELO, Victor Andrade de (orgs). *História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Unesp, 2009.
- HABERMAS, Jurgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- HOLLANDA, Bernardo Buarque de. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das jovens torcidas cariocas*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2009.
- _____. “O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil”. In. HOLLANDA, Bernardo Buarque; MELLO, Victor Andrade de. (orgs). *O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do Jornal dos Sports entre 1930 e 1980*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2012.
- HORNBY, Nick. *Febre de Bola*. Rocco: Rio de Janeiro, 2008.
- JÚNIOR, Hilário Franco. *A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- KRITSCH, Raquel. Esfera pública e sociedade civil na teoria política habermasiana: considerações histórico-conceituais introdutórias. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº 4, Brasília, novembro de 2009. p. 317-342.
- MAIA, Rousiley, CASTRO, Maria Céres Pimenta Spínola (orgs). *Mídia, esfera pública e identidades coletivas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- MALAIA, João. *Placar 1970*. In. HOLLANDA, Bernardo Buarque; MELLO, Victor Andrade de. (orgs). *O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do Jornal dos Sports entre 1930 e 1980*. Rio de Janeiro: 7 letras.
- MATHEUS, Leticia. BARBOSA, Marialva. O Jornal do Brasil e as noções do tempo histórico no fazer jornalístico. *Revista FAMECOS*, nº 35, Porto Alegre, abril de 2008.
- MURAD, Mauricio. **A Violência no futebol**. Coleção *Para entender*. Benvirá, Rio de Janeiro, 2012.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. São Paulo, Nova Fronteira, 2000.

- SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985. In: FERREIRA, Jorge. *O Brasil republicano: o tempo da ditadura*. 4. v. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- TEIXEIRA, Rosana da Câmara. Torcidas jovens: paixão, amizade, aventura. In: ALVIM, R.; GOUVEIA, P. *Juventude anos 90: conceitos, imagens, contextos*. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2000.
- THOMSON, Alistair; FRISC, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, M. M. (org.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- TILLY, Charles (2009). Os movimentos sociais como política. *Revista Brasileira de Ciência Política*, n° 3, Brasília, janeiro-julho, 2010, p. 133-160.
- VOLDMAN, Daniele. Definições e usos. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, M. M. (org.). *Usos & Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- WISNIK, José Miguel. *O Veneno Remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.